

MESTRADO DE PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA

EDIÇÃO 1996/98

ISPA

DM
CURA. 1

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**DA REPRESENTAÇÃO DE COISA À
REPRESENTAÇÃO DE PALAVRA:
*SONHO, DELÍRIO E LINGUAGEM***

DO ALUNO: VASCO LUÍS FERRO CURADO

Nº 881

ORIENTADOR: PROF. DOUTOR CARLOS AMARAL DIAS



ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada
Centro de Documentação
Registo: 14428
Data: 27/10/2003
Tel.: 21 831 17 50 • biblioteca@ispa.pt

A Idade de Ouro voltará quando todas as palavras, as imagens das palavras, os mitos e todas as imagens, as imagens dos pensamentos, forem hieróglifos.

Novalis, *Freiberger naturwissenschaftliche Studien* (1798)

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	4
CAPÍTULO 1: Da representação de coisa à representação de palavra	7
Representação.....	7
Uma questão terminológica.....	8
Afecto e representação.....	9
Pulsão e representação.....	10
Representação de coisa e representação de palavra.....	11
Da alucinação primitiva ao processo secundário.....	14
Valor continente da representação e da simbolização.....	16
Representação e simbolização.....	17
Alucinação negativa e representação.....	21
Do objecto referente à representação simbólica.....	22
Recapitulação.....	25
CAPÍTULO 2: O sonho como condição regressiva da mente	29
O regressivo e o arcaico nos sonhos.....	29
O trabalho do sonho.....	32
A regressão no sonho.....	40
resto diurno e o desejo inconsciente.....	42
Da alucinação primitiva à linguagem verbal.....	42
A representação simbólica e a função simbólica.....	46
Sonhos e linguagem.....	49
A metáfora e a metonímia no sonho.....	52
Recapitulação: coisas, palavras e sonhos.....	55

CAPÍTULO 3: O delírio	58
Delírio e sonho.....	59
O delírio na obra de Freud.....	60
Estados matriciais do delírio.....	66
A projecção delirante.....	68
Regressão.....	69
A regressão no delírio da máquina de influenciar.....	70
A linguagem e o delírio esquizofrénico.....	73
A anti-conflitualidade dos esquizofrénicos.....	77
Transformações em alucinosis.....	80
Recapitulação.....	81
CAPÍTULO 4: A vida da linguagem	85
A formação simbólica.....	86
Palavra e coisa.....	89
A língua primitiva.....	92
Simbolismo inconsciente e simbolismo da linguagem.....	94
A aquisição da linguagem verbal.....	99
Da carne ao verbo, do corpo ao código.....	102
A linguagem como máquina de influenciar.....	104
Metáfora e integração.....	106
A vida da metáfora.....	108
O desenvolvimento da abstracção.....	112
Da imagem ao alfabeto.....	115
UMA REFLEXÃO ÚLTIMA	121
BIBLIOGRAFIA	127

INTRODUÇÃO

“A palavra, o veículo do espírito, o utensílio, o resplandecente arado do progresso. (...) Porque a palavra era a honra dos homens e só ela tornava digna a vida do Homem. (...) Escrever bem já é quase pensar bem e daí a agir bem não há muita distância.” O autor das linhas que acabámos de transcrever é Thomas Mann, em *A Montanha Mágica*. Nelas podemos encontrar uma franca e exultante manifestação de apreço pela palavra, utilizando uma metáfora que reconhece na palavra a sua utilidade instrumental e o seu inestimável valor para o espírito, o progresso, a vida e a condição humana. Vislumbramos também aí as ligações do verbo com a acção, assunto que se nos revelará de grande importância. Curiosamente, numa carta dirigida ao mesmo Thomas Mann, felicitando-o pelo seu 60º aniversário, Freud diz: “As palavras de um escritor são acções.”

Porque é que as palavras são a honra dos homens? Onde é que as palavras vão buscar esse poder de influenciar a acção, o pensamento e a sensibilidade daquele que as pronuncia, as ouve ou lê? Como é que as palavras, apesar de ancoradas no corpo erógeno, sintetizam e integram uma ordem simbólica mais elevada que formula abstracções sobre a vivência do mundo?

Freud (1916-17) observa: “As palavras, originalmente, eram mágicas e até hoje conservam muito do seu antigo poder mágico. Através das palavras uma pessoa pode tornar outra jubilosamente feliz ou levá-la ao desespero, por palavras o professor veicula o seu conhecimento aos alunos, por palavras o orador conquista os seus ouvintes para si e influencia o seu julgamento e decisões. As palavras suscitam afectos e são, de modo geral, o meio de mútua influência entre os homens.”

Por toda a parte assistimos a esta influência determinante das palavras. A palavra exalta ou deprime, embriaga ou adormece a capacidade intelectual do

ouvinte, contando para isso com a participação da postura, dos gestos, da inflexão de voz. E veja-se a peculiar vivência que é para a criança apreender os objectos e experiências através de palavras ouvidas e repetidas por ela própria, maravilhando-se com esse poder evocativo que adquire manipulando e conjugando palavras, o que amplia de modo espectacular a sua influência sobre os outros e o seu conhecimento do mundo. Com palavras se apreende de modo operacional o presente, tenta-se recuperar o passado perdido, antecipa-se o futuro. A actividade de representar e simbolizar gera sentidos, significações, interpretações capazes de lidar com os factos que invadem a esfera da sensibilidade e da afectividade, trabalhando-os de diversos modos. Mais do que isso, a linguagem e a função simbólica estruturam a própria subjectividade; só depois de se constituir como sujeito humano pela linguagem, capaz de auto-representação, com uma identidade própria e o corpo diferenciado do meio ambiente, pode-se usar a linguagem como instrumento de comunicação.

A qualidade evocativa das palavras deve-se às vivências concretas que estão na sua origem. A palavra adquire um nível de representação abstracta por uso generalizado, mas nasce a partir da carne e do sangue do sujeito que deverá emergir de uma matriz diferenciada de experiências concretas sinestesticamente moldadas. É dessa fonte que provêm as palavras, por mais abstracto e intangível o significado que venham a adquirir mais tarde. Nascem para dar expressão e sentido a essas experiências primordiais, tendendo depois a afastar-se delas e a quase esquecer as antigas origens. A investigação etimológica e arqueográfica reencontra significados e cenários concretos enterrados no seio das palavras. E também algumas condições regressivas da mente, como o sonho e o delírio, trazem à luz da consciência perplexa ligações e associações que jazem no Inconsciente e no corpo daquele que sonha, delira e fala. Veremos como as construções metafóricas, participando na linguagem, integram esses aspectos que outrora foram vividos e que formam a argamassa do edificio da linguagem verbal.

O primeiro capítulo, de carácter introdutório, trata da representação psíquica, que será confrontada com a pulsão, o afecto, a alucinação negativa, a

simbolização e, pelas correspondências entre representações de coisa e representações de palavra, com a linguagem. O segundo e o terceiro capítulos debruçam-se sobre condições mentais regressivas, o sonho e o delírio respectivamente, e o modo como restauram um funcionamento psíquico mais primitivo de onde deriva, evolutivamente, a linguagem verbal. O quarto capítulo investiga a linguagem, ou melhor, a *vida natural da linguagem*, e nele veremos como as metáforas vivas, originais, próximas do afecto-acção, se convertem em metáforas extintas, que são o próprio lastro da discursividade verbal abstracta.

Assim, a partir das palavras quisemos recuperar as imagens que estiveram na sua origem e estão ainda no seu cerne. Apesar da infinidade virtual de significados e transformações inovadoras, num sentido progressivo, as palavras também nos conduzem, num sentido regressivo, para além delas próprias, às imagens alucinatórias e às experiências sensoriais cuja marca transportam. Quisemos percorrer este caminho regressivo, não só porque ele explica em parte o movimento progressivo da linguagem verbal como também permite reencontrar algo da nossa natureza arcaica, íntima e essencial, já não deformado pelo verbo, o qual tanto ilumina como ofusca na sua própria luz.

Para nós, muitas palavras actuais serão caixões que encerram imagens e significados que queremos exumar. O nosso trabalho é comparável ao dos *ressurrecionistas*, ladrões que abriam os túmulos para roubar as jóias dos mortos. As jóias que procuramos são as metáforas vivas que o uso generalizado e o tempo enterraram em conceitos-caixões tornados cada vez mais abstractos. Será que desse trabalho sinistro de saqueadores de túmulos resultará a recuperação (a ressurreição) do que outrora foi beleza viva?

CAPÍTULO 1: DA REPRESENTAÇÃO DE COISA À REPRESENTAÇÃO DE PALAVRA

Representação

A representação está no próprio cerne da teoria e da prática psicanalíticas; estas desenvolvem-se ao nível das representações. Para Freud (1915), o Inconsciente é formado por elementos representativos da pulsão. A pulsão só pode estar presente no Inconsciente e tornar-se objecto de consciência através da representação.

Laplanche e Pontalis (1967) recordam-nos que Freud faz um uso original do termo clássico *Vorstellung*, que designa “aquilo que representa, o que forma o conteúdo concreto de um acto de pensamento” e “a reprodução de uma percepção anterior”. Freud distingue a representação e o afecto, tratados de modo distinto pelos processos psíquicos. O quantum de afecto pode ser deslocado para uma representação anódina (neurose obsessiva) ou convertido em energia somática (histeria).

No uso freudiano mais predominante, a representação é aquilo “que do objecto se vem inscrever nos sistemas mnésicos” (Laplanche e Pontalis, 1967). Os traços mnésicos não são impressões que permanecem numa simples relação de semelhança com o objecto, mas dispõem-se em sistemas de forma permanente e são reactivados pelo investimento e evocados em contextos associativos. Os traços mnésicos são assim sinais coordenados com outros, não ligados a qualidades sensoriais simples, pelo que a *Vorstellung* de Freud pode ser aproximada do conceito linguístico de significante.

Não é fácil estabelecer uma distinção entre o traço mnésico e a representação como investimento do traço mnésico, porque não se concebe satisfatoriamente um traço mnésico puro, ou seja, uma representação desinvestida tanto pelo Inconsciente como pelo Pré-Consciente.

Uma questão terminológica

D. Houzel (1994) salienta que o termo *Vorstellung* tem conotações não incluídas no termo *Representação*: representação remete para *pôr em imagem*, para uma *delegação* ou para *estar no lugar de*. *Vorstellung* tem uma significação geral, correspondendo mais ao verbo *representar-se* do que *representar*. Designa mais uma actividade mental do que um *pôr em imagem*. Assim, poder-se-ia com propriedade traduzir a palavra alemã por *ideia*, *noção de*, *concepção* ou até mesmo *actividade mental*.

Esta análise torna-se ainda mais pertinente quando nos confrontamos com a expressão *Vorstellungsrepräsentanz*, habitualmente traduzida por *Representante da representação* ou *equivalente ideativo*. Freud usa o termo *Repräsentanz* para significar *pôr no lugar de*, sentido que existe na palavra *Representação* mas não em *Vorstellung*, pelo que não há uma redundância entre *Vorstellung* e *Repräsentanz* como há entre *Representação* e *Representante*. *Vorstellung* reenvia para a actividade do espírito, que é especificada pela palavra *Repräsentanz* no sentido de uma actividade de representação, de *pôr no lugar de*.

Houzel (1994) encontra uma aplicação do termo *Vorstellung* quando assim entendido: trata-se do jogo da bobina, onde a criança não apenas transforma uma perda sofrida numa perda controlada mas identifica-se também com a mãe prestes a efectuar a acção de a abandonar. Não há somente uma representação da mãe pela bobina mas um modo concreto de pensar a ausência como acção: afastar-se, fazer desaparecer, e pensar o regresso na acção de se aproximar, fazer reaparecer. *Vorstellung* serviria para designar esta relação dinâmica entre o sujeito e o objecto, ou o sujeito identificado com o objecto na relação que os une.

Afecto e representação

Para Freud, a pulsão exprime-se tanto pela representação como pelo afecto, o qual é a tradução qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações (Laplanche e Pontalis, 1967). A primeira relação estabelecida entre afecto e representação evocava um acontecimento traumático. A tentativa do desligamento catártico é substituída pela tomada de consciência e rememoração das representações recalçadas, dando origem à terapia baseada na associação livre e na análise dos sonhos.

Logo aí se torna evidente para Freud que o afecto pode separar-se da representação, estando reservados para ambos destinos diferentes. A autonomia do afecto passa a implicar uma concepção quantitativa dos investimentos psíquicos. Nos textos metapsicológicos de 1915, o afecto é a tradução subjectiva da quantidade de energia pulsional e o *quantum de afecto* designa o aspecto energético. O afecto, parte energética da pulsão dotada de uma qualidade e de uma quantidade, liga-se ou desliga-se do representante-representação (equivalente ideativo) e gera qualidades de prazer/desprazer, agradável/desagradável.

A pulsão reenvia para estados de prazer/desprazer; a representação exprime um trabalho psíquico que põe em forma estes estados através de relações e ligações que ela tece com outras representações (R. Cahn, 1994). A representação é assim uma interpretação da realidade interna e externa que mistura sentido e significação, estando esta última mais ligada à representação de palavra, o que implica a atribuição de um valor cultural (trans-pessoal) através de signos.

A representação é inconcebível quando se separa artificialmente o elemento representativo e o elemento energético-afectivo, mas, como sublinha Cahn (1994), a essência do afecto não cabe nos limites da linguagem, dado que pode ser recalçado ou deslocado, tornar-se angústia ou exprimir-se metaforicamente no corpo. Se o afecto ligado é manejável e transformável, permitindo a circulação de pequenas quantidades de energia e a simbolização, o

afecto desligado e não transformável produz traumatismos e defesas mais primitivas, sem possibilidade de representação e simbolização dos conflitos. O afecto que transborda as possibilidades discursivas (dizíveis) destrói o controlo do Eu e a organização psíquica assente no simbolizável e no representável.

A. Green (1985), interrogando-se sobre o representante psíquico da pulsão e o equivalente ideativo, enfatiza que o equivalente ideativo provém do mundo exterior e o representante-afecto é induzido na relação com o outro. A pulsão como força espontânea, e exigindo representantes psíquicos das excitações corporais, tem de ser mediada para alcançar uma manifestação pensável; essa mediação é o Outro, é a representação integrada no circuito da identificação, mas as mediações (representações) não devem ser confundidas com o que é mediado.

Também C. David (1985) considera que somos sempre tributários de uma mediação, imagem ou palavra, para aceder às formações inconscientes. É o que se entende quando Freud (1915) diz que o reino psíquico é da ordem do Pré-Consciente, dado que os afectos e as formações inconscientes se tornam acessíveis quando mediados ao nível do Pré-Consciente. No entanto, C. David (1985) crê que existem afectos isolados, culturas puras do afecto, ou, como diz Green (1985), “um movimento à espera de uma forma”. Os afectos puros, desligados, são informativos sobre as patologias que resistem aos esforços do tratamento analítico.

Pulsão e representação

A. Fréjaville (1989) investiga as relações entre a pulsão e a representação, partindo da assunção de que a pulsão (uma excitação para o psiquismo) procura ser representada, produzindo o pensamento através de representantes-afectos e equivalentes ideativos, que organizam originalmente o desejo de satisfação segundo o princípio do prazer.

Embora a pulsão não se esgote na representação e subsista sempre um resto pulsional, a verdade é que a representação apazigua, produz a qualidade de prazer que conduz a criança a exprimir os seus desejos pelo gesto ou pela palavra. Se é certo que a palavra reduz a coisa, a coisa é indutora de associações de palavras, ao infinito. O desfasamento inevitável entre a pulsão e a representação é indeterminado e daí a sua riqueza; daí também o remodelar constante da representação (Fréjaville, 1989).

A criança nasce num universo de pré-formas representativas e de signos linguísticos cujas imagens sonoras dão conta de significantes, com um afastamento semântico indispensável. É através da relação dialéctica com a psique materna que a criança apreende estes signos. A língua (*materna*) pertence, por sua vez, ao socius, cujos usos e costumes assinalam a triangulação. A criança, passiva face aos códigos e normas, é activa no uso destes para representar moções de desejo e reduzir tensões pulsionais. O uso activo ou passivo que o sujeito vem a fazer fornece informações sobre o seu funcionamento psíquico e a sua dependência face à psique materna.

Representação de coisa e representação de palavra

Freud assinala dois níveis de representação: as representações de coisa e as representações de palavra, distinção que tem um alcance tópico central (Laplanche e Pontalis, 1967). As representações de coisa caracterizam o sistema Inconsciente e estão numa relação mais imediata com a coisa; assim, na alucinação primitiva é considerada equivalente ao objecto percebido e investido quando ausente.

A representação de coisa deriva da coisa, essencialmente visual, forma-se a partir dos traços mnésicos deixados pelas experiências de satisfação; quando os traços acústicos deixados pelas cadeias significantes sonoras (as palavras) se associam às representações de coisa, designando estas, constituem-se as representações de palavra (B. Gibello, 1984). A ligação entre as representações

de coisa e de palavra caracteriza o sistema Pré-Consciente-Consciente, enquanto que o Inconsciente apenas contém representações de coisa.

No artigo *O Inconsciente*, Freud (1915) adianta esta definição: “A representação de coisa consiste num investimento, se não de imagens directas da coisa, pelo menos no de traços mnésicos mais afastados, derivados dela.” Aqui reencontramos a representação como um reinvestimento que reactiva o traço mnésico (o qual é apenas a inscrição do acontecimento) e a presença da representação de coisa em complexos associativos consoante os seus diferentes aspectos.

As representações de palavra resultam da ligação entre a verbalização e a tomada de consciência. A imagem mnésica adquire o índice de qualidade próprio da Consciência quando se associa a uma imagem verbal, o que nos permite compreender a passagem do processo primário para o processo secundário e da identidade de percepção (que visa restaurar uma percepção equivalente à imagem do objecto da vivência de satisfação) à identidade de pensamento (que instaura a identidade dos pensamentos entre si, libertando os processos psíquicos do domínio exclusivo do princípio do prazer).

A distinção entre representações de coisa e representações de palavra tem um valor tópico fundamental que não corresponde simplesmente a duas variedades de traços mnésicos. Assim é que na esquizofrenia e no sonho as representações de palavra podem ser tratadas como representações de coisa, submetidas às leis dos processo primário e aos mecanismos da condensação e do deslocamento.

O Inconsciente e o Pré-Consciente mantêm um grande número de relações entre si, influenciando-se mutuamente e produzindo os derivados do Inconsciente (Freud, 1915). Estes tornam-se conscientes enquanto formações e sintomas substitutivos, depois de sofrerem uma distorção imposta pela censura.

A análise da esquizofrenia permite-nos conhecer melhor o Inconsciente. Esta *neurose narcísica*, como Freud preferia chamar-lhe, implica um desinvestimento objectal e a restauração de um narcisismo primitivo. A

esquizofrenia apresenta notáveis alterações da fala, onde referências a órgãos corporais e inervações têm lugar de destaque (podendo formar uma *fala do órgão* com conotações hipocondríacas), presidindo a todo o encadeamento de pensamento.

Freud realça que na esquizofrenia as palavras estão sujeitas ao processo primário, sofrem uma condensação e um deslocamento que transfere os seus investimentos de umas para outras. Uma palavra que admita várias conexões pode estar no centro de todo um encadeamento de pensamento. Também os sonhos tratam as palavras como coisas, gerando neologismos do tipo esquizofrénico.

As formações substitutivas e os sintomas esquizofrénicos adquirem um carácter mais estranho (em comparação com as neuroses obsessiva e histérica) pela influência imposta pela semelhança de palavras: “o que dita a substituição não é a semelhança entre as coisas denotadas, mas a uniformidade das palavras empregadas para expressá-las” (Freud, 1915).

Assim, a esquizofrenia retém o investimento das representações de palavra, sendo a representação consciente do objecto subdividida em representações de palavra e representações de coisa. A representação inconsciente consiste apenas em representações de coisa. Se o sistema Inconsciente contém os investimentos primordiais de coisas, o Pré-Consciente surge pelo hiper-investimento das representações de coisa, que liga estas às representações de palavra correspondentes, originando uma organização psíquica mais elevada que, ao nível do Pré-Consciente, impõe o processo secundário ao processo primário. Deste modo, o recalçamento das representações, nas neuroses de transferência, impede que as representações sejam traduzidas em palavras.

As representações de coisa que não se podem tornar conscientes através dos seus próprios resíduos perceptivos, porque o pensamento (actos de investimento relativamente distantes da percepção) não pode reter as qualidades desses resíduos, têm de se reforçar com novas qualidades para se tornarem conscientes. Estas novas qualidades são proporcionadas pelas palavras, que

representam relações entre representações de coisa, o que é um dos aspectos essenciais dos processos de pensamento.

A *fuga* que o Eu empreende na esquizofrenia implica um desinvestimento das representações inconscientes do objecto, com um hiper-investimento concomitante das representações de palavra que lhes correspondem. Este hiper-investimento das representações de palavra não é parte da repressão esquizofrénica mas sim uma tentativa de cura que envereda por “um caminho que conduz ao objecto através da sua parte verbal, vendô-se então obrigada a contentar-se com palavras em vez de coisas” (Freud, 1915).

Da alucinação primitiva ao processo secundário

Ao estudar o funcionamento regressivo da mente nos sonhos e nas alucinações, Freud (1900) chega à compreensão do papel desempenhado pelos processos verbais de pensamento na adaptação às exigências da realidade.

Os sonhos têm o valor de nos mostrar o método primário de funcionamento do aparelho psíquico, abandonado porque ineficaz. O estado primitivo do aparelho psíquico envolve um desejar baseado no investimento alucinatório da recordação da satisfação. Vejamos com algum pormenor este desenvolvimento, que serviu de modelo ao longo de toda a obra de Freud e tem sido desde sempre trabalhado e investigado pelos psicanalistas.

Uma força ou necessidade interna em acção contínua não se contenta em ser descarregada pelo movimento. Tem de haver uma *vivência de satisfação* que ponha fim ao estímulo interno, que no caso do bebé com fome é o auxílio externo da nutrição. A vivência de satisfação comporta ainda a percepção desse auxílio, cuja imagem mnésica passa a estar associada ao traço mnésico da excitação produzida pela necessidade. Quando essa necessidade for despertada, haverá uma moção psíquica que tentará reinvestir a imagem mnésica da percepção e reevocar a própria percepção, para restabelecer a situação de satisfação original. Esta moção é o *desejo* e o reaparecimento da percepção é a realização do desejo. É o

caminho mais curto que conduz directamente da excitação provocada pelo desejo para o investimento completo da percepção, e deve ter havido um estado primitivo do aparelho psíquico em que esse caminho era efectuado, terminando o desejo em alucinação. O objectivo desta primeira actividade psíquica é, então, a *identidade de percepção*, a repetição da percepção vinculada à satisfação da necessidade.

No entanto, a experiência transforma esta actividade primitiva numa actividade secundária, visto que a identidade perceptiva pela curta via da regressão só teria o mesmo valor da percepção vinda do exterior se fosse ininterrupta, o que esgotaria a actividade psíquica. É preciso encontrar outros caminhos que restabeleçam a identidade perceptiva a partir do mundo externo. A experiência faz com que o pensamento iniba a regressão e desvie a excitação, sendo o pensamento um caminho indirecto para a realização do desejo. O pensamento não passa de um substituto do desejo alucinatório, e nada senão o desejo pode pôr em acção o aparelho anímico.

Esta segunda actividade não deixa, então, o investimento mnésico avançar até à percepção e ligar aí as forças psíquicas, antes desvia a excitação da necessidade por uma via indirecta que, pelo movimento voluntário, altere o mundo externo para se chegar a uma percepção real do objecto de satisfação. Se a alucinação da satisfação provém do Inconsciente, o movimento voluntário para alterar o exterior compete ao Pré-Consciente. O primeiro desses sistemas efectua uma descarga *livre* das quantidades de excitação, enquanto o segundo inibe essa descarga e efectua um investimento quiescente e *ligado*, empregando apenas pequenos deslocamentos e promovendo a actividade exploratória do pensamento (e instaurando a *identidade de pensamento*).

O Pré-Consciente, mobilizando quantidades mais pequenas e mais manejáveis de cargas de investimento, sobrepõe-se ao Inconsciente, cujas excitações (impulsos carregados de desejo) procuram a descarga. Segundo Freud, o que melhor ilustra este investimento de quantidades móveis pela influência reguladora do órgão sensorial consciente é a *linguagem verbal*. Os

processos de pensamento, em si mesmos, funcionam segundo as qualidades de prazer e desprazer, mas, no ser humano, devem associar-se a recordações verbais, cujos resíduos de qualidade atraem a actividade da Consciência e dotam o processo de pensar de um novo instrumento móvel oriundo da Consciência. O que caracteriza fundamentalmente as representações pré-conscientes é estarem ligadas a representações de palavra. Deste modo, a alucinação primitiva que dominava o funcionamento psíquico foi substituída pelo processo secundário, comprometido com o Pré-Consciente e o pensamento, possibilitando processos de regulação e manejo de pequenas quantidades de excitação, o que dota o sujeito de uma maior capacidade para responder às exigências da realidade e torna obsoleto o modo alucinatorio de satisfação, dominado pelo princípio do prazer.

Valor continente da representação e da simbolização

Uma palavra ou um símbolo contém um sentido, um afecto, traços mnésicos, e vemos como, no discurso delirante, o conteúdo afectivo rompe os limites do continente (Bion, 1955).

F. Duparc (1989) avalia esta capacidade continente das representações, desde o núcleo mais arcaico destas até às representações visuais e verbais. As primeiras e mais arcaicas representações são formadas por traços perceptivos e motores e têm um valor continente frágil, associando-se a descarga motora à alucinação primária, quando do reinvestimento do traço mnésico. Este funcionamento não pode persistir sem esvaziar o psiquismo (Freud, 1900), tornando urgente o apoio de um objecto do ambiente, tal como já referimos com algum pormenor (*da alucinação primitiva ao processo secundário*).

A segunda etapa do processo de simbolização é a representação visual de coisa, que contém as imagens motora, táctil e cinestésica e liga à etapa seguinte da representação, que é a representação verbal. Embora a imagem visual aceite a distância e a tridimensionalidade do objecto (sem o que seria uma visão adesiva e

autística, indiferenciada da percepção táctil), é limitada e depende de objectos visíveis ou formas simbólicas permanentes. Na falta destes suportes, pode não conter o fluxo pulsional e regredir ao estado do afecto explosivo e do acto.

Por fim a simbolização alcança o nível da representação verbal, da imagem sonora da palavra, onde os continentes são as palavras. Ao contrário da percepção visual, a representação de palavra exige um certo tempo para ser percebida e permite um maior controlo do tempo; daí também o arbitrário do signo, dado que os fonemas não geram por si sós uma imagem significativa e mesmo as palavras, apesar de polissémicas, têm de ser integradas num contexto.

Há representações e condutas simbólicas que não atingem a etapa da linguagem verbal, pelo que o conteúdo transborda a palavra-continente, ou a carga motora, afectiva e visual dos símbolos rompe as palavras. Impõe-se então uma comunicação infra-verbal, com silêncios, palavras vazias propulsadas como objectos, identificação projectiva, identificação adesiva.

A carga afectiva está também presente na própria palavra (senão seria uma palavra morta), e este conteúdo manifesta-se, por um lado, pelo ritmo e entoações, e, por outro, pelo movimento do sentido (traço das moções pulsionais em busca de representação).

Representação e simbolização

Os parágrafos anteriores tornaram evidente uma questão que não podemos continuar a adiar: as relações entre representação e simbolização.

A este respeito, R. Perron (1992) reconhece que Freud ora torna equivalentes a representação e a simbolização, ora as distingue. A definição de simbolização parece apoiar-se na de representação, sendo oportuno citar aqui Gibeault (1989): “A simbolização é um conjunto de relações onde qualquer coisa vai representar uma outra coisa para alguém (...) a simbolização põe em relação, estabelece correspondências.”

A Psicanálise incorpora uma teoria semiológica em que os sintomas são signos, ou seja, índices manejáveis pelo clínico, uma correspondência significante/significado próxima de Saussure, mas também signos que querem dizer qualquer coisa a alguém, o que nos aproxima de C. Peirce (1931). Este linguista afirma que o signo toma o lugar de qualquer coisa na base de uma relação e se dirige para alguém, criando no espírito deste alguém um signo equivalente ou ainda mais desenvolvido que interpreta o primeiro, tomando o lugar do seu objecto. Assim, o signo é válido na comunicação através de um mediador interpretante.

Perron (1992) retoma os dois níveis de interpretação do sonho e do sintoma usados por Freud: correspondência termo a termo entre o que simboliza e o que é simbolizado (fazendo equivaler símbolo e representação) e uma organização em sistema de transformações em que os elementos são regidos pelo todo em que se integram, possibilitando a sobredeterminação das formações do Inconsciente e várias linhas associativas que se ramificam e convergem para nós centrais. Perron reserva o termo *representação* para o trabalho de ligação no primeiro nível e o termo *simbolização* para o trabalho de ligação que, no segundo nível, tece relações entre representações.

A psicose ilustra, a este respeito, um falhanço da simbolização, quando os processos primários influenciam as representações e as aproximam da satisfação alucinatória do desejo e às erupções pulsionais carregadas de angústia, impedindo que se organizem em relações/transformações simbólicas.

Para Freud, as primeiras representações nascem da decepção da satisfação alucinatória do desejo, da ausência da mãe, mas supõem também o regresso desta (o jogo da bobina). A mãe tem de estar *realmente* presente, transportando o seu próprio funcionamento simbólico e o seu universo de representações, introduzindo a criança na ordem do sentido, em resposta aos apelos desta. A linguagem tem aqui um papel decisivo, porque o uso da palavra comum comprova a partilha das percepções e da fantasmática subjacente; pela

palavra comum a mãe reconhece a sua criança como criadora de sentido e capaz de simbolizar, permitindo-lhe tornar-se sujeito.

O signo é “o que representa qualquer coisa para alguém” (Peirce, 1931), a simbolização origina-se em alguém e dirige-se para alguém. A ausência inaugura este movimento, o objecto falta originariamente, no interior, antes mesmo de faltar no exterior, e é para colmatar esta falta que a função significante e a simbolização se movimentam. Perron (1992) considera que a actividade representativa e significante partilha mas também *nega* em comum com o outro: o sentido estabelece-se negando o não-sentido, a representação resulta do irrepresentável, numa constante *fuga para a frente* em que a actividade simbolizadora procura escapar ao não-sentido. Trata-se, afinal, de lutar contra a ausência radical e a morte, pela necessidade vital de ligação, onde a representação e a simbolização promovem ligações e relações.

Os processos de simbolização, conjunto de relações em que qualquer coisa vai representar algo para alguém, são incrementados decisivamente pela aquisição da linguagem e pelo uso de representações de palavra, como no-lo recorda R. Cahn (1994). Esse alguém é o objecto externo, o Outro, conferindo à simbolização a sua dimensão intersubjectiva, de comunicação e de cultura. A dupla pertença da ordem simbólica ao sentido (essencialmente subjectivo, embora não desligado da realidade) e à significação (mais ligada à língua e à representação de palavra) é que permite a sua ambiguidade e riqueza polissémica e criativa.

N. Nicolaidis (1984) considera que o estágio anterior ao da *simbolia* (que emprega o símbolo) é o da *anfibia*, que significa ambiguidade, equívoco ou dúvida. O símbolo, para adquirir valor simbólico, tem de ser virtualmente anfibólico em relação à coisa que representa, pois se a representasse perfeitamente deixaria de ser o representante da coisa para ser a própria coisa ou a sua equação simbólica. É o que sucede na construção delirante ou alucinante do psicótico, sem lugar para a anfibia sobre se a representação imaginária é a realidade, ou quando as representações de palavra se formam sob a tirania

arbitrária do signo sem qualquer vínculo natural entre significante e significado, de onde a desarmonia entre palavras e coisas. Esta incapacidade de simbolizar está ligada às dificuldades de recalcar próprias da estrutura psicótica.

Nicolaidis sublinha que a significação da castração simbólica é exercida pela metáfora paterna e permite a passagem do registo dual ao tridimensional, central na construção simbólica. A origem da castração simbólica (edipiana) está já na primeira falha provocada pela primeira perda original, colmatada então pelo desejo enquanto representação substitutiva dessa perda. O simbólico existe virtualmente antes do Édipo, embora a sua estruturação funcional venha a depender da integração do significante fálico edipiano. O neurótico entrou na ordem simbólica, com capacidade de formar representações que exprimem, metafórica ou metonimicamente, a representação da pulsão recalcada, sem que os sintomas neuróticos cortem os laços com o significante fundamental que é o falo, significante da castração, enquanto que o psicótico torna os significantes forcluídos do universo simbólico, não integráveis ao Inconsciente.

A capacidade de simbolização, forma específica de representação (Nicolaidis, 1984), compete ao Pré-Consciente, lugar das representações de palavra e de coisa, dos desligamentos e religamentos, des-simbolizações e re-simbolizações. Para este autor, qualquer perda original provoca um sentimento de destruição e aniquilamento, e é colmatada por um desejo destrutivo que representa o próprio afecto desencadeado pela perda. Estas perdas-faltas-desejos recalçados, representações elementares do afecto, inscrevem os primeiros traços ^{innésicos} e formam os primeiros moldes do Inconsciente que serão os protótipos das representações de coisa. Embora estruturados como uma linguagem, estes moldes decorrem das representações inconscientes originárias (fantasmas originários, moldes matriciais do sujeito-corpo) e levam a que cada sujeito significantize segundo os moldes que possui, cada sujeito traduz ao seu modo palavras, gestos e expressões segundo a forma do continente do seu próprio Inconsciente.

Alucinação negativa e representação

A alucinação negativa é descoberta a partir da hipnose: tal como se pode levar a pessoa hipnotizada a ver o que não está ali, também se lhe pode interditar de ver qualquer coisa que está ali e poderia impor-se aos seus sentidos, e isto é a alucinação negativa.

Duparc (1992) refere que já em 1896, no Manuscrito K, Freud fala de uma *histeria de medo*, onde o afluxo traumático de excitações transborda o Eu e não permite o recalçamento, sendo este afluxo neutralizado pela alucinação negativa e depois pela negação. Estamos aqui para além da neurose histérica, ao nível do seu núcleo traumático não simbolizado.

A alucinação negativa é um mecanismo de urgência face ao afluxo traumático. Enquanto o recalçamento histérico age sobre um complexo de representações bem estabelecidas, a alucinação negativa existe face ao irrepresentável. Deve ser também distinguida da negação: a alucinação negativa suprime a percepção, a negação limita-se a atenuá-la ou torná-la inoperante. Sendo a acção de negação dispendiosa em energia, o fetiche sustenta-a, limitando o dispêndio a uma atenuação da percepção (Freud, 1927). Na ausência desta sustentação fetichista, os fenómenos de alucinação negativa vêm para primeiro plano.

A alucinação positiva é uma tentativa de restituição. Para produzir uma alucinação não basta a regressão, é necessário um desinvestimento da realidade e da percepção. No *Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos*, Freud (1915) descreve a confusão alucinatória ou amênia, onde o Eu rompe a sua relação com a realidade e retira o investimento do sistema perceptivo consciente; trata-se de um modo agudo de retirada face à percepção traumática, que é primeiro alucinada negativamente e vindo depois as alucinações positivas preencher o vazio assim criado. Deste modo, a paranóia e a psicose crónica seriam estádios ulteriores desta psicose aguda por transbordamento do Eu.

O Eu, cada vez mais forte, torna-se capaz de investir as percepções desagradáveis associadas à ausência traumática do objecto primário, vindo os objectos assim formados servir de continentes das experiências penosas para controlar a ausência do objecto inicial, o que permite também uma primeira clivagem entre o bom e o mau e a superação da dependência. A. Green (1980) tem destacado a evolução do objecto primário para uma estrutura enquadrante, tela de fundo da psique onde se projectam as representações. No entanto, este papel continente do espaço representativo não anula todas as lacunas, as quais originam os fenómenos negativos, tanto mais perigosos quanto a sua elaboração não for possível.

Herdeira do processo primário de reacção à experiência de sofrimento (sendo a alucinação positiva herdeira da experiência de satisfação), a alucinação negativa permite compreender melhor a constituição das representações e o seu papel de continente para o aparelho psíquico, bem como os efeitos da sua falha. Afinal, já Freud tinha lançado uma pista nesse sentido, na famosa nota de rodapé do *Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos* (1915): “Posso acrescentar, como suplemento, que qualquer tentativa de explicar a alucinação teria de partir antes da alucinação negativa do que da positiva.”

Do objecto referente à representação simbólica

Nesta trajectória que vai da vivência da falta, indispensável para a representação, até à estruturação do funcionamento psíquico baseado na representação simbólica e interpretativa, parece-nos pertinente a formulação de Nicolaidis (1984): do objecto referente à representação simbólica.

Partindo da noção de que a perda é negativa, estéril, mortífera, e de que a ausência ou falta é positiva, fecunda, criativa, condição metaforizante e simbolizante, prévia à representação, Nicolaidis liga a perda à imagem da representação e aos mecanismos imajantes, estando a falta ligada à representação com uma estrutura alfabetizada, significante.

Os psicanalistas enfrentam o problema dos limites da representação e, portanto, do analisável, introduzindo na análise o corpo, as doenças traumáticas e alguns sectores da psique impossíveis de analisar. Em Freud há a noção da impossibilidade da representação, ligada à impossibilidade de reprodução de uma neurose infantil transferencial, fazendo referência à *neurose actual*, reacção psíquica sem ligação com a história do sujeito. Segundo Winnicott, há algo de impensável que subentende a organização defensiva, situado nas manifestações onde estão ausentes a representação, a mentalização, a transferência.

Assim, com o objecto e o período do *referente*, Nicolaidis quer circunscrever esta regressão contra-evolutiva em que o sujeito não pode representar-mentalizar, respondendo pela via somática ou pela angústia primitiva que testemunha a ausência de qualquer organização defensiva e a ameaça à unidade do self.

O referente representa o objecto impensável e opõe-se ao significante, que representa a representação polissemântica. Nestas regressões e desorganizações contra-evolutivas, o sujeito revive um período da vida em que a representação objectal mais elementar ainda não está constituída: é o período que Nicolaidis chama *imajante* ou *hieroglífico*. O objecto referente é não alucinável e não defensivo porque sendo insubstituível só pode ser substituído por si mesmo; é a-significante, um quantum de afecto que não se deixa limitar por uma representação.

O objecto referente reporta-se a uma vivência anterior à possibilidade de pensar e de ter um lugar psíquico para o receber (irrepresentabilidade). Seria uma *representação primeira*, não significante, presentificando a necessidade concreta e não ainda o desejo, impensável e inominável.

Se o significante linguístico saussuriano tem por significado um conceito e nos leva ao signo, o significante psicanalítico tem por significado o representante das pulsões e leva-nos ao Inconsciente (ao objecto-representação de coisa), pelo que abre à historicidade do sujeito. O significante psicanalítico é uma forma de

representação que parte de uma imagem corporal e de uma moção pulsional, tendo como papel a formação e continência de um conteúdo-objecto desejante.

A imagem e o funcionamento imajante, comprometidos com o objecto referente, seriam inimigos da representação simbólica. O pensamento do psicótico parece imobilizado numa representação-captação imajante e simétrica, em espelho, que o impede de simbolizar. É a assimetria da linguagem que permite ao sujeito sair desta captação em espelho, quebrar a compulsão à repetição pela irreduzibilidade polissémica do significante, tornar possível a substituição e a metáfora. Nicolaidis aceita que o funcionamento da representação simbólica comece a predominar a partir da introdução da metáfora paterna, mas pensa que as raízes do simbolismo se situam antes da castração simbólica, ligadas às perdas e às faltas originais. A própria origem da castração simbólica está já na primeira falha provocada pela primeira perda original, falha colmatada pela representação do desejo, representação substitutiva simbolizante dessa perda. É este momento, quando a perda começa a poder ser representável, que constitui o início do funcionamento da mentalização.

A representação torna-se significante, incorpora-se no aparelho psíquico e adquire a sua função *proto-simbólica* (significante e significado agora distintos) quando intervém como elemento de separação (e de diferença) na relação dual mãe-criança. Este é o primeiro tempo da castração simbólica, em que todo o ataque concerne o ser antes do ter: a alucinação primitiva transforma-se em alucinação do desejo, capacidade de desejar o objecto ausente. Esta representação significativa (corporal e universal) é uma *representação fálica* que age como um sinal de separação e de diferença, correspondendo ao *significante psicanalítico* que acima referimos. O significante fálico já deve estar presente nos fantasmas e na fala da mãe.

O falo, significante primeiro, sucede à representação primeira (o objecto referente) e veicula já uma linguagem verbal. Nicolaidis cita Vasse (1969): “Talvez mais do que o nascimento, é a fala que separa o homem do seu semelhante.” O significante fálico corta e simultaneamente preenche o vazio da

falta de ser que é condição do sujeito separado do complemento materno (Lacan, 1966). Corta e ao mesmo tempo torna possível a relação.

Recapitulação

Do acima exposto, devemos realçar que a representação, a *Vorstellung* no uso freudiano, não é a mera reprodução de uma percepção ou o simples reinvestimento de um traço mnésico, mas sim toda uma *actividade mental*, um *representar-se* mais do que um simples *pôr em imagem* (Houzel, 1994), estruturando contextos associativos fecundos e criativos.

A pulsão exprime-se tanto pela representação como pelo afecto, sendo este a tradução qualitativa da energia pulsional variável; o quantum de afecto designa o aspecto energético. Se inicialmente a relação que Freud encontrava entre afecto e representação se reportava a um acontecimento traumático, vindo a catarse produzir um desligamento, mais tarde constrói a técnica psicanalítica baseada na associação livre e na interpretação das formações do Inconsciente, substituindo a catarse pela recordação das representações recalçadas, pela tomada de consciência e pela elaboração psíquica, transformadora por natureza, o que, novamente, nos reenvia para uma *actividade mental* de representação e contextos associativos.

A representação é, então, um trabalho psíquico que põe em forma os estados de prazer/desprazer derivados da pulsão, fomentando relações e ligações com outras representações (Cahn, 1994). A representação é já uma interpretação da realidade interna e externa. Esta actividade ou trabalho psíquico liga, maneja e transforma o afecto, possibilita a circulação de pequenas quantidades de energia e a simbolização (Freud, 1900; Cahn, 1994), *trabalhando* uma carga afectiva que, de outra forma, poderia permanecer desligada, não transformável, gerando descarga, traumatismos e defesas primitivas, transbordando e destruindo as possibilidades de controlo do Ego. A organização psíquica assenta na representação (Nicolaidis, 1984), ou seja, no representável e no simbolizável.

Neste sentido as representações são mediações organizativas (Green, 1985; David, 1985) da pulsão; as excitações corporais procuram representantes psíquicos; acedemos às formações inconscientes através de imagens ou palavras. O reino psíquico é da ordem do Pré-Consciente (Freud, 1915), dado que aqui residem as mediações que tornam acessíveis os afectos e as formações inconscientes.

A distinção entre representações de coisa e representações de palavra (Freud, 1915) tem um alcance tópico notável: não são apenas duas variedades de reinvestimento de traços mnésicos, visto que em certas condições (esquizofrenia, sonho) as representações de palavra podem ser tratadas como representações de coisa e submetidas às leis do processo primário.

As relações entre representações de coisa e representações de palavra são essenciais para a compreensão do funcionamento psíquico. As representações de coisa caracterizam o Inconsciente e estão numa relação mais directa com a coisa, da qual derivam e que é essencialmente visual. As representações de palavra derivam da palavra, essencialmente acústica, e a sua ligação com as representações de coisa caracteriza o Pré-Consciente-Consciente. O valor desta ligação está em que a imagem mnésica adquire o índice de qualidade característico da Consciência quando associada a uma imagem verbal, e daqui resulta a passagem do processo primário para o secundário, da identidade de percepção para a identidade de pensamento (Freud, 1915).

As representações de coisa não se podem tornar conscientes através dos seus próprios resíduos perceptivos, porque o pensamento (formado por actos de investimento mais distantes da percepção) não retém as qualidades desses resíduos; assim, as representações de coisa têm de se reforçar com novas qualidades para se tornarem conscientes, novas qualidades essas que resultam das palavras. As palavras, afinal, representam relações entre representações de coisa, o que é fundamental nos processos de pensamento (Freud, 1915).

Esta transição do processo primário para o processo secundário, e a concomitante ligação das representações de coisa às representações de palavra,

é-nos mostrada por Freud (1900) a partir do estudo do funcionamento regressivo da mente nos sonhos e nas alucinações. O estado primitivo do aparelho psíquico envolve um desejo baseado no investimento alucinatório da recordação da satisfação (onde a representação de coisa é considerada equivalente ao objecto percebido e investido quando ausente). Quando a necessidade interna é novamente despertada, há uma moção psíquica que reinveste a imagem mnésica da percepção da vivência de satisfação e reevoca essa percepção para restabelecer a satisfação original. Esta moção é o desejo e conduz ao investimento da percepção da satisfação pela alucinação, instaurando uma identidade de percepção que repete a percepção vinculada à situação de satisfação.

Este método primário do funcionamento psíquico é abandonado porque a identidade perceptiva só valeria o mesmo que vale a percepção vinda do exterior se fosse ininterrupta, o que esgotaria a actividade psíquica. A experiência tentará restabelecer a identidade perceptiva a partir do mundo externo, interpondo o pensamento, o qual, não passando de um substituto do desejo alucinatório, inibe a regressão e desvia a excitação da necessidade para um movimento voluntário que altere o mundo externo para se alcançar uma percepção real do objecto de satisfação. Assim, o pensamento e o movimento voluntário, autorizados pelo Pré-Consciente, *ligam* a excitação e deslocam pequenas quantidades de energia na actividade exploratória do pensamento (identidade de pensamento).

Freud acentua que esta sobreposição do Pré-Consciente aos impulsos carregados de desejo do Inconsciente é bem ilustrada pela *linguagem verbal*, que tem um importante papel na adaptação às exigências da realidade. Os processos de pensamento, que em si mesmos funcionam segundo as qualidades de prazer/desprazer, devem associar-se a recordações verbais, cujos resíduos de qualidade dotam o pensamento de um instrumento móvel oriundo da Consciência. Embora a vinculação das representações pré-conscientes com representações de palavra não seja condição necessária para o estado pré-consciente, a existência dessa vinculação garante-nos a natureza pré-consciente de um processo (Freud,

1940). Vemos assim que os processos de pensamento, nomeadamente os verbais, substituem a alucinação primitiva pelo processo secundário, através do qual o Pré-Consciente regula e maneja pequenas quantidades de excitação e responde mais adequadamente às exigências da realidade.

A actividade de representação apazigua deste modo o resto pulsional, possibilita uma qualidade de prazer associada à expressão de desejos pelo gesto ou pela palavra. Embora a palavra reduza a coisa, a coisa, que nunca se esgota numa representação, induz associações de palavras até ao infinito (Fréjaville, 1989), numa constante remodelação das representações.

As representações de palavra incrementam a aquisição da linguagem e dos processos de simbolização, conjunto de relações em que qualquer coisa vai representar algo para alguém (Cahn, 1994). As representações libertas do domínio do princípio do prazer e da satisfação alucinatória do desejo organizam, pela actividade pré-consciente, relações/transformações simbólicas (Perron, 1992).

Tudo o que acabámos de expor sobre a representação psíquica, sublinhando as ligações das representações de coisa às representações de palavra, permitiu-nos compreender o papel desempenhado por estas ligações em diversos níveis, nomeadamente: na economia do funcionamento psíquico (Freud, 1900, 1915, 1940), na mediação da excitação pulsional (Green, 1985; David, 1985), na actividade mental na sua globalidade (Nicolaidis, 1984; Houzel, 1994), na capacidade continente dos afectos (Bion, 1955; Duparc, 1989), na formação dos processos de simbolização e das transformações simbólicas (Perron, 1992; Cahn, 1992).

Vamos prosseguir as nossas indagações ocupando-nos de algumas actividades mentais e processos que ilustram as ligações/transformações das representações de coisa e de palavra, e a que já fizemos várias referências ao longo deste capítulo introdutório: o sonho, o delírio e a linguagem.

CAPÍTULO 2: O SONHO COMO CONDIÇÃO REGRESSIVA DA MENTE

O regressivo e o arcaico nos sonhos

Continuando a nossa indagação sobre as ligações e transformações das representações de coisa e representações de palavra, devemos encarar o sonho como uma ilustração privilegiada dessas relações. Retomemos, então, a formulação de Freud segundo a qual o sonho (tal como a alucinação) é uma condição regressiva do funcionamento da mente, apresentando-nos, através dos seus aspectos formais e dos desafios que lança à interpretação psicanalítica, o movimento regressivo que vai das palavras às coisas e experiências que estão na origem das palavras. Se a questão essencial da elaboração onírica é transformar pensamentos verbais latentes em imagens sensoriais predominantemente visuais (num movimento regressivo), percebemos como é que os pensamentos (num movimento evolutivo) surgiram originalmente de imagens sensoriais, partindo das imagens mnésicas de impressões de sentidos até que as palavras vieram a vincular-se-lhes, e as palavras ligaram-se a pensamentos. A elaboração onírica, que assume esta tarefa de traduzir os pensamentos num modo de expressão arcaico, conta ainda com o desejo inconsciente, força propulsora da construção do sonho, o qual *encenará* de forma alucinatória a realização desse desejo. Convenhamos que essa presença imperiosa do desejo é ainda uma marca infantil que persiste para sempre na vida mental.

Freud sempre insistiu nos aspectos regressivos do sonho e o quanto de arcaico os sonhos podem devolver a uma consciência capaz de os interpretar. Os sonhos permitem retornar, por um lado, à infância e desenvolvimento do indivíduo (ontogénese) e, por outro lado, até onde cada indivíduo recapitula abreviadamente o desenvolvimento da espécie, permitem retornar à pré-história

da espécie humana (Freud, 1916-17). O estudo do sonho, assim, autoriza ligações fecundas entre a Psicanálise e outras disciplinas, como a Antropologia, a Etnologia, a Mitologia, a História das Religiões e a Filologia.

O modo de expressão da elaboração onírica é arcaico porque regressa a estados mais primitivos da evolução intelectual, ao fazer uso da linguagem por imagens e das conexões simbólicas anteriores à linguagem verbal de pensamento. Recorrendo a ligações simbólicas que o indivíduo nunca pôde aprender, o sonho denuncia eloquentemente uma herança filogenética. Outro aspecto arcaico do sonho é o ter acesso a impressões, lembranças e materiais esquecidos dos primeiros anos da infância individual; ressuscita experiências infantis que permaneceram latentes. Da mesma forma, quando o sonho interpretado isola impulsos egoístas, plenos de desejo e hostis, mostra-nos outro aspecto infantil, que é precisamente esse egoísmo ainda não educado por considerações altruístas. Assim, esta exumação onírica de níveis infantis, inconscientes, leva Freud a afirmar que, na vida mental, o que é inconsciente é também o que é infantil (Freud, 1916-17).

O fenómeno da regressão é central na formação do sonho, sendo de três tipos (Freud, 1900): *tópica*, uma vez que o investimento excitatório se move do Pré-Consciente para o Inconsciente, sendo reforçado por este e reavivando alucinatoriamente a percepção; *temporal*, retornando a estruturas psíquicas mais antigas; *formal*, na medida em que os métodos habituais de representação e expressão são substituídos por métodos mais primitivos. Realçando outros aspectos, dir-se-á que no sonho ocorre uma regressão libidinal, em que o estado do sono restaura um narcisismo primitivo, o que explica o carácter egoísta dos sonhos, em que a personagem principal do sonho é afinal o próprio sonhador, levando Freud (1917) a postular que o narcisismo não é mais do que o complemento libidinal do egoísmo; ocorre também uma regressão do Ego, revivescendo a etapa da satisfação alucinatória dos desejos.

Vamos deter-nos, para já, na *Interpretação dos Sonhos* (1900) e no *Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos* (1917).

Na *Interpretação dos Sonhos*, Freud estuda, como acima sublinhámos, o carácter regressivo dos sonhos, o que o leva, no termo desta missão titânica de *mover os Infernos*, a realçar o papel desempenhado pelos processos verbais do pensamento na adaptação às exigências da realidade. A análise porfiada dos modos de representação do sonho (cujas necessidades predominante é converter em imagens pictóricas) permitirá a Freud perceber os fundamentos pulsionais, corporais e concretos da linguagem verbal. Descobrirá assim que a linguagem verbal deve muita da sua dinâmica à necessidade que o ser humano tem de lidar com os constrangimentos da realidade que agem sobre a sua constituição pulsional. Isto coloca-nos no próprio âmago do nosso trabalho, que é redescobrir os modos como se associam originalmente as vivências corporais e sensoriais concretas da realidade e a sua formulação verbal abstracta. No entanto, ver-se-á que a linguagem não se restringe a este aspecto económico de lidar com a excitação pulsional; a linguagem, tal como o símbolo, não se limita a nomear a experiência, também organiza e transforma a experiência em algo de pensável e comunicável (Amaral Dias, 1996).

Freud começa, precisamente, por destacar a semelhança entre as impressões sensoriais e o conteúdo do sonho, mas aquelas estão submetidas a várias interpretações, pelo que o estímulo sensorial assume um papel secundário na formação do sonho e não pode explicar a riqueza do sonho: outros factores determinam a escolha das imagens construídas. O pensamento da vigília ocorre em conceitos e não em imagens. À medida que se aproxima o sono e as actividades voluntárias entram em declínio, surgem as representações involuntárias sob a forma de imagens. É inquestionável que o sonho apresenta principalmente imagens visuais e imagens auditivas, e, em menor grau, impressões provenientes de outros sentidos. Ocorrem também pensamentos ou representações sob a forma de representações verbais. Assim, Freud pode asseverar que, no sonho, os *pensamentos abstractos* transformam-se em *imagens plásticas* pictóricas que procuram exprimir o mesmo significado.

Outro aspecto que também impressiona o observador atento é que o sonho não apenas alucina de forma pictórica as representações como as dramatiza numa situação. O sonhador não julga pensar ou alucinar, mas viver a experiência. Dir-se-ia que as faculdades perceptivas encaram as construções da imaginação como impressões sensoriais. O estado de sono cancela a capacidade de distinguir entre percepções externas e internas: as imagens oníricas não são submetidas aos testes que poriam à prova a sua realidade objectiva. Freud infere daqui que o factor mais marcante da vida onírica é o desligamento do mundo externo, o decréscimo de interesse pelos estímulos sensoriais externos.

As imagens do sonho revelam-se versáteis e mutáveis e sem o poder da linguagem conceptual. Subtraem-se às relações lógicas e às leis da causalidade habituais no pensamento. Além disso, a clareza desta *linguagem pictórica* é prejudicada pelo facto de um objecto não surgir representado pela sua própria imagem mas por uma outra imagem - o que nos remete para a actividade simbolizadora do sonho. Ao narrar o sonho, introduzimos conexões lógicas que transformam as justaposições em sequências causais. Mas nesse mesmo acto se descobre que os sonhos estão intimamente relacionados com a expressão linguística, sendo por isso impossível traduzir um sonho para uma língua estrangeira. Freud aproveitará a sugestão de Ferenczi (1910) de que cada idioma possui a sua própria linguagem onírica.

O trabalho do sonho

Parte substancial da *Interpretação dos Sonhos* consiste na descrição dos processos que formam aquilo a que Freud chama o trabalho do sonho. O trabalho do sonho estabelece as relações entre os pensamentos oníricos latentes e o conteúdo manifesto do sonho: os processos pelos quais aqueles se transformam neste. É significativo que Freud compare os dois tipos de conteúdo (latente e manifesto) a duas linguagens diferentes que tratam do mesmo assunto: “O conteúdo manifesto é como a transcrição dos pensamentos oníricos noutra modo

de expressão, cujos caracteres e leis sintácticas é nossa tarefa descobrir, comparando o original e a tradução.” (Freud, 1900). O conteúdo manifesto é então comparável a uma *escrita pictográfica* cujos caracteres têm de ser lidos segundo as suas relações simbólicas e transpostos, individualmente, para a linguagem dos pensamentos oníricos.

Os processos que constituem este trabalho do sonho são a condensação, o deslocamento, a consideração de representabilidade, o simbolismo, a elaboração secundária, havendo ainda outras formas de representação onírica.

O trabalho de **condensação** torna-se evidente quando se compara o conteúdo manifesto curto e lacónico com a riqueza dos pensamentos latentes. O grau de condensação é até impossível de determinar, visto que a interpretação nunca esgota os sentidos sobredeterminados do sonho. A análise produz um desdobrar dos elementos manifestos do sonho em feixes de associações, as quais assinalam as ligações já existentes entre os pensamentos latentes. Nem todos os pensamentos latentes conseguem introduzir-se no conteúdo manifesto: há uma selecção na base da condensação. O elemento manifesto do sonho que, na análise, iluminou várias associações condensadas é uma *entidade intermediária*, a qual liga, através dessas conexões abundantes, uma impressão irrelevante da véspera a um acontecimento psiquicamente significativo. Tal elemento é um ponto nodal do sonho para onde convergem cadeias de ideias, e pode ter entrada no conteúdo manifesto do sonho porque possui vários contactos com vários pensamentos latentes. É, por isso, sobredeterminado - característica que lhe permite ser admitido no conteúdo do sonho. Seja acrescentado que não apenas os elementos do sonho são determinados por vários pensamentos oníricos como cada pensamento onírico é representado no sonho por vários elementos.

A condensação utiliza outro método na formação do sonho, que são as *figuras colectivas e estruturas compostas*. Uma figura do sonho pode representar muitas outras, através de cadeias associativas reveladas pela análise, ou pode reunir feições de duas ou mais pessoas numa única imagem. Diversos elementos

aglutinam-se para compor elementos mais complexos, o que, como vimos, facilita que sejam seleccionados para o conteúdo do sonho.

A condensação também lida com as palavras, que são tratadas nos sonhos como se fossem coisas. As palavras combinam-se assim como representações de coisas, gerando neologismos surpreendentes e divertidos. Estes, de resto, assemelham-se aos que aparecem na psicose e aos que são usados pelas crianças, que inventam línguas e formas sintácticas novas ao tratarem as palavras como objectos.

Verifica-se, como refere Amaral Dias (1996), que a condensação não obedece à lógica aristotélica do pensamento pré-consciente-consciente, abolindo o princípio da não contradição e lidando como se tudo fosse igual a tudo.

Freud verifica que os elementos principais do conteúdo manifesto do sonho não merecem o mesmo destaque nos pensamentos do sonho. O inverso também acontece: o que é importante para os pensamentos oníricos pode não ser representado no sonho. Este é o trabalho de **deslocamento**. A intensidade do valor psíquico é retirada de certos elementos e cria-se, pela sobredeterminação, novos valores conferidos a elementos que até possuíam baixo valor psíquico e que com esta nova qualidade entram no conteúdo do sonho. O deslocamento das intensidades psíquicas contribui para acentuar as diferenças entre o texto manifesto do sonho e texto dos pensamentos latentes.

O deslocamento serve como método para distorcer o sonho, dado que a isso obriga a censura que uma instância psíquica exerce sobre outra. Esta é, para além da sobredeterminação dos elementos, a segunda condição para um elemento dos pensamentos latentes merecer admissão no sonho: poder escapar à censura activada pela resistência.

Comparando entre si os pensamentos oníricos e o conteúdo manifesto, conclui-se que o material dos pensamentos oníricos sofre modificações para formar o sonho. O trabalho do sonho realiza, a este respeito, uma **consideração de representabilidade** (representabilidade em imagens visuais). A expressão abstracta dos pensamentos latentes deve converter-se numa expressão pictórica

concreta, a qual é representável para o sonho. O sonho dá preferência aos pensamentos oníricos que favoreçam uma representação visual. Os elementos inadaptáveis são remodelados numa forma verbal nova que facilite, então, a representação. Aqui encontramos novamente a condensação.

Freud verifica, a partir daqui, que em todas as línguas os termos concretos são mais ricos em associações do que os conceptuais. A condensação onírica procura palavras que, dada a sua ambiguidade, exprimam mais do que um pensamento do sonho. As palavras, naturalmente ambíguas, são pontos nodais de numerosas representações. Para ser representada no sonho, é menos importante a grafia da palavra do que o seu som. Em muitos casos, o curso da evolução linguística facilita a representação onírica, dado que a linguagem emprega palavras que outrora possuíram significado pictórico e concreto, hoje com sentido abstracto. O sonho devolve a essas palavras o significado arcaico, conseguindo assim representar qualquer coisa que o significado mais superficial da palavra não tornaria possível.

E quanto à representação pelo **simbolismo**? Segundo Freud, não temos de atribuir ao sonho uma forma peculiar de simbolismo. O sonho serve-se de quaisquer simbolizações já presentes no Inconsciente, atendendo contudo à sua representabilidade e à possibilidade de escaparem da censura. O simbolismo a que o sonho recorre é característico da representação inconsciente e encontra-se igualmente no folclore, nos mitos populares, nas expressões idiomáticas, nos provérbios e chistes.

Interessa particularmente a Freud o facto de a relação simbólica ser de natureza genética: coisas hoje simbolicamente ligadas devem ter estado unidas em épocas pré-históricas pela identidade conceptual e linguística. O símbolo denuncia deste modo uma identidade anterior.

O trabalho do sonho utiliza esse simbolismo disponível para representar disfarçadamente os pensamentos latentes. O símbolo escolhido envolve tanto motivos típicos como individuais. O conhecimento do significado dos símbolos pode preencher as lacunas das associações do sonhador ou mesmo prescindir

delas, porque se verifica que os comentários fornecidos pelo sonhador tendem a faltar precisamente no que concerne aos elementos simbólicos. A própria natureza ambígua dos símbolos impõe algumas incertezas de interpretação, que terá de ser determinada pelo contexto.

Dado que o simbolismo como meio de representação no sonho é relevante para o nosso propósito, que é estudar os modos como conceitos abstractos podem ser representados plasticamente (o que assinala relações surpreendentes entre elementos plásticos concretos e elementos abstractos na origem e desenvolvimento da linguagem), vamos reproduzir alguns exemplos com que Freud ilustra as representações simbólicas nos sonhos:

- Repetição temporal de um acto representada pela multiplicação numérica de um objecto.

- Tomar literalmente uma figura de estilo, representando de modo exacto o seu conteúdo.

- Tradução do tempo em espaço: personagens e cenas vistas como se estivessem fisicamente distantes, o que também pode evocar factos da infância.

- Representação da idade pela hora do dia; do tratamento psicanalítico por uma viagem de carro; do Inconsciente por regiões subterrâneas.

- Uma expressão ambígua pode aparecer representando-se um dos sentidos no conteúdo manifesto e o outro nos pensamentos latentes.

- Números e cálculos envolvendo dinheiro remetem para períodos de tempo (e, aliás, *tempo é dinheiro*). O trabalho do sonho não efectua cálculos, apenas coloca sob a forma de cálculo alguns números existentes nos pensamentos oníricos e que podem aludir a um material que de outra forma não teria representação.

- O absurdo no sonho exprime um julgamento de absurdo presente nos pensamentos latentes (ideias de crítica, escárnio, ridicularização). É um dos meios que representa tendências contraditórias, tal como a inversão do conteúdo do sonho e a inibição motora da personagem.

Dissemos atrás que existem ainda **outras formas de representação no sonho** que não cabem dentro das categorias já referidas. Os pensamentos oníricos latentes reconstituídos pela análise são ideias e recordações com uma organização complexa, partindo de vários pontos nodais e tecendo vários pontos de contacto. Cada cadeia de ideias apresenta ainda a sua contrapartida oposta, por associação antitética. Os componentes desta estrutura mantêm relações lógicas entre si. Impõe-se saber o que sucede a estas relações lógicas quando o trabalho do sonho transforma e aglutina. O que sucede a conjunções essenciais (mas difíceis de representar no sonho) para a compreensão de enunciados, como por exemplo *se, porque, como, embora, ou... ou?*

Uma vez que nos interessa observar a regressão da linguagem verbal às representações de coisa, as quais, no caso do sonho, se organizam numa forma de linguagem, importa perceber como é que a capacidade representativa e comunicativa do sonho sobrevive à supressão destas relações lógicas. Vejamos, então, com algum pormenor, as observações que Freud estabelece sobre este tópico, tendo presente que nos recomenda ser difícil conceber a perícia do sonho em descobrir formas de expressão indirecta.

Assim, a *ligação lógica* é tornada equivalente, pelo trabalho do sonho, a uma simultaneidade no tempo. Pensamentos oníricos ligados entre si surgem combinados num único acontecimento ou situação. Para as *relações causais*, a oração subordinada é representada por um sonho introdutório e a oração principal pelo sonho principal. No entanto, é frequente que a divisão de um sonho em duas partes signifique dois pontos de vista sobre o mesmo material, ou então os dois sonhos provêm de centros diferentes do material onírico, sendo que o que é central num sonho aparece como secundário no outro. Outro meio de representar a relação causal é a transformação directa de uma imagem do sonho numa outra. A *alternativa ou... ou* não pode ser representada: os dois termos da alternativa aparecem no sonho como igualmente válidos. O *ou... ou* é também usado para descrever um elemento com características imprecisas, e a interpretação deve então tratar as duas alternativas como igualmente válidas e ligá-las por um *e*. A

dificuldade em representar uma alternativa pode ser resolvida dividindo-se o sonho em duas partes de extensão igual.

Os *contrários e opostos* são representados no sonho como combinados numa unidade ou numa só coisa. Freud chega a dizer-nos que qualquer elemento pode ser representado pelo seu oposto imaginário e que à primeira vista não se pode decidir se um determinado elemento está presente nos pensamentos do sonho como positivo ou negativo. Deriva daqui o interesse de Freud pelo artigo do filólogo K. Abel, *O Sentido Antitético das Palavras Primitivas* (1884), segundo o qual as línguas mais antigas se comportam, neste aspecto, como os sonhos: uma única palavra descrevia os dois contrários (forte/fraco, velho/novo, longe/perto, unir/separar), e só um processo secundário introduziu pequenas mudanças na palavra comum para formar palavras distintas para os contrários.

Relacionada com a questão dos contrários está a *inversão ou transformação no oposto*: uma parte do conteúdo manifesto do sonho leva a uma reconsideração que vira para o sentido oposto. Este é um dos principais meios de representação no sonho, propício à distorção defensiva. Para além da inversão temática, existe a cronológica, que coloca o resultado de um acontecimento ou a conclusão de uma sequência de ideias no início do sonho e as considerações preliminares no final.

Os *atributos comuns e semelhanças* são relações lógicas (do tipo *tal como*) favorecidas pelo trabalho de condensação. A indicação de elementos comuns ou semelhantes é feita por identificação (uma figura do sonho encobre outras figuras) ou por composição (a imagem é composta e inclui traços peculiares a vários objectos ou pessoas - traços que não são comuns). A figura composta pode não ser bem sucedida, aparecendo, como central, uma das pessoas em causa e surgindo outra (quase sempre a mais importante) como concomitante. Isto faz lembrar a Freud os *determinantes* da escrita hieroglífica, que não são pronunciados e se destinam a elucidar outros sinais.

Algumas *características formais* do sonho representam já a temática dos pensamentos oníricos. Por exemplo, a intensidade da nitidez sensorial das

imagens oníricas é maior nos elementos que exprimem a realização de desejo e onde o trabalho de condensação foi maior, ou seja, elementos que produzem numerosas cadeias associativas. Também a impressão de clareza ou de falta de clareza no sonho pode já ser parte integrante dos pensamentos latentes.

A formação do sonho envolve ainda outras operações engenhosas. Os *sonhos sucessivos* que ocorrem numa mesma noite são variantes do mesmo conteúdo central ou podem constituir secções do mesmo todo. Há também o *sonho interpolado*: um sonho pode ser interrompido e interpor-se uma oração subordinada, na forma de um sonho próprio, retomando-se depois a temática principal. Uma oração condicional nos pensamentos do sonho representa-se pela simultaneidade, onde o *se* é transformado em *quando*. A sensação de *não se ser capaz* de fazer algo no sonho representa um *não*. A *inibição de movimentos* representa um conflito de vontades. O *sonho dentro de um sonho* ou o pensamento, dentro de um sonho, de que aquilo não passa de um sonho, equivale a desprezar o que se sonhou ou desejar que a coisa descrita nunca tivesse acontecido.

O trabalho do sonho não se contenta em condensar elementos representativos, em deslocar valores psíquicos, em recorrer ao simbolismo inconsciente, em avaliar os materiais segundo a sua representabilidade. Efectua também uma **elaboração secundária**, que consiste numa primeira interpretação do sonho e na introdução de continuidade e coordenação lógicas. A elaboração secundária é um contributo do pensamento pré-consciente, activado pela censura onírica.

Os pensamentos oníricos latentes são racionais, não conscientes, mas, após sofrerem algumas modificações, podem resultar em pensamentos conscientes. É por essa razão que Freud considera os sonhos como uma forma peculiar de pensamento, possibilitada pelas condições do sono. A transformação dos pensamentos inconscientes no conteúdo do sonho é peculiar à vida onírica e não é um trabalho mais negligente ou irracional do que o pensamento da vigília; é

diferente deste em termos qualitativos. Não pensa, não calcula, não julga, apenas dá às coisas uma forma nova.

O produto desta transformação, o sonho, tem de escapar à censura, pelo que recorre ao *deslocamento* das intensidades psíquicas, transmutando todos os valores psíquicos. Os pensamentos têm de ser representados predominantemente no material dos traços mnésicos visuais e acústicos, o que impõe uma *consideração de representabilidade* que efectua novos deslocamentos. A *condensação* dos elementos dos pensamentos oníricos responde à necessidade de produzir intensidades maiores dos que as disponíveis nos pensamentos oníricos. As relações lógicas a que a linguagem verbal abstracta nos habitua têm de ser suprimidas, encontrando *representações indirectas* em certas características formais do sonho. Os afectos ligados aos pensamentos oníricos sofrem menos modificações do que o seu material de representação, sendo geralmente anulados ou desligados das representações. A *elaboração secundária*, por fim, revê o conteúdo do sonho e confere-lhe coordenação e continuidade aparentes.

A regressão no sonho

O estudo do sonho abre caminho para uma série de postulados psicológicos (onde reside o maior interesse de Freud) sobre o Inconsciente e o Pré-Consciente-Consciente, as neuroses e psicoses, a linguagem.

Uma característica saliente do sonho é que o pensamento onírico, geralmente sobre algo desejado, é objectivado no sonho, representado como uma cena, vivenciado - isto é, *dramatizado*. Como Freud assinala, o sonho transforma o optativo, usado nas frases de desejo, no presente do indicativo. O sonho distingue-se do devaneio consciente porque as imagens sensoriais que representam os pensamentos parecem estar a ser vivenciadas. O carácter alucinatório dos sonhos deve-se ao movimento regressivo da excitação, que, durante o sono, se propaga em direcção à extremidade sensorial do aparelho psíquico, atingindo o sistema perceptivo. Como o estado de sono imobiliza a

extremidade motora, que não pode por isso escoar a excitação, esta é obrigada ao movimento regressivo. Como refere Amaral Dias (1996), o desinvestimento do pólo motor e a realização do sonho sob a forma de elementos de representação de coisas no pólo perceptivo impõe-nos a questão do espaço do sonho.

Há outros processos do pensamento normal que apresentam este movimento regressivo no interior do aparelho psíquico, mas no estado de vigília nunca vão para além das imagens mnésicas, não produzindo a revivescência alucinatória das imagens perceptivas. No sonho, as representações são assim re-transformadas nas imagens sensoriais de onde derivaram originalmente. Através da regressão, a trama dos pensamentos latentes decompõe-se na sua matéria-prima.

Nos sonhos, a transformação dos pensamentos em imagens visuais resulta em parte da atracção que lembranças (cenas infantis) expressas sob forma visual e ávidas de revivescência exercem sobre os pensamentos inconscientes, lutando assim por conseguir expressão. A regressão é reforçada, no sonho, pela interrupção da corrente progressiva que durante o dia emana dos órgãos dos sentidos. A consideração de representabilidade pode assim estar vinculada a esta atracção selectiva exercida pelas cenas visualmente recordadas, tocadas associativamente pelos pensamentos oníricos.

Pela regressão, o sonho revive a infância do sonhador, as moções pulsionais que a dominaram e os seus métodos de expressão. Freud pretende também vislumbrar, por trás da infância do indivíduo que sonha, a infância filogenética: uma perspectiva do desenvolvimento da espécie humana, de que o desenvolvimento do indivíduo é uma recapitulação abreviada. Deste modo, a análise dos sonhos dá o seu contributo para esclarecer a herança arcaica do Homem e do que nele é psiquicamente inato. Vamos interessar-nos, mais especificamente, pela herança arcaica da linguagem verbal, esclarecida pela regressão das representações de palavra às representações de coisa que o sonho ilustra.

O resto diurno e o desejo inconsciente

Para Freud, o instigador da formação do sonho, a sua força propulsora, é um desejo inconsciente. Aquilo a que Freud chama restos diurnos, que surgem representados no sonho de forma mais evidente, mais não fazem do que associar-se a um desejo inconsciente.

Uma vez que a representação inconsciente não pode penetrar directamente no Pré-Consciente, tem de se vincular a uma representação pré-consciente transferindo para esta a sua intensidade e fazendo-se encobrir por ela. Após esta vinculação, a representação pré-consciente continua inalterada ou é forçada a modificações derivadas do conteúdo da representação inconsciente. É com vantagem que o Inconsciente tece ligações a impressões e representações pré-conscientes que são indiferentes ou banais, razão pela qual não lhes é dispensada atenção consciente. As impressões insignificantes e recentes do sonho (os restos diurnos) escapam à censura imposta pela resistência devido ao seu carácter banal. Além de banais, acrescenta Freud, são impressões recentes, o que indica uma necessidade de transferência da intensidade da representação inconsciente para um material ainda livre de associações. Daqui resulta que os restos diurnos recentes (o *empresário*, na analogia freudiana), graças à sua natureza banal e indiferente, recebem do Inconsciente, para participarem na formação do sonho, a força pulsional do desejo recalcado (o *sócio capitalista* que fornece o desembolso psíquico), oferecendo em troca um ponto de ligação.

Da alucinação primitiva à linguagem verbal

No capítulo 1 já fizemos referência, com algum pormenor, ao facto de que os sonhos ilustram o método primitivo e primário do funcionamento mental, abandonado porque ineficaz. Vemos como o notável trabalho de investigação sobre a dinâmica do sonhar é recompensado por uma concepção convincente do funcionamento psíquico, o qual começa por se basear numa revivescência

alucinatória da experiência de satisfação e chega depois a um manejo pré-consciente (e verbal) da excitação. Correndo embora o risco de nos repetirmos, é importante revermos o modo primitivo e alucinatório do funcionamento mental modificado pelas experiências e pela influência do mundo externo.

Os primórdios do funcionamento mental são dominados por uma necessidade interna estimulante que não pode ser apaziguada pela descarga motora, exigindo uma vivência de satisfação, que no caso do bebé com fome é o auxílio externo pela nutrição. A imagem mnésica da satisfação associa-se ao traço mnésico da excitação gerada pela necessidade, a qual, quando novamente despertada, moverá um investimento psíquico que reevoca imagem mnésica da percepção da satisfação. Esta moção psíquica é o desejo e o reaparecimento da percepção é a sua realização. No estado primitivo do aparelho psíquico, este caminho, que vai directamente da excitação do desejo ao investimento da percepção da satisfação original, termina em alucinação.

No entanto, a experiência vem demonstrar que a via regressiva que procura restabelecer a percepção vinculada à vivência de satisfação... não é satisfatória. Impõe-se uma modificação do mundo externo para restabelecer aquela percepção. É aqui que começa a intervir o pensamento, para inibir a regressão e desviar a excitação. O pensamento revelar-se-á deste modo um caminho indirecto para a realização do desejo. Esta segunda actividade do aparelho psíquico não deixa o investimento mnésico avançar até à percepção que provocaria a alucinação, mas canaliza a excitação da necessidade por uma via que, através do movimento voluntário, altere o mundo externo para se alcançar uma percepção real do objecto de satisfação. A alucinação primitiva da satisfação, proveniente do Inconsciente e efectuando uma descarga *livre* das quantidades de excitação, é substituída pelo movimento voluntário que compete ao Pré-Consciente, o qual inibe a descarga e mobiliza pequenos investimentos *ligados* através da actividade exploratória do pensamento.

O Pré-Consciente desenvolve um processo peculiar que emprega este investimento de quantidades manejáveis que evitam a regressão e a descarga dos

impulsos carregados de desejo do Inconsciente. Esse processo é a *linguagem verbal*. Os processos de pensamento, que até aí funcionavam apenas segundo as qualidades de prazer e desprazer, associam-se a recordações verbais, cujos resíduos de qualidade conferem ao pensamento um instrumento móvel consciente. Freud (1940) não faz depender, estritamente, o carácter pré-consciente de uma representação da sua vinculação a representações de palavra, mas entende que essa ligação assegura a natureza pré-consciente de um processo. Quando os processos de pensamento, os mais avançados dos quais são os verbais, manejam pequenas quantidades de excitação, enfrentam com mais eficácia as exigências da realidade, impondo o processo secundário ao funcionamento mais primitivo da tendência à descarga que se rege pelo princípio do prazer-desprazer.

Foi o carácter regressivo do sonho que permitiu a Freud chegar a esta conceptualização. Se a formação e desenvolvimento da linguagem verbal nos mostra o movimento progressivo que vai da vivência alucinatória primitiva ao processo secundário pré-consciente, a formação do sonho mostra-nos o movimento regressivo que, partindo das palavras, recupera as imagens sensoriais e as vivências concretas que estão na sua origem. Ao fazer regredir os pensamentos abstractos a imagens, o sonho denuncia uma relação genética entre estas e aqueles. É aqui que surpreendemos as ligações entre as representações de palavras, tornadas abstractas, e as representações de coisa originais. O capítulo que dedicaremos à linguagem - ou melhor, à *vida da linguagem* - retomará estas ligações. A vida natural da linguagem ilustra o movimento progressivo da alucinação ao pensamento verbal, da descarga pulsional ao controlo consciente da excitação, da representação de coisa à representação de palavra. Mas as perturbações da linguagem, o uso da metáfora e as relações da linguagem com o sonho indicam as possibilidades regressivas no seio da própria linguagem.

No *Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos* (1917), Freud estuda os efeitos que o estado de sono produz nos diferentes sistemas psíquicos, o que o leva a examinar a alucinação e o modo como podemos distinguir entre fantasia e realidade. Se no delírio o impulso carregado de desejo avança para o

Pré-Consciente e para a Consciência, no sonho sofre uma regressão: a excitação encontra vedada a extremidade motora do aparelho psíquico (caminho progressivo) e tem de efectuar um caminho regressivo que a reconduz ao Pré-Consciente e, através do Inconsciente, até à extremidade perceptiva do aparelho psíquico, produzindo uma satisfação alucinatória deformada (o sonho) e assim restaurando o funcionamento psíquico primitivo.

No processo regressivo do sonho, os pensamentos são, como já sabemos, transformados em imagens predominantemente visuais: as representações de palavra regridem às representações de coisa que lhes correspondem, tendo de haver a este respeito uma consideração de representabilidade. O investimento de recordações inconscientes de coisas leva a que estas se associem a restos diurnos para terem uma possibilidade de representação, devendo ainda sofrer uma condensação e um deslocamento dos seus investimentos. De todas estas transformações, associações e regressões resulta o conteúdo manifesto do sonho.

Na esquizofrenia, o processo primário modifica as representações de palavra, o que é uma primeira tentativa de restituir o investimento libidinal das representações de coisa (sendo o delírio a segunda tentativa de restituição). No sonho, o processo primário modifica as representações de coisa a que as palavras regrediram. No entanto, o sonho não prescinde simplesmente das palavras. Para transformar os pensamentos latentes em conteúdo manifesto plástico, o sonho tem de explorar as palavras, e as suas ambiguidades, como pontes verbais. Assim, Freud considera que as operações que o sonho faz com as palavras preparam uma regressão às coisas.

Freud aponta uma característica do sonho que já em 1900 tomara como fundamental: a realização alucinatória de um desejo é apresentada como estando a ocorrer na realidade (*dramatização*). A simples revivescência regressiva das imagens mnésicas do Inconsciente não explica que as dramatizações alucinatórias do sonho e das psicoses sejam aceites como percepções reais. Freud recorda aqui como a satisfação alucinatória do desejo, modo primitivo do funcionamento psíquico, teve de ser superada pelo teste de realidade, que distingue entre

percepções e ideias, entre o que é externo e o que é interno, possibilitando que o organismo se oriente no mundo através de percepções externas e internas.

O teste de realidade, instaurado pelo Eu, pode ser eliminado na psicose alucinatória. O Eu desintegrado rompe a sua relação com uma realidade desagradável, desinveste o sistema de percepções da Consciência e anula o teste de realidade. As fantasias carregadas de desejo passam a ser consideradas uma realidade melhor. No sonho, este processo começa voluntariamente quando o desejo de dormir leva a uma retirada do mundo externo real, desinvestindo o sistema consciente e, logo, abandonando o teste de realidade: as excitações podem regredir aos sistemas perceptivos e serem tomados como realidade indiscutível. É assim que o sono envolve uma regressão libidinal (narcisismo primitivo) e uma regressão do Eu (satisfação alucinatória dos desejos).

A representação simbólica e a função simbólica

O trabalho psíquico do sono, que tão longamente nos tem ocupado, disfarça os desejos inconscientes intoleráveis para a Consciência, proporcionando-lhes um modo de satisfação dramatizado na cena onírica. Deste disfarce e desta dramatização resulta a **linguagem onírica**, formada pelos mecanismos do trabalho do sono que são a condensação, o deslocamento, vários tipos de representação indirecta e o simbolismo. Hanna Segal (1991) considera que o pensamento onírico latente é, contudo, mais do que o simples desejo, é em si mesmo uma organização complexa de desejos e defesas, sendo uma expressão da fantasia inconsciente.

Freud (1933) fala do sonho como uma psicose benigna, mas Segal sublinha que o trabalho psíquico de elaboração de um conflito, semelhante à elaboração que acontece no sonho, é precisamente o que falta na psicose. O trabalho psíquico envolvido no sonho normal faz com que as representações pictóricas deste não tenham a função psíquica de uma alucinação. Assim, o sonho bem sucedido resulta de um trabalho mais integrado do que a mera alucinação, que

remete para um funcionamento psíquico mais rudimentar onde se efectua a descarga de impulsos carregados de desejo.

Na base do funcionamento mental mais evoluído que já amplamente descrevemos, e que inclui o sonhar, o processo secundário, a linguagem verbal, está o interjogo entre projecção e introjecção, possível quando há uma relação produtiva entre continente e conteúdo. O fracasso de uma boa relação com um continente interno leva aos fenómenos de concretização de eventos mentais e à regressão alucinatória.

As possibilidades de integração crescente do psiquismo, que permite a substituição da alucinação primitiva pelo processo secundário pré-consciente, leva Segal a algumas considerações pertinentes sobre o simbolismo inconsciente (universal, segundo Freud, e posto ao serviço do trabalho do sonho). Segal distingue dois tipos de formação de símbolo e de função simbólica: a equação simbólica, que caracteriza o pensamento concreto esquizofrénico, estando o símbolo tão equacionado ao objecto simbolizado que ambos são sentidos como idênticos, e o símbolo verdadeiro ou representação simbólica, em que o símbolo representa o objecto e portanto não é inteiramente equacionado a este.

A equação simbólica pertence à posição esquizoparanóide, com predomínio da identificação projectiva que faz com que parte do Ego se identifique com o objecto sem diferenciação suficiente entre ambos, pelo que o símbolo se confunde com o que é simbolizado. Segal sustenta que só com a posição depressiva e com a experiência da separação e da perda (quando a ambivalência, a culpa e a perda podem ser toleradas) é que a representação simbólica começa. O símbolo não é já usado para negar a ausência do objecto ideal ou para controlar um objecto persecutório, como faz a equação simbólica, mas sim para superar a perda (sem a negar).

Esta passagem da equação simbólica à representação simbólica depende, então, de um trabalho de luto bem sucedido. A simbolização concreta está na raiz do luto patológico, onde a pessoa morta é sentida como um corpo concreto morto

no interior do sujeito. A pessoa morta tem de estar simbolicamente introjectada num objecto interno, para que a reparação interna indispensável seja feita.

A concepção da simbolização e pensamento concretos como uma regressão à posição esquizoparanóide evoca-nos a teoria de Bion sobre a formação do aparelho mental baseada no interjogo entre o continente e o conteúdo. Os *elementos beta*, experiências primitivas sentidas concretamente e com que só se pode lidar pela expulsão, são projectados para dentro do seio materno, modificados pela compreensão da mãe e convertidos nos *elementos alfa*, os quais podem ser armazenados em memória, compreensão, simbolização e novos desenvolvimentos. São os elementos alfa que funcionam sob forma simbólica na posição depressiva. Se este intercâmbio entre o bebé e a mãe é bom, então o bebé não só reintrojecta as suas próprias projecções tornadas mais toleráveis como também introjecta o próprio continente-seio e a capacidade de exercer a função alfa. A identificação com um continente capaz de realizar a função alfa é assim a base de um aparelho mental sadio. É a base da formação do espaço mental, capaz de conter identificações projectivas e de lhes dar sentido.

As equações simbólicas são estágios entre os elementos beta e os elementos alfa: não são tão diminutamente fragmentados como os elementos beta e, por isso, têm algum significado simbólico mais reconhecível. Os elementos alfa, insaturados, abertos a várias realizações e ao teste de realidade, permitem várias transformações e prestam-se à generalização, à abstracção e à diferenciação. Estas capacidades, que são fundamentais para um desenvolvimento da linguagem que se afasta progressivamente das suas fontes corporais e metafóricas, reenviam-nos novamente para a posição depressiva, cuja integração e diferenciação crescentes dos vários aspectos do objecto fundamentam a capacidade de generalização. No entanto, não se inferirá daqui que a capacidade para o pensamento puramente abstracto seja sinal de saúde mental, pois pode resultar de uma cisão, onde o pensamento abstracto é destituído de qualquer significado emocional.

Amaral Dias (1996) acentua que a elaboração onírica de que fala Freud é uma forma de função alfa no sentido de Bion, visto que a função integrativa é essencial na formação do sonho, bem como o facto de constituir uma aprendizagem. Esta função integrativa, elaborativa, torna-se mais compreensível quando abordamos os sonhos evacuativos do psicótico, através dos quais uma área paranóide e onipotente da mente é evacuada. Não há aqui um trabalho elaborativo da mente, mas uma evacuação. No sonho normal, os pensamentos latentes são transformados pelo aparelho de pensar os pensamentos e depois representados na estrutura narrativa do sonho. A parte psicótica da personalidade, como refere Amaral Dias, faz sonhos evacuativos para se libertar da dor mental, não para a elaborar. São sonhos onde a actividade do Pré-Consciente não está presente ou, dito de outra forma, onde o aparelho de pensar os pensamentos não teve participação.

Sonhos e linguagem

Como vimos, Freud (1900) excluiu os símbolos do trabalho onírico (embora usados pelo trabalho onírico) por os considerar universais e originários do passado remoto: “Coisas que hoje estão simbolicamente ligadas estiveram provavelmente unidas, em épocas pré-históricas, por uma identidade conceptual e linguística. Poderíamos dizer que eles são dados, e não alcançados pelo trabalho psíquico implícito noutros métodos de representação indirecta.”

Abse (1971) retoma esta noção do simbolismo inconsciente, presente nos sonhos, para examinar o modo como as metáforas primitivas perdem pontos concretos de referência evoluindo, através da generalização e da abstracção, até aos conceitos. O simbolismo inconsciente dos sonhos exprime em larga medida impulsos sexuais, mas os símbolos verbais desenvolvidos têm quase sempre um valor denotativo e conotativo afastado de um significado sexual. Há um grande hiato entre os símbolos inconscientes, nas imagens visuais do sonho manifesto, e os símbolos fonéticos que são as palavras usadas na comunicação diária

(incluindo a comunicação narrativa do sonho). Verifica-se, pois, que a linguagem verbal discursiva é uma função de uma actividade mais organizada do Eu e ocupa-se da comunicação. Mas a análise permite observar que os sonhos conservam, em imagens visuais, aquela similaridade de coisa sobre a qual se erigiu a identidade verbal (fonética) de que fala Freud a propósito dos símbolos.

O simbolismo inconsciente, como adianta Abse, tem raízes nos processos, relações e partes do corpo, para além dos aspectos estritamente sexuais. Está hoje estabelecido que a construção precoce da imagem do corpo é fundamental na relação do sujeito consigo mesmo e com o mundo externo. Há um processo contínuo de alteração, construção e reconstrução da imagem do corpo, processo dependente do crescimento do corpo e das vicissitudes emocionais da personalidade. Segundo Abse, qualquer conceito e sua representação simbólica desenvolvem dois pontos de referência: um interno, corporal, e o outro externo. É uma dupla ancoragem do símbolo no Eu e no não-Eu inerente ao modo como nos orientamos para nós próprios e para o exterior. A aprendizagem das palavras usadas pelo grupo social exige capacidades amadurecidas, como as de espaço, tempo, causalidade, conceito de permanência do objecto, e também uma imagem corporal estável associada ao desenvolvimento libidinal. A consolidação da linguagem continua influenciada pela estrutura libidinal, e qualquer disfunção nesta e na imagem do corpo reflecte-se no desenvolvimento da linguagem e da fala.

Traçando o desenvolvimento da linguagem, desde épocas pré-históricas, Abse enfatiza que as metáforas originais, *vivas*, com uma referência sensorial e corporal evidente, *extinguem-se* através de um uso generalizado que as transforma em palavras cada vez mais abstractas até aos conceitos. O simbolismo verbal fonético edifica-se sobre o Eu corporal, desenvolvendo a organização do Eu, diferenciando a sua capacidade para a consciência. A metáfora remete para um movimento semântico que parte da imagem sensorial concreta para um referente mais abstracto, processo em que as imagens do corpo desempenharam um papel importante, para além da percepção do mundo externo. O simbolismo

inconsciente emprega também a condensação, em que imagens de coisas são aproximadas numa identidade de coisa. Posteriormente, uma coisa, normalmente corporal, vem a desvincular-se de outra e adquire representação consciente ao capturar algum do interesse desta (processo semelhante ao que Freud descreve acerca da ligação entre o desejo inconsciente e o resto diurno na formação do sonho).

Abse fornece o exemplo da palavra *coragem*, que é uma metáfora extinta (*cor* = coração). Na criação do conceito abstracto de coragem, é a experiência emocional visceral (sensações cardíacas no medo e na raiva) que configura a direcção semântica. Noutra exemplo, como o verso *Semeando a luz criada por Deus* (Homero), o conceito é formado a partir da percepção externa (observação de sementes espalhadas na terra), mas está presente um eco da fantasia e da imagem sexual do corpo, que permanecem inconscientemente activas e que revelam assim a sua importância nos pré-estágios da linguagem.

Assim, uma identidade de coisa ou uma identidade de sensação produz uma identidade verbal. O desenvolvimento desta fará com que a metáfora não se limite à substituição de uma imagem concreta por outra e surja como um instrumento de pensamento que permite abstracções não imagéticas. Para Abse, quase todas as palavras podem ser retraçadas a algo de físico no seu sentido original. Sharpe (1972) concorda que as palavras, designando originalmente uma determinada imagem concreta, sofrem um deslocamento ao nível do indivíduo e da raça: adquirem um segundo sentido para conter ideias abstractas, sem com isso perderem o significado concreto original, o qual constitui um armazém inconsciente do nosso passado.

Esta abordagem das palavras lembra aquilo que já enfatizámos suficientemente: os pensamentos latentes do sonho são transformados em imagens sensoriais e cenas visuais. Como numa linguagem primitiva sem gramática, o sonho apenas exprime a base material dos pensamentos e os termos abstractos são levados de volta aos termos concretos que estão na sua origem. A regressão do simbolismo verbal fonético a imagens visuais e ao simbolismo

inconsciente leva Freud a estabelecer que o trabalho do sonho não é criativo, não desenvolve fantasias próprias, não faz julgamentos, não tem outras funções a não ser o deslocamento e a condensação do material e sua modificação em forma pictórica. Durante o sono, não só a percepção do mundo externo está diminuída como também estão desinvestidos os subsistemas mnésicos que proporcionam os fundamentos simbólicos fonéticos para o pensamento. O que a linguagem onírica ilustra, com tudo isto, são as ligações originais entre representações de coisa e representações de palavra, entre as ancestrais vivências sensoriais e corporais e a sua representação verbal fonética.

Antes que a linguagem e as metáforas extintas sejam os pilares do pensamento lógico-abstracto, uma situação só pode ser transmitida através de uma indicação demonstrativa da experiência imediata. O trabalho do sonho recorre a esse tipo de demonstração, regredindo às imagens visuais e usando um simbolismo primitivo estranho ao modo de pensar da vigília.

A metáfora e a metonímia no sonho

A propósito da linguagem, tivemos de fazer alusão à metáfora, que agora retomaremos na sua ligação ao sonho.

Sharpe (1972) defende que as leis da linguagem poética e as leis da formação do sonho provêm das mesmas fontes inconscientes, partilhando numerosos mecanismos. Para além da metáfora, outras figuras poéticas parecem participar na formação do sonho. A mais simples forma poética é a *comparação*, que associa duas coisas diferentes através de um atributo comum. A metáfora seria uma comparação condensada que omite o *como*. A *metonímia*, outro procedimento poético, significa literalmente *mudança de nome*: um nome que tem uma relação usual ou até fortuita com uma coisa é usada para designar a própria coisa, o que permite uma economia de palavras e evoca uma imagem visual. Na formação do sonho, a metonímia favorece a censura, porque o conteúdo latente remete para a própria coisa e o conteúdo manifesto para a coisa que lhe está

ligada. A *sinédoque* é uma figura de retórica que toma a parte pelo todo. A metonímia e a sinédoque estão envolvidas no fetiche do sapato: o significado do pé é transferido para o sapato, mas o pé pode configurar não apenas os atributos de outras partes do corpo como também representar o corpo todo. A *onomatopeia* usa o som das palavras como eco do seu sentido. Sharpe sublinha que precocemente se inscrevem no psiquismo experiências pessoais em que o som é inerente ao significado; letras isoladas podem transportar no sonho os sons mais arcaicos ligados a experiências infantis, e nisto a aquisição individual da linguagem reproduz qualquer coisa do desenvolvimento da própria linguagem.

Shevrin (1972) articula o funcionamento da metáfora com a condensação. O trabalho de condensação aproxima entre si vários pensamentos, num movimento cuja periodicidade reflecte a moção pulsional instigadora e o afecto que a acompanha. Conjugam-se assim três funções: pensamento, moção pulsional e afecto. A metáfora reconduz um acontecimento psíquico à sua realidade corporal; a sua estrutura psicofísica reforça os laços com os processos inconscientes. A metáfora tem raízes na condensação e termina num processo de pensamento que vibra ao ritmo da moção pulsional e do afecto, assumindo assim uma participação na função de descarga. No entanto, Shevrin observa que os tropos da retórica servem para a integração e conjunção de sentido, enquanto os mecanismos do sonho fazem uma disjunção de sentido, pelo que a aplicação daqueles sobre estes deve ser cuidadosa.

A metáfora implica a compreensão de um domínio de experiência, relativamente mais abstracto, nos termos de um domínio diferente de experiência, mais concreto. As correspondências entre entidades de um e outro domínio permitem-nos pensar sobre um dos domínios usando o conhecimento relativo ao outro. A mente contém um vasto sistema de metáforas conceptuais gerais, modos de compreender conceitos abstractos nos termos de conceitos mais concretos (Lakoff, 1993); este sistema inconsciente de metáforas conceptuais é usado pelo pensamento e linguagem comuns e permite a génese e interpretação dos sonhos. Lakoff, nesta formulação, não entende as metáforas como expressões linguísticas

meramente baseadas na similaridade ou pertencentes à linguagem retórica e poética. Aquelas correspondências metafóricas tornam-se parte do sistema conceptual no interior de uma determinada língua.

Este sistema de metáforas proporciona os meios para expressar concretamente um significado, relacionando imagens concretas com significado abstractos, e está disponível na vigília e no sono. As metáforas têm o poder de ligar imagens concretas, especialmente visuais, a conceitos mais abstractos. Vemos assim a sua importância para a formação do sonho, que tem necessidade de representar de modo pictórico e concreto os pensamentos latentes abstractos. Sendo o sonho uma forma de pensamento, como sustenta Freud, usa metáforas porque o pensamento usa tipicamente metáforas. Para Lakoff, o sistema metafórico pode ser encarado como parte de uma gramática do Inconsciente, um conjunto de princípios gerais fixos que permitem um leque variável de sonhos possíveis, construídos dinamicamente. É preciso realçar, contudo, que a análise da metáfora não substitui a análise do sonho em si, que inclui a vida passada e quotidiana do sonhador e as suas associações. O sistema metafórico não determina a forma que o trabalho do sonho assumirá.

Uma questão central no sonho é saber como é que imagens díspares e fragmentos mnésicos se integram em narrativas mais ou menos ordenadas. Isto remete-nos para as relações entre metáfora, metonímia e significado. A metáfora e a metonímia são, segundo Jacobson (1956), os dois pólos gravitacionais que presidem às imagens linguísticas, artísticas e mentais. É de salientar que a metáfora só pode ocorrer a partir de cadeias metonímicas subjacentes, visto que a semelhança (importante na metáfora) apenas ocorre depois da contiguidade (importante na metonímia), sem o que seria incompreensível (Eco, 1984). States (1995), estudando o interjogo da metáfora e da metonímia nos sonhos, defende que duas imagens pertencentes a campos metonímicos diferentes podem juntar-se devido a um termo comum e passar a pertencer ao mesmo campo metonímico, muitas vezes apenas relevante para a experiência subjectiva de uma pessoa. Uma contiguidade empírica, accidental, torna-se uma contiguidade de código (gera uma

condição de semelhança). Duas imagens metonimizadas originam assim uma metáfora pessoal permanente. Desta forma, códigos semânticos - e também pessoais - incorporam-se uns nos outros, aumentando as possibilidades de adaptação e transformação mental.

States sugere que um só dia da vida de uma pessoa engloba uma cadeia metonímica de acontecimentos, pensamentos, sentimentos, que partilham pelo menos uma zona temporal comum. A memória e vivência individual de um sujeito forma um vasto reino de metonímias a partir das quais se podem desenhar metáforas individuais. Apesar dos significados colectivos e culturais associados a certos objectos e imagens, o significado de qualquer imagem para um indivíduo deve ser ajustado à sua história metonímica pessoal. Os elementos do sonho são submetidos a alinhamentos metonímicos com aquilo que já lá está. O sentido e a forma são criados a partir de coisas que se conjugam através de princípios metafóricos e metonímicos. O processo metonímico permite supor que o sonho pode criar significados e não apenas resultar de significados já existentes nos pensamentos latentes.

Amaral Dias (1996) interroga-se sobre se o simbolismo inconsciente, universal, usado pelo sonho, é metafórico ou metonímico. Os símbolos universais, sobretudo os que decorrem da imagem do corpo, são metonímicos e os símbolos individuais são metafóricos, embora muitos símbolos individuais possam ser usados ao nível metonímico. O uso metonímico do símbolo é feito pela parte psicótica da personalidade e aproxima-se da equação simbólica no sentido de Segal. O uso metafórico do símbolo pertence à parte não psicótica da personalidade e aproxima-se da função simbólica integrativa.

Recapitulação: coisas, palavras e sonhos

A necessidade que o sonho tem de representar pensamentos abstractos, nomeadamente verbais, em imagens predominantemente visuais revela-nos a ligação genética entre imagens e representações de coisa com representações de

palavra e formulações verbais abstractas. As representações de palavra regredem às correspondentes representações de coisa, no que deve intervir uma consideração de representabilidade. Através desta regressão, os pensamentos latentes decompõem-se na sua matéria-prima. O sonho faz as palavras regredir às coisas, experiências e imagens sensoriais que estão na sua origem, remontando aos fundamentos pulsionais, corporais e concretos da linguagem verbal.

Se é verdade que as imagens do sonho não têm o poder da linguagem conceptual, em parte porque não tecem as relações lógicas habituais no pensamento verbal, também é verdade que ao narrarmos o sonho reintroduzimos essas conexões lógicas, o que mostra desde logo como os sonhos estão relacionados com a expressão linguística. Mais ainda, as formas e conteúdos do sonho estão relacionados com a língua específica falada pelo sonhador, confirmando a ligação entre as imagens oníricas e a linguagem verbal.

É a partir daqui que se verifica que, em qualquer língua, os termos concretos são mais ricos em associações do que os conceptuais. A condensação onírica manipula palavras que, pela sua ambiguidade, exprimam vários pensamentos. Embora no sonho o processo primário modifique as representações de coisa a que as palavras regressam, a elaboração onírica explora as palavras ambíguas como pontes verbais, o que favorece a transformação dos pensamentos latentes no conteúdo manifesto plástico. O sonho devolve assim às palavras o seu significado arcaico, pictórico e concreto, tantas vezes escondido por trás do significado abstracto que vieram a adquirir.

A regressão egóica que ocorre no sonho aproxima-nos do funcionamento psíquico primitivo, baseado numa satisfação alucinatória da necessidade e do desejo através de uma identidade perceptiva. A experiência fará com que este funcionamento dependente do princípio do prazer seja substituído por um funcionamento mais evoluído, que conta com o processo secundário e o manejo pré-consciente da excitação, no que a linguagem verbal assume um papel fundamental. O aparelho psíquico interpõe o pensamento para desviar a excitação, inibir a regressão que produziria a revivescência alucinatória da

satisfação do desejo. Assim, os processos de pensamento verbal podem fazer deslocar pequenas quantidades de energia (e já não uma descarga pulsional), resultando numa actividade exploratória que visa modificar o meio exterior para alcançar, por essa via indirecta, a satisfação do desejo. Promove-se agora o teste de realidade, capaz de distinguir entre o externo e o interno, entre percepções e ideias, orientando de modo mais adequado o organismo no mundo através de percepções externas e internas.

O sonho recupera as imagens sensoriais concretas que estão na origem das palavras, enquanto o desenvolvimento da linguagem verbal (através da generalização, abstracção e diferenciação crescentes, possibilitadas pela posição depressiva) contém o movimento progressivo que a afasta das suas fontes corporais e metafóricas e a aproxima de um manejo pré-consciente. A análise dos sonhos, da metáfora e das perturbações da linguagem devolvem-nos estas raízes sensoriais concretas das palavras. A importância da metáfora está no facto de permitir a compreensão de um domínio da experiência mais abstracto através dos termos de um domínio da experiência mais concreto, o que a torna um instrumento de grande utilidade para a elaboração onírica e o pensamento verbal.

Os sonhos conservam, em imagens visuais, a similaridade de coisa em que se baseia a antiga identidade conceptual e linguística que depois permitirá a formação de símbolos. Aquela identidade de coisa e de sensação gera a identidade verbal, cujo desenvolvimento deixará de se limitar às imagens corporais concretas e incrementará o pensamento abstracto. Os sonhos, que devem representar plasticamente pensamentos abstractos, constituem assim uma ilustração privilegiada das relações entre elementos plásticos concretos e elementos abstractos na origem e desenvolvimento da linguagem.

CAPÍTULO 3: O DELÍRIO

Na tentativa de trazer para a luz da consciência as representações de coisa arcaicas, este capítulo irá sublinhar o que há de regressivo no delírio. O delírio, a manifestação psicopatológica que mais vezes tem sido conotada com a loucura, vai interessar-nos nas suas ligações com o corpo e nas suas possibilidades regressivas, recuperando aquelas raízes corporais e sensoriais concretas a que o sonho também regressa, como vimos no capítulo anterior, e que, como veremos no próximo capítulo, a linguagem ainda conserva. Tal como o sonho, o delírio utiliza uma linguagem simbólica e deixa entrever, após a análise da sua estrutura, todo um trabalho de condensação, deslocamento e elaboração secundária. No entanto, não esqueceremos o que há de criativo e construtivo no delírio. Freud demonstrou, em diferentes ocasiões (1911; 1915; 1916-17) que a formação delirante é uma neo-realidade e resulta de um esforço de recuperação ou restituição empreendido pelo próprio sujeito.

Mais adiante veremos como Freud entende que o sujeito delirante usa as palavras como forma de recuperar os objectos perdidos que desinvestiu, tentando alcançá-los pela sua parte verbal. Com esta formulação, Freud coloca no cerne das representações delirantes uma forma de relação com a linguagem, uma forma de usar as palavras. Nacht e Racamier (1958) ~~acentuam~~ acentuam que o verbo, instrumento mediato de comunicação, é sobrevalorizado para tornar-se objecto de manipulação libidinal e agressiva. O delírio é obrigado a regressar dos objectos para as palavras, e não há sequer delírio propriamente dito quando o doente regride para lá do verbo, como no entorpecimento catatónico, o que ilustra a vinculação do delírio à linguagem verbal.

Examinemos com Scharfetter (1996) a etimologia da palavra **delírio**. Em latim diz-se *delirium*, proveniente de *de lira ire*, que significa sair do sulco (do

arado), ou seja, sair para fora, alienar-se do mundo comum às outras pessoas. Em alemão, delírio é *Wahnsinn*, que deriva da raiz indo-germânica *wen* (também contida em *gewinnen*, ganhar), que significa procurar qualquer coisa, esforçar-se, tentar, desejar, exigir, ter esperança, cobiçar, esperar, suspeitar. No antigo, médio e alto-alemão, *wan* significa expectativa, suspeita, opinião. Da mesma raiz indo-germânica deriva o inglês *to win*, a palavra alemã *Wunsch* (desejo) e o alemão antigo *wine* (*wini*), ou seja, alegria, e ainda o latim *venus* (amor), o hindu antigo *vanas* (apetência, prazer) e *vanati* (amor). A origem do vocábulo *Wahn* aponta para a ideia de aspiração, desejo, de que algo é ganho. Em inglês, diz-se *delusion*, do latim *deludere*, *-lusi*, *-lusum*, isto é, representar, fazer malabarismos ou jogos de mãos.

O delírio é caracterizado por convicções não baseadas em percepções externas observáveis, convicções incorrigíveis causadas pela projecção que o indivíduo faz das suas próprias emoções em objectos externos (Eidelberg, 1971). O delírio, tal como Nacht e Racamier (1958) destacam, é uma *história* e a sua compreensão envolve o estudo das circunstâncias que contribuem para a génese de uma personalidade pré-psicótica e pré-delirante; o delírio é a solução mais ou menos estável de um conflito psíquico, depois de falharem as defesas de tipo neurótico, derrotadas por uma angústia psicótica que enfraquece o Eu e desencadeia fenómenos psicossomáticos, afectando as capacidades integrativas do Eu.

Delírio e sonho

Como Freud (1907) destaca, muitos distúrbios mentais estão ligados a sonhos e surgem de sonhos, sendo que os sonhos e o delírio provêm de uma mesma fonte: do que é reprimido. É frequente que o material reprimido, antes de se tornar suficientemente forte para irromper na vigília como delírio, dê origem a sonhos, debaixo das condições favoráveis do sono, durante o qual diminui a força da resistência que se opõe ao que é reprimido. E se o sonho é antecedido pelo

sono, com relativo desinvestimento das percepções externas e da esfera motora, o delírio tem como pré-condição o completo afastamento do mundo externo

Tal como o sonho, o delírio é uma linguagem cifrada que pode ser traduzida, tem um conteúdo latente que o trabalho do delírio transforma no seu conteúdo manifesto, trazendo os vestígios de uma elaboração secundária que introduz uma aparência de ordem e lógica, utilizando também o deslocamento, a condensação, a dramatização, a simbolização (Nacht e Racamier, 1958). O delirante toma à letra os jogos de palavras e as maneiras de falar, os símbolos e metáforas adquirem força de factos, tal como no sonho. De modo comparável ao sonho, o delírio alimenta-se de acontecimentos reais e necessidades inconscientes, articula elementos da realidade externa, resíduos de vigília e elementos da realidade interna inconsciente, como recordações, desejos e medos.

Freud (1915) aponta uma diferença essencial entre a elaboração onírica e o delírio esquizofrénico: neste, as representações de coisa estão desinvestidas e o que é modificado pelo processo primário são as palavras em que o pensamento pré-consciente se exprime, enquanto no sonho são modificadas as representações de coisa a que as palavras foram levadas regressivamente. Para representar pensamentos latentes no conteúdo manifesto, a elaboração onírica explora ambiguidades e pontes verbais, gerando chistes e neologismos semelhantes aos dos esquizofrénicos, o que demonstra que, no sonho, as representações de palavra são tratadas como coisas e as operações com as palavras preparam, afinal, uma regressão às coisas originais.

O delírio na obra de Freud

A obra de Freud é rica de contribuições à compreensão psicodinâmica da psicose e do delírio, mas o exame que se segue não tem a pretensão de ser exaustivo, limitando-se a algumas formulações salientes.

No artigo *Observações Adicionais sobre as Neuropsicoses de Defesa* (1896), Freud focaliza como central na paranóia um mecanismo que se revelará

fundamental na formação do delírio: a projecção. A auto-acusação é reprimida e depois projectada, tornando-se num sistema defensivo de desconfiança face às outras pessoas. O sujeito paranóico deixa de reconhecer as auto-acusações enquanto tais e não pode proteger-se delas, quando retornam nas suas representações delirantes caracterizadas pela desconfiança e atribuídas a um perseguidor. As representações delirantes paranóicas obrigam a actividade de pensamento do Eu a aceitá-las e a adaptar-se-lhes.

Em *Delírios e Sonhos na "Gradiva" de Jensen* (1907), surge como característico do delírio que as fantasias ganhem a primazia, transformando-se em crença e passando a influenciar as acções. Há a convicção inabalável de que o seu conteúdo corresponde à realidade, o que, segundo Freud, se deve à parcela de verdade existente em qualquer delírio, um elemento verdadeiro há muito reprimido; há como que um deslocamento da verdade inconsciente, histórica, aos erros e distorções que lhe estão ligados e que podem alcançar a consciência. Isto envolve o problema da convicção delirante, que teremos oportunidade de retomar. O delírio desenvolve-se quando impressões casuais despertam experiências infantis reprimidas, que se tornam activas e arrastam consigo pulsões, mas que só podem atingir a consciência depois de se submeterem a mudanças e distorções. O delírio resulta do confronto entre a força repressora e a emergência de motivações inconscientes, uma conciliação que nunca é satisfatória e que, por isso, produz sempre novos desenvolvimentos.

Na análise do caso Schreber, Freud (1911) observa que nos delírios de perseguição o agressor é alguém que desempenhou um papel importante na vida emocional do doente, sendo a intensidade dessa emoção projectada sob a forma de um poder externo e convertida no seu oposto. A pessoa antes amada é agora odiada e temida, encontrando-se como causa desses mecanismos uma homossexualidade latente (uma fantasia homossexual passiva) que entra em conflito com as instâncias críticas do doente. Quando a pessoa desejada se torna um perseguidor, a essência da fantasia de desejo torna-se a essência da perseguição, inserindo-se numa cadeia cósmica de acontecimentos inter-

relacionados que tem a vantagem de satisfazer a megalomania do Eu e a própria fantasia homossexual, agora tornada justificável e aceitável.

Freud aprecia o papel do desejo homossexual na formação da paranóia na sua relação com o desenvolvimento da libido. O narcisismo, estágio em que o sujeito toma o seu próprio corpo como objecto amoroso, situa-se entre o autoerotismo e o amor objectal, e dele decorre a escolha de um objecto com órgãos genitais semelhantes, ou seja, uma escolha objectal homossexual, seguindo-se a heterossexualidade. Para Freud, aqueles que se tornam homossexuais manifestos não se libertaram da condição narcísica de que o objecto da sua escolha possua órgãos genitais iguais aos seus.

Assim, uma corrente homossexual reprimida está presente nas formas delirantes paranóicas. Na paranóia, o mecanismo de formação dos sintomas faz com que os sentimentos e as percepções internas sejam substituídos por percepções externas. Freud coloca a proposição de desejo “eu (um homem) amo (um homem)”, que é transformada em “eu não o *amo* - eu *odeio-o*”, a qual, por projecção, é transformada em “ele odeia-*me* (persegue-me), o que me desculpará por odiá-lo”. Deste modo, o sentimento inconsciente compulsivo surge como consequência de uma percepção externa: “eu não o *amo* - eu *odeio-o*, porque ele persegue-me”. Freud leva mais longe as vicissitudes destas proposições de desejo. Na erotomania, a proposição é: “eu não *o* amo - eu amo-*a*”, a qual, após projecção, aparece como: “*ela* ama-me”; ou seja, “eu não *o* amo - eu amo-*a*, porque ela ama-me”. No delírio masculino de ciúme, encontramos: “não sou *eu* quem ama os homens - *ela* é que os ama”, o que justifica que o ciumento delirante suspeite da mulher em relação a todos os homens que ele próprio deseja amar. No delírio feminino de ciúme, existe: “não sou *eu* quem ama as mulheres - *ele* é que as ama”. Na megalomania, há outra forma de contradizer a proposição inicial: “não amo de modo algum - não amo ninguém”, o que conduz a: “eu só amo a mim mesmo”, acarretando uma supervalorização sexual do Eu.

A projecção é, então, o mecanismo central na formação de sintomas na paranóia: uma percepção interna é suprimida e o seu conteúdo, após sofrer uma

deformação, penetra na consciência sob a forma de percepção externa. Nos delírios de perseguição, a deformação consiste numa transformação do afecto, e o que internamente era sentido como amor passa a ser percebido externamente como ódio.

O paciente retira das pessoas o investimento libidinal que lhes dedicava, vindo a libido vincular-se ao Eu e contribuir para o engrandecimento megalomaniaco deste, num retorno ao estágio do narcisismo. O desligamento da libido pode, no entanto, levar a que tudo se torne indiferente e irrelevante; a crença no fim do mundo é uma projecção dessa catástrofe interna. No entanto, assiste-se em seguida a um processo mais ruidoso e espectacular que é a tentativa de recuperação por parte do doente, a reconstrução de um mundo novo no seu sistema delirante, o que desfaz o trabalho de repressão anterior e traz de volta a libido, por projecção, para as pessoas que ela tinha abandonado.

No artigo *O Inconsciente* (1915), é dito que o recalçamento, na psicose, consiste na retirada dos investimentos pulsionais da figuração da representação objectal inconsciente. A barreira do recalçamento é apagada e por isso a representação de objecto inconsciente é desinvestida: o investimento inconsciente está associado ao recalçamento. Na esquizofrenia, a libido reprimida refugia-se no Eu, os investimentos objectais são abandonados e restabelece-se um estado de narcisismo não objectal, o que parece explicar características clínicas como o repúdio do mundo externo, o hiperinvestimento do Eu, a apatia. Tornam-se patentes modificações da *fala*, com desorganização das frases, referências a órgãos corporais e inervações; trata-se da *fala de órgão*, com colorido hipocondríaco. A palavra é aqui usada no seu sentido mais literal, concreto e corporal. As palavras sujeitam-se ao processo psíquico primário, que nelas efectua uma condensação e um deslocamento que transfere os investimentos das palavras umas para as outras. Uma só palavra pode representar todo um encadeamento de pensamento, se possuir numerosas conexões, mas na formação dos substitutos esquizofrénicos o que é decisivo não é a semelhança entre as coisas denotadas mas sim a semelhança ou uniformidade das palavras que as

designam. Daqui Freud infere que, se os investimentos objectais são retirados, os investimentos das representações de palavra são retidos.

Convém aqui recordar a noção fundamental de que a representação inconsciente engloba a representação de coisa e também a representação de palavra que lhe está ligada, enquanto a representação inconsciente é apenas a representação de coisa. Esta noção permite a Freud considerar que o Inconsciente contém os investimentos das representações de coisa e os primeiros investimentos objectais; o Pré-Consciente constitui-se quando essas representações de coisa são hiperinvestidas através da ligação com as representações de palavra correspondentes, trazendo uma organização psíquica superior que possibilita que o processo primário seja sucedido pelo processo secundário, dominante no Pré-Consciente. Os processos de pensamento são em si mesmos destituídos de qualidade e inconscientes, apenas se tornando conscientes pela ligação com os resíduos de percepções de palavras, provavelmente porque o pensamento é um acto de investimento que evolui em sistemas tão distantes dos resíduos perceptivos originais que já nada retêm das qualidades desses resíduos; estes, para serem conscientes, têm de ser reforçados por novas qualidades que só as representações de palavra lhes proporcionam. Isto não invalida que as representações de palavra, tal como as representações de coisa, tenham origem nas percepções sensoriais.

Freud verifica assim que, na esquizofrenia, os investimentos pulsionais são retirados dos aspectos da representação inconsciente do objecto, recebendo as representações de palavra correspondentes um investimento mais intenso, o que deve ser entendido como uma primeira tentativa de recuperação (ou de cura, ou de restituição) empreendida pelo esquizofrénico, tal como o delírio ou participando deste. Estas tentativas visam a recuperação do objecto perdido, seguindo um caminho que conduz ao objecto através da sua parte verbal. Desta forma, o pensamento esquizofrénico trata as coisas concretas como se fossem abstractas.

No *Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos* (1917), Freud investiga mais detidamente a convicção que o delirante tem de que o conteúdo do seu delírio corresponde à realidade. Assim como no sonho uma fantasia de desejo torna-se consciente como uma percepção sensorial, sendo o desejo onírico alucinado e tido como real, também na confusão alucinatória aguda e na fase alucinatória da esquizofrenia se encontra a formação da fantasia carregada de desejo e a sua regressão à alucinação. Sendo a formação alucinatória e delirante uma tentativa de restaurar o investimento libidinal dos objectos, o desejo reprimido é trazido à consciência e apresentado como satisfeito, *dramatizado*. A alucinação traz consigo a crença na sua realidade porque o pensamento regride aos traços de memória inconscientes dos objectos e daí à percepção destes. No entanto, a alucinação não é apenas a revivescência regressiva de imagens mnésicas inconscientes. O Eu pré-psicótico rompe a sua relação com uma realidade insuportável e, com isso, anula o teste de realidade, instituição do Eu que discrimina o interno e o externo, permitindo agir no mundo. Segundo Freud, o teste de realidade resulta da aprendizagem de que uma percepção que desaparece por meio de uma acção é externa, logo real, e que uma percepção não influenciável por essa acção tem origem dentro do indivíduo, logo não é real. Abandonado o teste de realidade, as fantasias carregadas de desejo, irreprimidas, exercem pressão até ao Consciente, sendo por estes consideradas uma realidade melhor e indiscutível.

Em *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose* (1924), surge claramente que a psicose comporta duas fases, uma primeira que afasta o Eu para longe de uma realidade intolerável e uma segunda que tenta restabelecer as relações com a realidade às custas do Id, criando de modo autocrático uma nova realidade que não atrai as objecções da anterior. Ao repúdio da realidade sucede uma transformação da realidade baseada nos precipitados psíquicos das antigas relações com ela, traços de memória, ideias e julgamentos que representaram a realidade na mente, numa relação que é sempre enriquecida e renovada com

novas percepções. Agora, a neo-realidade delirante tem de ser também constantemente confirmada com novas percepções, mas na forma de alucinações.

Estados matriciais do delírio

Como Nacht e Racamier (1958) referem, o delírio é uma tentativa para apaziguar o medo psicótico destrutivo ligando-o de novo às pulsões libertadas, recriando um mundo estruturado e com sentido. Além de apresentar uma solução para situações altamente conflituosas e angustiantes, o delírio tem um conteúdo, uma estrutura, uma forma de relações objectais e uma história. Vejamos as formulações daqueles autores para a génese e desenvolvimento do delírio.

O primeiro tempo do delírio é a irrupção da angústia, a desordem das relações objectais, a desintegração funcional do Eu e a anulação da referência à realidade, o que origina mecanismos de adaptação psíquica destinados a vencer o medo, a restabelecer relações com o mundo objectal e a restaurar uma ordem de realidade. Se estes mecanismos falham, novas invasões pulsionais obrigam o doente a uma regressão cada vez mais profunda, o que remete para um momento da evolução da personalidade em que o sujeito se constitui como indivíduo, estabelece relações objectais e adopta a realidade como tal.

Os estados primordiais do delírio caracterizam-se por uma angústia sem limites e uma desorganização do mundo vivido. Há uma alteração profunda do espaço e do tempo vividos, que perdem as suas coordenadas habituais, e um desinvestimento maciço do objecto privilegiado e das representações psíquicas que o acompanham. Este desinvestimento provoca um estado livre das energias pulsionais, condição económica de base da angústia psicótica que se pode agudizar maximamente no estado desintegrante de terror. Nesta desestruturação dos laços objectais, os limites entre o si e o não-si diluem-se, assim como as distinções entre o verdadeiro e o imaginário, o fantasmático e o real. Nacht e Racamier (1958) consideram que o sujeito predisposto ao delírio nunca chega a integrar a dualidade sujeito-objecto ou a relação autenticamente objectal. O

indivíduo predisposto à psicose tem uma fragilidade da imagem de si e do outro e é vulnerável a traumatismos narcísicos, visto que a sua diferenciação face ao objecto não é firme. A perda ou ausência do objecto precipita o acesso psicótico delirante, visto que o objecto é que assegura o controlo pulsional, o domínio cognitivo e perceptivo, a integração das funções egóicas.

Há assim uma perda de limite entre o que é e o que não é sujeito, os pensamentos e emoções situam-se tanto dentro como fora dele e são vistos como causas onnipotentes de todas as coisas. É a regressão ao estado pré-objectal em que não há distinção entre mundo interno e externo, de onde decorre a alteração do espaço e do tempo vividos, o exterior sendo vivido no mesmo plano que o subjectivo. A regressão formal do esquizofrénico devolve-o a um modo infralógico de pensamento, visto que se altera o seu critério de autenticidade e de conhecimento.

A angústia psicótica desintegra funcionalmente o Eu, privado do apoio do objecto e incapaz de manejar os impulsos. Apaga-se a distinção tópica do psiquismo, que só se constitui quando o sujeito pode colocar-se como sujeito em relação a um objecto. O desinvestimento libidinal do objecto devolve as cargas pulsionais a um estado livremente flutuante, invadindo o campo psíquico e agudizando a angústia. Perante a angústia correspondente a esta invasão pulsional, o sujeito tenta religar e reinvestir os impulsos agressivos e libidinais, o que falha devido aos receios inconscientes que já tinham levado ao desinvestimento inicial. Transpõe então para a sua própria pessoa os investimentos pulsionais, momento narcísico do delírio que não reforça o Eu mas salva-o do caos anterior. Tornando alvo de todos os investimentos, o sujeito experimenta a onnipotência megalomaniaca e o pensamento mágico. Refira-se que o pensamento mágico, ontogenética e filogeneticamente, é um meio primitivo de domínio de um mundo sentido como perigoso e é um regresso à união com o objecto materno primário. Este momento narcísico explica também o êxtase de reunificação perfeita com o objecto e as vivências hipocondriacas. Mas agora o sujeito não suporta, quantitativamente, o afluxo pulsional maciço dirigido ao seu

próprio corpo, cuja imagem está fragmentada, e não suporta, qualitativamente, a natureza sexual e agressiva dos auto-investimentos. Tem, então, de regressar ao mundo objectal. Impedido da aproximação objectal e do investimento narcísico, o sujeito encontra uma solução na formação delirante, indo reparar e recuperar o objecto, recriá-lo e ressuscitá-lo.

A projecção delirante

A projecção, permitindo ao Eu rejeitar sobre objectos externos a origem de estímulos sentidos como intoleráveis e emanando geralmente do seu Inconsciente, coloca a fonte interior no exterior, parecendo mais fácil ao sujeito defender-se de um perigo exterior do que interior. Nacht e Racamier (1958) observam que o psiquismo primitivo, tanto das crianças como dos povos, usa correntemente a projecção, gerando a magia, a demonopatia e o pensamento animista. O primeiro e o mais primitivo dos modos de conhecimento, a projecção defende contra impulsos inconscientes e estrutura o mundo externo, introduz significação e causalidade na ordem natural.

A projecção psicótica situa-se a um nível mais arcaico do que a projecção neurótica, num estado de indiferenciação entre si e o outro, entre o fantasmático e o objectivo, que é o estado matricial do delírio. É dessa origem que a projecção retira o poder de autenticidade subjectiva absoluta conferido às produções delirantes. No delírio, a projecção não só defende contra forças intoleráveis originadas na própria pessoa como reestrutura e reconstrói o mundo destruído pela perda do objecto e pela dissolução funcional do Eu. Dá ao mundo uma aparência de significação e verdade, restaurando uma ordem de relação. Há novamente um sujeito e um objecto, mundo interno e externo, mas mudados pelo e para o delírio. No entanto, a projecção não salva o doente dos seus impulsos, que voltam na forma de alucinações e de ideias de influência ou perseguição.

Regressão

Vimos que Freud (1896) considera que o Eu muda para se acomodar à ideia delirante. O esquizofrénico adopta assim um modo de actividade cognitiva constantemente regressivo. Nacht e Racamier (1958) sublinham que a regressão incrementa mais regressão, e o sujeito, fugindo a uma aproximação objectal sempre angustiante, tende, no seu esquiteamento interior, para uma regressão mais profunda, para a desintegração de toda a actividade relacional e conceptual, para a demência e a indiferença, em direcção a um autismo sem limites em que nem o delírio será necessário. A regressão conceptual e a ameaça ansiosa determinam uma estrutura difusa do delírio, dando campo para as angústias primitivas animarem novas produções delirantes.

O delírio conduz a uma regressão à ontogénese. Segundo Nacht e Racamier (1958), falta à pessoa predisposta ao delírio o sentimento de realidade e verdade das coisas e dos seres, que confere segurança ao raciocínio e à prova, sentido de autenticidade ligado à solidez das relações com o mundo e que remete para o período do desenvolvimento infantil em que o Eu está em vias de se integrar e de apreender o primeiro objecto.

As funções do Eu formam-se no seio dessa relação primária até consolidar-se um sentimento do Eu e diferenciar-se sujeito e objecto. O objecto desenha-se através de projecções e introjecções sucessivas que distorcem mas vão conferindo um grau crescente de objectivação. Com a maturação perceptivo-motora e a presença materna, consolida-se cada vez mais o sentido do real e do autêntico. A presença materna, que antes resumia em si toda a realidade, é mediadora de uma integração maior do verdadeiro. O delírio regressa a essa confusão da ordem das realidades interna e externa, entre o real externo e o mundo fantasmático inconsciente, que entram em ressonância.

A regressão no delírio da máquina de influenciar

Vários autores têm contestado que o factor decisivo por trás da actividade delirante seja a negação de uma homossexualidade latente negada, preferindo atribuir um carácter assexual e pré-objectal à perturbação primordial. Tal perturbação tocara a identidade (nomeadamente sexual) do sujeito e implicaria aqueles processos descritos por Freud: um desinvestimento objectal, um retraimento narcísico, a perda da realidade e a reconstrução do mundo. Particularmente notável, na bibliografia psicanalítica sobre o assunto, é o artigo de Tausk (1919) sobre o delírio da máquina de influenciar. Tausk reconduz a origem do delírio às formas mais arcaicas da libido do Eu, a uma fase pré-objectal onde o Eu não se distingue do não-Eu, retomando ao nível narcísico os mecanismos descritos por Freud ao nível objectal homossexual.

A máquina de influenciar esquizofrénica é manipulada por inimigos e serve para perseguir o doente, apresentando-lhe imagens, produzindo ou roubando pensamentos, fabricando acções motoras e doenças somáticas no corpo do sujeito através de correntes atmosféricas, eléctricas, magnéticas ou por raios-X. A máquina, manifestação tardia da doença, proporciona uma causa àquilo que começou por ser uma transformação patológica da vida afectiva e sensorial do doente e que é sentida como estranha e desagradável. A crença em perseguidores justifica também o delírio de grandeza.

A máquina adquire um aspecto incompreensível e complicado, partes inteiras não podem mesmo ser imaginadas, e representa, segundo Tausk, não apenas os órgãos genitais do sujeito delirante (máquinas complicadas representam, em sonhos, os órgãos genitais do sonhador) mas o seu corpo inteiro, sendo uma projecção do corpo do doente no mundo exterior. A máquina, ela própria, começa por ter uma forma humana e o doente sente todas as manipulações do aparelho nos lugares correspondentes do seu próprio corpo. Evoluindo o delírio, há um processo progressivo de desnaturação do aparelho,

que vai perdendo a sua feição humana, distorção defensiva destinada a proteger o Eu consciente de se reconhecer na máquina de influenciar.

Um dos sintomas da esquizofrenia, que já várias vezes referimos, é a perda dos limites do Eu, levando o sujeito a crer que todas as pessoas conhecem os seus pensamentos ou que estes se desenrolam na cabeça de outras pessoas. Tausk relaciona esta crença com o estágio do desenvolvimento infantil em que a criança acredita que os outros, especialmente os pais, conhecem os seus pensamentos, até conseguir a sua primeira mentira, sendo o direito de possuir os seus próprios segredos um factor poderoso na formação do Eu, na delimitação e realização de uma vontade própria. A crença delirante de que alguém fabrica os próprios pensamentos é uma regressão àquela situação precoce em que a criança recebe tudo dos outros, incluindo o uso dos seus membros, a linguagem e o pensamento, desempenhos em que a criança pequena não pode compreender a extensão da sua própria participação.

Durante a apresentação e discussão do artigo de Tausk na Sociedade Psicanalítica de Viena, em 1919, Freud sublinhou que a crença infantil de que os outros conhecem os seus pensamentos aplica-se em particular à aprendizagem da palavra, porque com a linguagem verbal a criança recebe os pensamentos dos outros e, aliás, a sua convicção de que os outros conhecem os seus pensamentos está fundada nos factos: há o sentimento de que os outros lhe *fazem* a palavra e, com ela, os pensamentos. É aqui que encontramos a **linguagem** como uma máquina de influenciar, hipótese fecunda que retomaremos no capítulo 4.

Tausk procura reconstituir os estádios arcaicos do desenvolvimento libidinal a que o delírio da máquina de influenciar regride. O estágio que antecede o do encontro com o objecto é a identificação, anterior portanto à escolha objectal por projecção, a qual constitui a verdadeira posição do objecto. A identificação coincide com a disposição da libido no narcisismo, anterior ao começo da delimitação de um Eu face a um mundo externo, experimentando-se as estimulações sensoriais como endógenas e não se constatando ainda uma distância temporal e espacial entre o objecto estimulante e a sensação recebida. A

etapa seguinte do desenvolvimento é baseada na projecção, no exterior, da excitação e sua atribuição a um objecto separado, o que permitirá ao intelecto a constituição de uma instância crítica de objectivação que distingue objectividade e subjectividade. Este processo, co-extensivo do princípio da realidade, permite reconhecer os processos internos enquanto tais e nas suas relações com as estimulações externas.

Assim, a persistência de um fenómeno residual, latente até ao começo do delírio, ou a regressão farão renascer a posição em que a libido se orienta para o próprio corpo, coincidindo com o estágio evolutivo em que o encontro com o objecto se passa ao nível do corpo próprio, sendo este considerado como mundo externo. É a época em que a criança lida com os seus pés e mãos como se fossem objectos estranhos, vivência de um corpo fragmentado que se integrará numa unidade psíquica para onde confluem todas as sensações de prazer e desprazer, o Eu, pela via da identificação ao corpo próprio. A projecção delirante do corpo seria então a repetição patológica de um estado psíquico em que o sujeito descobriu o seu corpo com a ajuda da projecção. Esta projecção patológica é devida a uma acumulação da libido narcísica, regressiva, que exclui o sujeito do mundo externo, e serve como defesa contra uma posição libidinal correspondente à do fim do desenvolvimento fetal e início da vida extra-uterina.

Tausk considera que um sintoma esquizofrénico como a catalepsia pode corresponder ao estágio em que a pessoa não sente os seus órgãos como seus, abandonando-os ao poder de uma vontade externa, repetindo a situação em que o corpo era estranho, regido por poderes exteriores. O estupor catatónico seria um regresso ao seio materno, com abandono das funções do Eu e de qualquer relação com o mundo exterior, refugiando-se completamente numa posição fetal ou de recém-nascido. O fantasma do regresso ao seio materno é um fantasma filogenético pré-formado, animado pela regressão delirante.

Para Tausk, o factor decisivo é que a libido narcísica, quando fortemente fixada, sente de maneira hostil a exigência de transferência para objectos de amor, experimentando como inimigos os objectos que provocam esta

transferência e ameaçam a posição narcísica. A máquina de influenciar, delírio de perseguição, regressa a um estágio psíquico onde existe esta tensão entre posição narcísica e posição objectal, não sendo relevante, como sustenta Freud, a oposição entre os sexos.

A linguagem e o delírio esquizofrénico

Já vimos como Freud (1915) considera que o esquizofrénico abandona os investimentos objectais mas retém, e superinveste, as representações de coisa, submetendo as palavras ao processo primário, isto é, tratando-as como se fossem coisas. Este hiper-investimento das representações de palavra, tentativa de recuperar o objecto através da sua parte verbal, gera as alterações de linguagem e do pensamento concreto do esquizofrénico, lidando com coisas abstractas como se fossem concretas, numa perda de limites de si mesmo que conduz às equações simbólicas (Segal, 1956) ou à des-simbolização das significações metafóricas (Searles, 1961), onde o símbolo é identificado com o que simboliza. O processo primário elimina então, na esquizofrenia, a relação de significação entre significante e significado, pondo em causa o signo linguístico na sua função referencial que constitui o fundamento da linguagem (Gibeault, 1985).

Gibeault precisa que o sobre-investimento da linguagem verbal não se segue ao desinvestimento dos objectos, mas vem na continuidade do investimento dos objectos e serve de defesa contra este. As palavras perdem o seu valor de ~~contra~~-investimento e assumem pelo contrário o mesmo valor de investimentos do objecto, visando apagar a figuração do objecto interno projectado sobre os seus representantes externos.

A instauração do princípio da realidade e a elaboração da posição depressiva vêm incrementar o desenvolvimento da linguagem, visto que, como é definido por Bion (1955), a capacidade de simbolizar depende da possibilidade de apreender objectos totais, abandonando a clivagem e a posição esquizoparanóide e entrando na posição depressiva com reunificação das partes

clivadas. A clivagem excessiva impede o esquizofrénico de se servir dos símbolos e, logo, dos substantivos e verbos. O pensamento verbal, dependente da síntese e da integração próprias da posição depressiva, é para Bion não só um meio de agudizar a tomada de consciência da realidade psíquica como também da depressão ligada à destruição e perda dos bons objectos. O esquizofrénico evita essa catástrofe clivando e projectando o pensamento verbal, e a sua dificuldade em tolerar a posição depressiva facilita a regressão a um estado desintegrado. Deste modo, a integração e a desintegração do pensamento verbal participam na oscilação entre as posições esquizoparanóide e depressiva.

Bion entende que o pensamento verbal não é caracterizado somente pelo evitamento da acção motora e tolerância do acréscimo de tensão, sendo os seus outros elementos a atenção, a notação, a formulação de juízo e uma função de acção evoluindo a partir da descarga motora. Todos estes aspectos constituintes do pensamento verbal, destinados a ajudar o Eu a estabelecer contacto com a realidade externa e interna e participando nas forças de síntese e integração da posição depressiva, são atacados pelo esquizofrénico. Estes ataques contra o Eu geram temores de aniquilamento, desintegração e morte. A clivagem usada contra o pensamento verbal destrói as tentativas de síntese, num projecto de “ser tantos indivíduos quanto possível, para estar em tantos lugares quanto possível, para obter o mais possível, durante a maior parte do tempo possível” (Bion, 1955).

Searles (1961) verifica que a comunicação esquizofrénica está submetida às mesmas defesas e distorções que se encontram nos sonhos: *deslocamento*, *condensação*, *projecção*, *introjecção*, *isolamento*, numa psicodinâmica subjacente que implica regressão, ambivalência e esforços para perpetuar a relação simbiótica. Não é surpreendente que os esquizofrénicos, cuja experiência perceptivo-conceptual é mal diferenciada, recorram ao deslocamento, através do qual o semelhante é tomado como idêntico, levando a que o doente se refira a pessoas ou épocas diferentes das que são visadas pelo movimento pulsional. Na condensação, significações e emoções diversas são concentradas num enunciado verbal ou não verbal preciso e estereotipado, sendo reflexo de sentimentos e

ideias que, mesmo no Inconsciente, não estão diferenciados entre si. O protótipo da condensação é a ausência de discriminação adequada entre o próprio e o ambiente, que já vimos como sendo uma experiência subjectiva central na esquizofrenia, implicando que as significações concretas não se distingam das figuradas. A projecção introduz na comunicação verbal ou não verbal sentimentos e ideias que trabalham no Inconsciente do sujeito, pela introjecção imita ou caricatura outras pessoas, por vezes introjectando aspectos do outro dos quais o próprio não está preparado para reconhecer em si. O isolamento destitui as palavras de qualquer tonalidade afectiva, servindo como defesa face a sentimentos fortemente ambivalentes.

O estudo destes modos de comunicação revela uma psicodinâmica subjacente marcada pela regressão a níveis precoces de funcionamento do Ego, o que explica a concretização ou, inversamente, a sobre-simbolização das comunicações, sem distinção entre pensamento concreto e pensamento metafórico (ou outras formas simbólicas de pensamento). O paciente que não fala regrediu talvez ainda mais longe, ao estágio pré-verbal. A ambivalência intensa do esquizofrénico determina modos de comunicação indirecta, comunicações verbais e não verbais que se contradizem a si próprias, comunicações em que há clivagem entre o conteúdo e o tom da voz, expressão não verbal de um sentimento que contradiz o sentimento verbalizado. Todas estas formas verbais e não verbais de comunicação reflectem o esforço do esquizofrénico para manter uma relação simbiótica com alguém significativo, visto que uma sólida comunicação verbal, amadurecida, implica a perda do sentimento subjectivo de união desfrutado outrora entre a criança e a mãe, impulsionando a individuação progressiva à medida que se estabelecem as fronteiras do Eu.

As perturbações da linguagem na esquizofrenia são inevitáveis se observarmos, com Searles (1972), que o esquizofrénico emprega uma desdiferenciação e fragmentação do Eu, como defesas inconscientes contra sentimentos de culpabilidade, tristeza, amor, e num esforço inconsciente para realizar tendências onnipotentes. Na sua experiência, o esquizofrénico é incapaz

de distinguir entre a): modos de pensamento e comunicação figurados (metafóricos) e concretos; b) elementos da realidade animados e inanimados; c) formas de vida humanas e não humanas; d) homens e mulheres; e) adultos e crianças; f) fantasmas (ou sonhos nocturnos) e acontecimentos reais; g) ideias e pessoas. O Eu des-diferenciado torna impossível ao sujeito distinguir entre fantasma e realidade, o próprio e o outro, pelo que não pode reconstruir o que o outro imagina mas sim sentir que a imaginação deste engendra a única realidade de que o doente dispõe, incluindo a realidade do seu Eu, o que favorece um estado de simbiose com o outro baseado na identificação delirante.

Fulcral para a compreensão da psicose é o mecanismo de *Verwerfung* (rejeição, recusa) de que fala Freud, pelo qual o Eu rejeita uma representação intolerável e o afecto que lhe corresponde (Freud, 1896). No entanto, com isto o psicótico separa-se de uma parte da realidade, porque a representação está sempre ligada a uma parcela da realidade. Daqui resulta a criação de uma nova realidade e a entrada na psicose. Amaral Dias (1989) refere que esta rejeição de certos aspectos da realidade leva o esquizofrénico a atacar a representação simbólica (nomeadamente verbal) desses mesmos aspectos, de onde infere que o objecto não acede a um estatuto simbólico, permanece concreto e intolerável, reforçando no esquizofrénico o uso da linguagem para denegar uma experiência de objectualização impossível de designar. Isto liga-se à observação de Gibeault (1985) segundo a qual as alterações psicóticas da linguagem e as alucinações não se limitam a ser processos de restituição para reencontrar a via dos objectos perdidos, mas são também modalidades defensivas que se podem aliar ou opor-se e que visam formar um écran de representação, de palavras ou de coisas, para proteger o sujeito da efracção perceptiva do objecto. N.-H. Montgrain (1989) destaca o curto-circuito do recalçamento, impedindo a formação de substitutos como se encontra na neurose. Não há assim o recurso à metáfora e à metoníma, nada se interpõe entre o sujeito e o objecto suposto perdido quando um vivido actual vem coincidir com este; a realidade invade o sujeito. O investimento tem então de se apegar às palavras para tentar reconstituir o recalçamento de que as

palavras são causa e consequência, para evitar esta invasão da realidade. Este investimento da palavra evita o reinvestimento da representação de coisa inconsciente e é a base da construção delirante. O delírio surge como uma formação substitutiva para impedir o investimento da representação de coisa.

O processo denominado *Verwerfung*, a *forclusão* de Lacan, não é, como vimos, uma simples negação, visto que a negação não faz do pensamento um não-pensamento. Ora, como acentua Danielle Roulot (1998), o que se passa na psicose é a imposição de um não-pensamento no lugar de um pensamento, um buraco no tecido dos pensamentos. A forclusão é assim a rejeição de um significante primordial no exterior, colocado fora da simbolização geral estruturante do sujeito, de onde todavia retornará. A mesma autora destaca que a submissão ao princípio da realidade impõe as leis da lógica formal, como o princípio da não-contradição (duas proposições contraditórias não podem ser verdadeiras ao mesmo tempo, uma deve ser afirmada por um julgamento que a toma como verdadeira e a outra é rejeitada). A contradição cria assim o lugar tópico do Inconsciente, constituído pela proposição rejeitada. Na psicose, a contradição deixa de ser reconhecida como tal por um Eu não gerido pelo princípio da realidade, que não assume as leis da linguagem. A contradição torna-se simples justaposição dos seus termos, podendo manifestar-se em acto e determinando aquelas peculiares formas de comunicação esquizofrénica descritas acima. No esquizofrénico, na falta desse operador que é o recalçamento, a contradição faz clivagem das partes do Eu que continuam a afirmar cada um dos seus termos (D. Roulot, 1998). Daí que, como vamos ver agora, Racamier defenda que o esquizofrénico não suporta a ambivalência.

A anti-conflitualidade dos esquizofrénicos

Segundo Racamier (1990), o conflito originário na vida psíquica é entre a preservação narcísica autocrática e a aspiração objectal anti-narcísica, o que lembra o destaque dado por Tausk à oposição entre a libido narcísica e a libido

objectal na génese do delírio. A organização psicótica é basicamente anti-conflitual, daí o carácter radical das defesas psicóticas que atacam as raízes do conflito. A psicose regride a um período anterior à integração da ambivalência, fundindo-se o sujeito com o objecto, abolindo-se a diferença entre os seres e, logo, abolindo-se a ambivalência. É uma regressão desestruturante, que já largamente examinámos, e que reenvia os investimentos ao seu estado originário de indistinção. Sendo a integração da ambivalência a base da realidade psíquica e do sentimento do Self, a sua rejeição pela esquizofrenia comporta a perda do Self e da realidade psíquica interna.

Enquanto a clivagem moderada só faz sentido para aquilo que é integrável ambivalentemente (só se cliva o que é associável), a clivagem excessiva, ou melhor, o esquatejamento psicótico, ultrapassa as possibilidades e recursos do trabalho psíquico.

A par de uma negação maior, que é a da própria existência, nos estados psicóticos agudos, há outras negações, como a negação de significante, inspirada na megalomania narcísica e na inveja, não abolindo a existência do que é por ela visado mas privando o objecto de qualquer carácter significativo, bem como a si mesmo e ao pensamento, subsistindo apenas espaços vazios. É um estado que Racamier chama de inanidade, próprio do que é vazio e privado de significante, e que não visa tanto destruir o objecto como esvaziá-lo de interesse e sentido. A função da inanidade é combater a aspiração pelo e para o objecto, em estreita relação com a inveja, visto que a simples existência do objecto é um insulto ao narcisismo. Ao destruir o sentido efectua uma agressão, embora preserve paradoxalmente o objecto, isola-o das ligações para o ter exclusivamente para si. Sem negar a existência do real, anula a inércia do real que o diferencia do fantasma, fazendo com que o esquizofrénico lide com as realidades tangíveis como faz com as formas fantasmáticas.

O esquizofrénico faz também uma negação de alteridade do objecto, tornando sujeito e objecto intermutáveis, rejeitando a representação do desejo e formando um objecto que é tanto continente como conteúdo. Esta negação de

alteridade baseia-se numa sedução narcísica que não tolera o desejo nem o pensamento, provas de insurreição. Esta sedução narcísica, onde os seres podem tomar indiferentemente os lugares uns dos outros, afasta a dupla ameaça da ambivalência e da perda do objecto. Uma vez que a nossa modalidade relacional está baseada na diferença entre os seres, é-nos difícil conceber um mundo em que o conteúdo é simultaneamente continente, o sedutor é seduzido, as relações inversíveis, onde tudo está em tudo reciprocamente, onde não se sabe quem é quem e quem faz o quê a quem. No entanto, esta simbiose não é feliz, o esquizofrénico tanto adere como recusa a sedução narcísica que o ameaça com o englobamento, mortal para o Eu, para o pensamento, o sonho e o real, que tenta apesar de tudo conservar.

Racamier lembra o paradoxo e o procedimento do *double-bind* já apontado como tipicamente esquizofrenogénico, e vê atrás do paradoxo todo um sistema a que chama paradoxalidade, que é ao mesmo tempo um funcionamento mental, um regime psíquico e um modo relacional. No ponto de vista mental, a paradoxalidade organiza enigmas insolúveis, desqualifica a própria actividade do Eu e os processos secundários, subvertidos pelas leis do processo primário. Como regime psíquico, desqualifica as representações e, quando intrusiva, impede o pensamento, o fantasmaticar, o sonhar, curto-circuita a conflitualidade e a ambivalência; não é tanto um recalçamento, mas uma ocultação dos conflitos, facilitando a negação típica da psicose. A paradoxalidade é, finalmente, um modo relacional que esvazia onnipotentemente, e aqui reencontramos a onnipotência inaniária, constrange o objecto, e aqui revemos a mutualidade e a sedução narcísica, organiza uma relação narcísica que previne contra o reconhecimento e a perda do objecto, o que nos remete para a negação da alteridade e do luto.

Para Racamier, a paradoxalidade dos esquizofrénicos é generalizada e imediata, afecta a totalidade da vida psíquica. É também erotizada, proporcionando uma fruição que torna mais forte o sistema defensivo narcísico em que se enquadra.

Transformações em alucinoses

Bion elaborou uma teoria das transformações (Grinberg et al., 1991), centrada na observação psicanalítica, que nos parece útil para a compreensão da linguagem, do sonho e do delírio. Transformação significa mudança de forma. O conteúdo manifesto do sonho resulta de um processo (a elaboração onírica) que transformou as ideias latentes em imagens visuais. As associações do paciente, formuladas em palavras, são produto de transformações de pensamentos e emoções, os quais, por sua vez, são transformações de factos internos e externos, passados ou presentes. A interpretação psicanalítica é uma transformação verbal dos pensamentos do analista, e estes são parte de um processo de transformação de uma experiência emocional no contacto com o paciente.

Longe de revisitarmos toda a teoria das transformações proposta por Bion, vamos limitar-nos àquilo que se afigura mais importante para o nosso assunto: as *transformações em alucinoses*, um modo de funcionamento da parte psicótica da personalidade.

As transformações em alucinoses, cujo produto final pode ser uma alucinação, são consequência de uma catástrofe primitiva que impediu o indivíduo de incorporar uma função alfa. Conteúdos emocionais intensos, entre os quais a inveja e a voracidade se associam de modo particularmente destrutivo, não encontram um continente (cujo protótipo é a mãe com *rêverie*) que os contenha e transforme, despojando a realidade de vida e significado. Predominam os mecanismos evacuativos e a identificação projectiva onnipotente, não havendo um continente que metabolize as projecções. A conduta, a linguagem e as acções que caracterizam o funcionamento da personalidade psicótica são expressões das transformações em alucinoses.

Os órgãos dos sentidos, usados na percepção e reconhecimento dos objectos, evacuam produtos da transformação em alucinoses, originando as alucinações visuais, auditivas, olfactivas ou tácteis. Como produtos finais daquela transformação encontram-se também palavras usadas em forma evacuativa.

O desenvolvimento da personalidade não psicótica depende, segundo Bion, da capacidade de tolerar a ausência do objecto e a dor da frustração. Só a partir daí se podem elaborar transformações em pensamentos ou em qualquer elemento representativo. É assim possível a formação de símbolos, base para que as palavras sejam o prelúdio da acção e não o seu substituto. O esquizofrénico nega a existência de uma realidade externa que o ameaça com a dor da frustração e procura a gratificação proporcionada pelo sistema de alucinoses, ávido de um resultado imediato e não se limitando com a criação de símbolos, palavras ou sonhos.

O fracasso da função alfa é marcado pelo pânico psicótico ou terror sem nome, numa área do funcionamento mental tornado sem limites e que não pode funcionar como continente. Falha a identificação projectiva realista e ocorre a explosão projectiva, numa experiência de espaço mental sem nada que o limite. O esquizofrénico sente que perde as suas emoções num vazio infinito. As palavras, imagens e ideias são evacuados num espaço ilimitado que é o espaço mental da alucinoses. Tudo o que poderia ter qualidade representativa é destruído e apenas restam elementos-beta evacuados.

Recapitulação

Ao considerar que o sujeito delirante usa as palavras para chegar aos objectos perdidos que desinvestiu, procurando-os através da sua parte verbal, Freud estabelece uma relação importante entre as representações delirantes e a linguagem verbal. A palavra torna-se objecto de manipulações libidinais e agressivas, e só delira quem pode ainda lidar com as palavras.

O delírio, como o sonho, provém do que é reprimido e é frequente que o material reprimido irrompa nas condições mais favoráveis do sono, produzindo sonhos, antes de se tornar suficientemente forte para invadir a vida de vigília como delírio. O delírio é assim uma linguagem cifrada resultante de um trabalho que usa os mecanismos do processo primário. Na formação dos substitutos

verbais esquizofrénicos é menos importante a semelhança entre as coisas denotadas do que a semelhança entre as palavras que as designam.

O delírio tem dois tempos principais: a retirada dos investimentos dos objectos, que afluem para o Eu apagando as distinções tópicas do aparelho psíquico e subvertendo os processos secundários pelos primários, e uma tentativa de recuperar os objectos reconstruindo o mundo e dando-lhe sentido, que é a fase mais notória e espectacular do delírio.

Sendo a representação alucinatória e delirante uma tentativa de restaurar o investimento libidinal dos objectos, o desejo reprimido é apresentado à consciência como satisfeito, é *dramatizado*. O Eu do psicótico rompe a sua relação com uma realidade intolerável e anula aquela instituição egóica que discrimina o externo e o interno para uma melhor orientação no mundo, o teste de realidade, abrindo o caminho para que as fantasias carregadas de desejo, agora irreprimidas, possam chegar à consciência e serem aí consideradas uma realidade melhor e indiscutível. O repúdio da realidade conduz assim à criação de uma neo-realidade baseada nas representações psíquicas da anterior relação com a realidade, sendo a realidade delirante constantemente enriquecida, e confirmada, por alucinações.

O estado primordial do delírio é uma angústia sem limites que desorganiza o mundo vivido, as relações objectais e a relação com a realidade, desintegrando o Eu. O desinvestimento maciço do objecto liberta as energias pulsionais que agudizam a angústia psicótica. Na desestruturação dos laços objectais, diluem-se os limites entre o próprio e o outro, entre o verdadeiro e o imaginário, o fantasmático e o real. Aliás, o indivíduo predisposto à psicose não tem uma diferenciação consistente face ao objecto, o que o torna vulnerável a traumatismos narcísicos. Nunca chega a integrar satisfatoriamente a dualidade sujeito-objecto e a relação objectal. O delírio faz regredir ao estado pré-objectal de indistinção entre mundo interno e externo, o que provoca as alterações do espaço e do tempo vividos. É neste estado matricial de indiferenciação que se situa a projecção psicótica, e daí o carácter de autenticidade que ela confere às

representações delirantes. A regressão psicótica remete o doente para o momento da evolução da personalidade em que o sujeito se deve constituir como indivíduo, adoptar a realidade enquanto tal e estabelecer relações objectais autênticas.

As funções do Eu formam-se a partir dessa relação primária onde se consolida um sentimento do Eu e do sujeito diferenciado do objecto. O sentido do real e do autêntico afina-se com a presença materna, mediadora de uma integração crescente do verdadeiro, e com a maturação perceptivo-motora. O delírio, como vemos, regressa à confusão das realidades interna e externa.

A perda de limites entre sujeito e objecto, entre real e fantasmático, bem como a indistinção tónica que faz os processos primários invadirem o Pré-Consciente e manipularem as representações de palavra, geram os modos peculiares de comunicação delirante. Surgem as equações simbólicas, em que o símbolo se identifica com o que simboliza, e as significações metafóricas tornadas indistintas das concretas. É anulada a relação de significação entre o significante e o significado, desqualificando o signo linguístico na sua função referencial fundamental para a linguagem. A comunicação esquizofrénica, governada pelo processo primário, marcada por uma experiência perceptivo-conceptual mal diferenciada, fica submetida às mesmas distorções que caracterizam os sonhos, numa regressão a níveis precoces do funcionamento do Eu que justifica a concretização ou, pelo contrário, a sobre-simbolização, sem distinção entre pensamento concreto e pensamento metafórico. Uma sólida comunicação verbal implica a superação da experiência subjectiva de união simbiótica entre criança e mãe, promovendo a individuação e as fronteiras do Eu, pelo que o esquizofrénico, com os seus modos de comunicação, tenta restaurar essa diluição simbiótica.

Pelo processo de *Verwerfung* (recusa, rejeição), o Eu rejeita uma representação intolerável e o afecto correspondente, separando-se inevitavelmente de uma parcela da realidade e tendo de criar uma nova realidade. A rejeição de aspectos da realidade implica o ataque às representações simbólicas (nomeadamente verbais) desses aspectos: o objecto permanece

concreto sem aceder a um estatuto simbólico, o esquizofrénico persiste em denegar essa objectualização impossível de designar, protegendo-se da imposição perceptiva do objecto.

A regressão desestruturante da psicose reenvia os investimentos ao seu estado originário de indistinção, fundindo-se sujeito e objecto, com abolição da ambivalência e do conflito. O esquartejamento psicótico ultrapassa os recursos do trabalho psíquico e a possibilidade de integrar a ambivalência, fugindo a uma aproximação objectal sempre angustiante e tendendo para uma regressão cada vez mais profunda, até à desintegração de qualquer actividade relacional e conceptual, até à demência e ao autismo sem limites.

Há uma catástrofe primitiva que implica que emoções devastadoras impeçam a integração de uma função alfa e de um continente que as transforme, predominando a identificação projectiva onnipotente e a evacuação, as quais vão marcar a linguagem e as acções do psicótico. Não tolerando a frustração e a ausência do objecto, a personalidade psicótica não pode elaborar transformações em pensamentos ou em elementos representativos, não chega a formar símbolos, as palavras não preludiam a acção mas, pelo contrário, substituem-na. O esquizofrénico nega a realidade externa frustrante e procura uma gratificação imediata sem o recurso, baseado na tolerância à frustração e na contenção transformadora, dos símbolos, das palavras e dos sonhos.

É a elaboração do princípio da realidade e da posição depressiva que consolida o desenvolvimento da linguagem. A capacidade de simbolizar baseia-se na apreensão de objectos totais reunificados e não clivados. O pensamento verbal depende da síntese e da integração depressivas, agudizando não só a tomada de consciência da realidade psíquica como a vivência depressiva ligada à perda dos bons objectos. O esquizofrénico evita esta catástrofe clivando e projectando o pensamento verbal, regredindo a um estado desintegrado, destruindo as possibilidades de síntese, numa tentativa onnipotente de obter o mais possível e ser tantos quanto possível, infinitamente.

CAPÍTULO 4: A VIDA DA LINGUAGEM

Depois de nos termos ocupado do sonho e do delírio como ilustradores privilegiados do funcionamento regressivo da mente, realçando as suas ligações com a linguagem, vamos agora examinar directamente a própria linguagem, num movimento tanto regressivo, recuperando as raízes corporais do código linguístico, como progressivo, acompanhando a evolução da palavra, desde a vivência corporal original até ao uso generalizado e cada vez mais abstracto enquanto conceito. Trata-se de testemunhar a *vida da linguagem*, expressão que Abse (1971) encontra em Wegener (1885), filólogo alemão que formulou alguns princípios sobre a génese e desenvolvimento da linguagem, que Abse reinterpreta de um ponto de vista psicanalítico.

A questão das origens sempre interessou Freud e desde então tem fascinado os psicanalistas, numa recapitulação regressiva em busca do que vem antes, do arcaico ou, falando com mais propriedade, do *originário*, no sentido que Laplanche (1992) dá a esta palavra, ou seja, relativo a um fenómeno que não é apenas primeiro ou primitivo mas que está essencialmente ligado à origem do campo onde ele próprio se define. Diz Laplanche (1992): “O que está *antes* desta *origem* é geralmente figurado sob a forma de um mito onde são projectados retroactivamente certos traços maiores daquilo que virá *depois*.” Quando o esclarecimento do passado ontogénico está esgotado, de um modo que não satisfaz inteiramente a questão colocada, Freud não hesita em procurar mais esclarecimentos no passado filogenético, segundo o princípio de que a ontogénese é uma recapitulação abreviada da filogénese. Veremos como a origem da linguagem na ontogénese recapitula a origem da linguagem na filogénese.

Indissociável do tópico da linguagem é a questão mais vasta da formação simbólica, e é por aí mesmo que vamos começar. Como assinalam W. W. Meissner e H. Van Dam (1978), a formação simbólica é central para a integração

dos processos cognitivos e afectivos, para a compreensão clínica dos processos psicanalíticos (nomeadamente os processos de mudança) e para a compreensão do funcionamento humano psicológico. O Homem cria símbolos e é a única criatura que é também criada pelo seu próprio processo simbólico (H. Blum, 1978).

A formação simbólica

Parecem-nos verdadeiramente seminais duas conferências apresentadas num Colóquio sobre a Formação Simbólica, no 30º Congresso Psicanalítico Internacional (1977), em Jerusalém: *Symbol Formation*, de Guy Rosolato (1978), e *On Symbolism*, de Hanna Segal (1978).

Rosolato destaca a importância da linguagem não só como estruturante dos conflitos e processos psíquicos no significado que estes adquirem para o sujeito mas também como intérprete de todos os outros sistemas, linguísticos e não linguísticos. A lógica da linguagem, o mais organizado e analítico de todos os sistemas, deve então estudar o símbolo enquanto sistema de significado. Usando os conceitos linguísticos numa derivação psicanalítica, Rosolato distingue dois tipos de organização da linguagem segundo os seus modos de articulação e a variação dos significados das palavras no seu contexto: a *coerência metonímica* e o *símbolo metafórico*, dicotomia não redutível a uma oposição Inconsciente/Consciente, processo primário/processo secundário, representação de coisa/representação de palavra, psicose/neurose, pois cada uma das duas formas de significação pode existir num ou noutra destes opostos.

A coerência metonímica designa uma linguagem racional, operativa e unívoca, eminentemente pragmática. Estabelece uma coerência na progressão da cadeia articulada de significados, sendo a palavra governada por um significado tão preciso quanto possível. Este sistema não admite as manifestações do Inconsciente, a expressão do sujeito, a participação afectiva e a circulação da metáfora; assim, o pensamento é marcado pela dominância da *realidade* do

objecto e os objectos é que têm de ser conhecidos e conquistados. Este pensamento metonímico mantém uma relação de exclusão com o desconhecido, o qual é forcluído de um campo bem definido onde todas as formas de coerência são controladas e rigorosamente delimitadas.

A este sistema Rosolato opõe o símbolo metafórico, onde a linguagem pensa com elementos que suportam uma variedade indefinida de significados que merecem a denominação de *símbolo*. A metáfora suporta o símbolo, permitindo a substituição dos significantes entre si, um efeito provisório de não-sentido que assinala a relação de desconhecido e a criação de novos significados com uma marca pessoal, livre dos circuitos metonímicos. A linguagem metafórica pode pôr em acção o Inconsciente e gerar quebras inquietantes na coerência do sistema, formar símbolos, desarticular as representações em significantes que suportam os efeitos metafóricos.

Rosolato aponta a necessidade de uma articulação dialéctica destes dois sistemas de linguagem, para se compreender a função simbólica. Os objectos, as representações de coisa e de palavra e os significantes correspondentes organizam-se de modo particular, mas complementar, em cada uma daquelas duas formas de linguagem. Segundo a coerência metonímica, o objecto tem uma posição central, a realidade tem um valor absoluto como ponto de referência, os conteúdos psíquicos são reflexos ou representações simbólicas correspondentes biunivocamente a cada objecto. A palavra é aqui apenas signo, pelo que a linguagem é secundária e ilusória. A linguagem metafórica, por outro lado, pressupõe que a actividade mental constrói o objecto (na expressão de Lacan, “o mundo das palavras cria o mundo das coisas”), os significantes que representam o sujeito e os seus desejos em termos dos desejos (significados) da mãe é que dão vida ao objecto; a ausência de significantes equivale à não-existência de certos objectos e estes só se tornam reais e apreensíveis quando nomeados no desejo do *outro*. O significante suporta a actividade simbólica através da metáfora e permite a criação psíquica na ligação estética ao mundo e nas descobertas científicas, sendo essa a função do simbólico.

Para Hanna Segal (1978), a compreensão do simbolismo inconsciente é a chave para toda a comunicação inconsciente. A autora tem tentado relacionar as vicissitudes da formação simbólica com os conceitos de posição esquizoparanóide, posição depressiva e identificação projectiva, diferenciando o simbolismo na formação de sintomas e na sublimação. Assim, o símbolo desenvolve-se gradualmente da posição esquizoparanóide para um nível de funcionamento depressivo; a formação do símbolo é um processo contínuo que reúne e integra o interior e o exterior, o sujeito e o objecto, as antigas e novas experiências. Quando os símbolos se formam pela identificação projectiva, geram-se equações simbólicas, onde o símbolo não representa o objecto mas é tratado como se fosse o objecto. Na posição depressiva, é feito o luto do objecto e o símbolo é estabelecido no mundo interno como um objecto interno que representa o objecto. Se a equação simbólica é usada para negar a separação entre o sujeito e o objecto, o símbolo é usado para ultrapassar e aceitar a perda, embora, em momentos de regressão, o simbolismo possa regressar a formas concretas mesmo em indivíduos não psicóticos.

Segal adverte que a identificação projectiva, por si só, não leva à concretização, sendo útil entender como Bion relaciona este conceito com o continente e o conteúdo. A criança projecta na mãe sentimentos que não pode manejar e a mãe elabora-os; se der uma resposta apropriada, a criança pode introjectar o seio como um continente capaz de lidar com os sentimentos. A introjecção desse continente é necessária para a elaboração da posição depressiva. Se a relação entre o continente e o conteúdo for positiva, ocorre a elaboração depressiva e a formação simbólica. Se a relação é vazia de significado, o continente e o conteúdo esvaziam-se mutuamente. Se há identificação projectiva onipotente, os símbolos formados são demasiado concretos, a parte projectada pode ser totalmente identificada com o continente. Se há fragmentação e produção de objectos bizarros, a projecção divide o continente em fragmentos, numa relação mutuamente destrutiva que é muitas vezes provocada pela inveja e pelo narcisismo.

A relação continente/conteúdo dá o seu contributo para a aquisição da linguagem verbal, quando o bebé cria sons onomatopaicos que o meio ambiente converte em discurso e palavras a aprender. A criança tem uma experiência e a mãe fornece a palavra ou frase que circunscreve esta experiência, exprimindo um significado e sendo continente deste.

W. W. Meissner e H. Van Dam (1978) notam uma semelhança entre os conceitos bionianos de continente e conteúdo e os conceitos de Rosolato de significante e significado, tal como acima expostos. Tanto Segal como Rosolato vêem os processos simbólicos formarem-se em situações de ausência do objecto, destacando a necessidade do seu luto e da sua recuperação simbólica, o que Freud (1920) já tinha sublinhado na análise do jogo da bobina (*Fort/Da*).

Palavra e coisa

No *Crátilo ou sobre a justeza dos nomes*, Platão discute duas teses sobre a origem da linguagem. Uma, convencionalista, entende que o sentido está na linguagem e conduz a ligar o arbitrário do signo a uma posição intelectualista onde o homem é a medida de todas as coisas. Na outra, naturalista, o sentido está nas coisas e pré-existe à linguagem, o que conduz à hipótese de uma motivação primitiva do signo, o qual seria uma imitação da realidade, fixando de modo unívoco a palavra à coisa. Para Sócrates, nenhuma destas teses é satisfatória: se a linguagem é inadequada para traduzir a verdade do mundo, é preciso admitir que a convenção é inerente à linguagem, que não há cópia do mundo na linguagem e, portanto, é melhor renunciar a ela para privilegiar a contemplação.

Segundo A. Gibeault (1989), Freud, na sua concepção da simbolização, pretende ir até às próprias coisas, mas também considerar a linguagem um apoio relativamente fiel para pensar o mundo. A simbolização enfrenta o mundo e os seus afectos mas também é capaz de pensar uma experiência. É este o trabalho da simbolização. Duas concepções que confrontam a história e a estrutura, o individual e o universal, a imagem e a linguagem, numa oscilação que pode fazer

confundir o signo e o símbolo. Para Saussure (1915), o *signo* designa no seio da língua uma relação de significação entre o significante e o significado, relação imotivada porque são de natureza diferente e necessária porque cada um dos termos não pode existir sem o outro. O *símbolo*, esse, reenvia para uma associação mais ou menos estável entre duas unidades do mesmo nível (dois significantes ou dois significados), relação não necessária e motivada por laços de contiguidade e semelhança. Saussure defende que o símbolo não é arbitrário, há um rudimento de laço natural entre o significante e o significado, numa correspondência analógica que exclui o símbolo da definição de signo linguístico.

Peirce (1931) define o signo para além desta restrição do signo linguístico, encarando-o como “qualquer coisa que toma o lugar de qualquer coisa para alguém segundo qualquer relação ou a algum título”, o que incorpora o sujeito e o objecto, enquanto que a definição saussuriana conserva apenas uma diferença interior à linguagem. Para Peirce, o símbolo é uma categoria do signo que define a regra convencional entre o significante e o significado, ou seja, o signo linguístico na sua dimensão arbitrária. O símbolo segundo Saussure aproxima-se mais das duas outras categorias de signo segundo Peirce: o *ícone* e o *índice*. O ícone baseia-se na semelhança de facto entre o significante e o significado (representação figurada de um animal e o animal); o índice baseia-se na contiguidade de facto entre o significante e o significado (a fumaça indicando o fogo). A linguagem supõe a articulação dos três tipos de signos, sendo que os signos mais perfeitos são os que conservam os aspectos icónicos, indiciais e simbólicos amalgamados, conjugando a riqueza da imagem e a precisão do signo arbitrário, o que, como assinala Gibeault, parece oferecer uma solução à alternativa de Crátilo sobre a natureza e a convenção.

Embora seja decisiva a arbitrariedade do signo linguístico, libertando o Homem dos constrangimentos sensório-motores e colocando uma distância face à realidade bruta da percepção, há relações inerentes entre certas imagens fonéticas ou palavras, o pensamento e a coisa significada. Abse (1971) refere que o significado pode ser originalmente ligado a certas similaridades entre a palavra e

a coisa. Ferenczi (1911) observa que as palavras obscenas têm o poder especial de evocar rapidamente a função excrementícia ou sexual sádica, despertando traços de memória de qualidade motora ou alucinatória que indicam a sua fonte original em actos pré-determinados. Para Abse, não é apenas uma questão de onomatopeia, selecção de palavras que imitam os sons naturais que emanam dos objectos, ou fonética, entre os sons e a matriz da percepção, mas sim uma associação sinestésica e sensorio-motora. A sinestesia convoca outras modalidades que não as meramente auditivas. Para apreciar a relação entre som, pensamento e coisa, há que acrescentar os aspectos ligados ao movimento, nomeadamente os movimentos dos lábios que, ao pronunciar os sons, imitam a forma do objecto nomeado (por exemplo, a palavra *oco*). As imagens sensoriais da primeira infância proporcionam a elaboração e preservação de dados, conferindo-lhes significado e aperfeiçoando as respostas adaptativas da criança. O desenvolvimento posterior da linguagem verbal deriva em parte daqui, marcando a palavra com as modalidades imagéticas e sinestésicas e à auto-imagem corporal, como veremos mais adiante.

Na correspondência essencial entre o corpo, o pensamento e os afectos, deve ser realçada a necessidade de diferenciar as sensações primárias, opondo o prazer e o desprazer, para que se instaurem as diferenças entre o sujeito e o objecto e os valores diferenciais correlativos da aquisição da linguagem (Gibeault, 1989). A criança pode distinguir entre percepção e representação se não tiver medo de um objecto que é representativo de modo realista, o que reenvia para a angústia de ser reincorporado pela mãe devoradora. Tem de investir uma coisa material, uma imagem, interposta entre ela e a mãe, o que fará o signo linguístico constituir-se na sua dupla referência ao sensível e ao inteligível. A simbolização atesta desde logo uma articulação entre o corpo e o espírito e, mais particularmente, a actividade de falar conserva sempre a dimensão corporal onde tem origem. Articula-se assim a dimensão da representação de coisa, que apresenta já uma transformação face à coisa percebida, e a dimensão da representação de palavra, que evoca as experiências

esquecidas e a experiência originariamente psicofísica, reveladas de modo eficiente pela metáfora.

Já vimos como Hanna Segal (1957) define o símbolo como estrutura e como função, um processo contínuo que integra o interior e o exterior, o sujeito e o objecto, as antigas e as novas experiências, o que abre o símbolo para uma dimensão não unívoca mas polissémica, sublimadora e criadora. Segundo a formulação de Gibeault (1989), entre o homem e a natureza tece-se um conjunto de relações onde qualquer coisa vai representar algo para alguém. A simbolização estabelece correspondências segundo uma analogia natural onde a relação entre o símbolo e o simbolizado tem uma motivação fundada numa certa semelhança que vai do concreto ao abstracto ou do concreto ao concreto. Nestes laços e analogias, a sensorialidade e a sensualidade do corpo têm um papel central. Esta semântica do símbolo encontra a sua expressão mais eloquente na linguagem verbal, onde, por uma convenção arbitrária, os signos farão corresponder um acontecimento sensível a qualquer coisa de outra ordem.

A língua primitiva

Freud tanto privilegia uma concepção onde a simbolização é um trabalho de criação de significados e relações novas, manejando e ligando os afectos, como a concepção de uma *simbólica* de substituição a dois termos, a qual residiria no funcionamento do Inconsciente e cativou Freud a ultrapassar as associações individuais para descrever uma língua universal próxima da chave dos sonhos. A partir desta simbólica (estereotípica sexual, realidade universal e transindividual), Freud (1916-17) deriva a hipótese de uma universalidade do simbolismo que engloba criações colectivas como os mitos, os contos, os provérbios, a linguagem corrente e a imaginação poética. Este simbolismo que engloba a simbólica onírica é um modo de expressão antigo cujas diferentes partes sobreviveram naqueles diferentes campos. A hipótese de uma língua fundamental baseia-se na asserção de Freud de que aquilo que hoje está ligado

simbolicamente foi talvez ligado na Pré-História por uma identidade conceptual e linguística. A relação simbólica actual mais não é do que uma marca da identidade antiga.

Gibeault (1989) lembra que a questão das origens sempre interessou Freud, levando-o a fundar um originário como campo de experiência, num primitivo de origem, admitindo a universalidade da simbólica sem por isso renunciar às associações individuais e à verdade histórica individual. A língua do sonho seria então uma forma de sobrevivência daquela língua arcaica, confirmando o carácter regressivo da expressão dos pensamentos no sonho. Não é estranho a isto o interesse pelo significado antitético das palavras primitivas (Freud, 1910) e o aproveitamento da teoria de Sperber (1912), segundo a qual a origem da linguagem estava ligada ao apelo do parceiro sexual, sendo marcada pela identidade estabelecida entre as palavras sexuais e as palavras usadas no trabalho (Freud, 1916-17).

Esta língua primordial não é, em rigor, uma língua, antes evoca o pensamento concreto e desmetaforizado dos esquizofrénicos que põe em causa a função referencial do signo, sendo que o pensamento concreto é o contrário de uma língua (Gibeault, 1989). Como exemplo temos a *língua básica* descrita por Schreber no seu delírio, e que Freud compara à língua primitiva. A língua schreberiana é extremamente sexualizada, abusa da antífrase (recompensa por castigo, veneno por alimento), o que testemunha a destruição do signo e o paradoxo ontológico (Racamier, 1980) em que é preciso ser para não ser e não ser para ser. No entanto, a hipótese teórica de uma língua primitiva, a herança filogenética da linguagem, assinala a contiguidade fundamental do psiquismo com o corpo, articulando representação e afecto, simbolismo da imagem (satisfação alucinatória do desejo) e simbolismo da linguagem, e ajuda a compreender os processos de simbolização. Para M. Fain (1989), a língua primitiva é, mais prosaicamente, o galreio ou tagarelice que só a mãe compreende, língua perdida quando uma linguagem construída semanticamente a sepulta e lhe confere posteriormente um sentido particular.

Simbolismo inconsciente e simbolismo da linguagem

A. Gibeault (1981) destaca que, na origem, a palavra *símbolo* (do grego *symbolon*, reunir) designava entre os Gregos um objecto partido em dois cuja reunião permitiria a duas pessoas reconhecerem-se como aliadas por um pacto que fora firmado pela ruptura do objecto e pela sua partilha entre ambas. O símbolo apresenta aqui uma função social e de comunicação que não deve ser negligenciada. Podemos a partir daqui assinalar elementos distintos cuja combinação é significativa: nas formações do Inconsciente trata-se da ligação entre duas representações e entre uma representação e um afecto, sendo dissimulado o laço entre o símbolo e o simbolizado. Ao contrário dos fenómenos de sentido próprios da linguagem, as formações do Inconsciente, como o sonho, não se destinam a ser comunicadas. Diferente desta simbolização fechada é a simbolização aberta correspondente à função sintáctica.

O processo de formação simbólica, segundo Rycroft (1956), consiste no deslocamento de investimento da ideia de um objecto ou actividade de interesse pulsional primário para um objecto ou ideia de menor interesse pulsional. Este processo de deslocamento, baseado na semelhança entre o objecto primário e o símbolo (analogia), na contiguidade espacial entre ambos (metonímia) ou no facto de o símbolo ser parte do objecto (sinédoque), pode estender-se numa série de símbolos sucessivos, sendo cada membro da série mais remoto e com menos semelhança intrínseca em relação ao objecto primário. Vemos aqui um processo que mais adiante se revelará de grande importância para o propósito deste trabalho, que é a atenuação inexorável das referências corporais originárias pela abstracção progressiva do código daí derivado. O caminho inverso é característico da doença mental, dano cerebral, sono ou fadiga, constituindo uma *regressão*, embora, para Rycroft, fosse mais adequado chamar-lhe *des-simbolização*. Um exemplo pertinente para nós é a substituição de palavras por imagens visuais correspondentes em sonhos.

O mesmo autor sublinha que o símbolo, uma vez formado, pode ser usado tanto pelo processo primário como pelo secundário. Se usado pelo processo primário, caracterizado pela mobilidade de investimento, o símbolo e a imagem mnésica do objecto primário tornam-se substitutos intermutáveis; se usado pelo processo secundário, o símbolo permanece relacionado com o mundo externo e participa na abertura dos interesses libidinais do indivíduo, tornando-o mais apto a encontrar satisfação em actividades e objectos cada vez mais remotos do interesse pulsional primário. As palavras, integrando-se no processo secundário, são uma classe especial de símbolos, formando-se por deslocamento de investimento da imago do objecto para a imago da palavra. As palavras, contudo, diferenciam-se obviamente dos outros símbolos: as suas conexões simbólicas (pelo menos as mais imediatas) permanecem conscientes, nunca se confundem com aquilo que simbolizam e são símbolos convencionais. Deste modo, as palavras assumem uma relação importante com o desenvolvimento do Eu e as relações objectais, embora sob certas condições possam perder as suas características distintivas, como no sonho e no pensamento esquizofrénico, onde, como vimos nos capítulos anteriores, são tratadas pelo processo primário, adquirindo significados de que o indivíduo não está consciente, tornando-se substitutos intermutáveis entre si e confundindo-se com os objectos que apenas deveriam significar.

O simbolismo inconsciente relaciona-se com o processo primário e distingue-se da expressão simbólica por palavras e imagens para propósitos de comunicação consciente associada ao processo secundário. Para H. Blum (1978), a representação mental simbólica aparece num espectro que vai dos derivados do processo primário até à simbolização mais abstracta. O simbolismo inconsciente deriva dos conflitos inconscientes reprimidos, em conexão com a herança arcaica do Homem: os símbolos inconscientes não são aprendidos, não se destinam à comunicação consciente, são ubíquos e universais; existem disponíveis no pensamento inconsciente, facto com que Freud (1900) justifica o não suscitarem as associações do sujeito quando aparecem em sonhos e fantasias. Esta

universalidade dos símbolos inconscientes deve-se à uniformidade dos interesses fundamentais da espécie humana, uniformidade de afectos e sensações que acompanham os actos instintivos e uniformidade da capacidade humana para formar Gestalts e ver semelhanças entre elas (Rycroft, 1956). Os símbolos inconscientes, prossegue Blum, representam ideias e afectos disfarçados e referem-se ao Eu corporal, aos objectos pulsionais infantis e às funções erógenas, formados por deslocamento do corpo ou do objecto para um objecto de percepção mais neutral. Não está aqui envolvida apenas a repressão, mas também o deslocamento, a projecção, a introjecção, e os símbolos assim formados servem igualmente a sublimação, o desenvolvimento do Eu, a percepção e a memória.

A linguagem verbal baseia-se numa comunicação com símbolos arbitrariamente atribuídos, não sendo indispensável (a não ser em ideogramas, onomatopeias, palavras obscenas) a similaridade perceptiva entre o significante linguístico e o significado, o que permite novas relações e significados mais complexos inalcançáveis para processos simbólicos mais primitivos. Assim, ao contrário dos símbolos inconscientes e dos registos pictóricos, a palavra não tem necessariamente relação perceptiva com aquilo que significa: combinações fonéticas arbitrárias definem significados numa forma generalizada e abstracta, que permite uma máxima transmissão de informação com mínima acção. Uma linguagem assim estruturada diferencia a expressão simbólica inconsciente de fantasias de desejo e a realidade, promovendo o teste de realidade (Freud, 1915) e constituindo-se como aspecto do Eu (Bion, 1955). Para além das expressões afectivo-motoras e conativas do primeiro ano de vida, a linguagem cria símbolos abstractos, cognitivos e semânticos numa complexidade crescente.

Blum destaca que tendo a visão maior papel na formação dos símbolos inconscientes e sendo a linguagem eminentemente auditivo-vocal na sua origem, a palavra permite uma maior separação e exploração do que é possível quando os objectos requerem contacto visual e táctil, e a sua emergência inscreve-se no processo de separação-indivuação. A linguagem verbal deve seguir um destino filogenético diferente do simbolismo inconsciente, tornando-se um sistema de

comunicações independente das pulsões e afectos, separado tendencialmente da linguagem do corpo, dos gestos e expressões faciais. Já vimos que a linguagem verbal perde a sua associação com o pensamento abstracto e a conceptualização em estados de regressão, o que demonstra uma interacção possível entre o simbolismo inconsciente enquanto derivado pulsional e a linguagem como função relativamente autónoma do Eu.

Cabe aqui repetir que Freud (1900) considera que as conexões simbólicas actuais foram provavelmente unidas em tempos pré-históricos por uma identidade conceptual e linguística, encontrando apoio para essa tese na investigação de Sperber (1912) segundo a qual as palavras primitivas se referiam a coisas sexuais, tendo perdido depois esse significado ao serem aplicadas a outras coisas e actividades.

Abse (1971) debruça-se sobre o desenvolvimento que vai de um pensamento por imagens, mais primitivo, até ao pensamento lógico-abstracto e conceptual. Os traços de memória, quando revividos na consciência, leva a que se experimente os objectos correspondentes numa forma modificada como imagens, num auto-envolvimento do sujeito que inclui o interior do corpo, derivados pulsionais e afectos. O teste de realidade, ligado à acção motora, evita a confusão entre estas imagens memorizadas e as percepções externas; quando este teste falha, imagens vívidas resultam em alucinação. Alguns psicólogos distinguem as imagens eidéticas das imagens mnésicas: são especialmente vívidas, como as dos sonhos e das alucinações, mas menos distorcidas e mais ligadas à percepção, e a sua função genética parece ser a elaboração de dados sensoriais com aumento de significado da situação estimulante, capacitando a criança a aperfeiçoar a sua resposta adaptativa. O cultivo das imagens, especialmente visuais, tem assim uma grande relevância no desenvolvimento cognitivo e humano, sem que deva impedir o pensamento lógico-abstracto e a linguagem como meio principal de exprimir o pensamento conceptual.

Abse reafirma que o simbolismo inconsciente está enraizado nas imagens do próprio corpo, nos seus processos, relações e partes gerais, e não nas imagens

do mundo externo. A experiência directa de uma pessoa em relação ao seu próprio corpo baseia-se em impressões visuais e tácteis, nas percepções do peso do corpo e das suas várias partes e nos acontecimentos na superfície sensitiva. Freud (1900) destaca o facto de em condições regressivas, como o sonho, as auto-percepções e sensações do interior do corpo poderem mais facilmente influenciar as imagens mentais. Confrontando-se com uma linguagem verbal já feita e com regras para o seu uso, um código convencional pertencente a uma comunidade, a criança perde pontos concretos (e corporais) de referência, as metáforas vivas que evocam emoções num contexto sensorial concreto perdem esse carácter e são recrutadas para a generalização e a abstracção crescentes. A metáfora, cuja importância para o desenvolvimento da linguagem não pode ser suficientemente enfatizada, diz respeito a um movimento semântico que parte da imagem sensorial concreta para um referente mais abstracto, processo em que as imagens do corpo desempenham um papel importante, para além da exterocepção. O simbolismo em geral depende também da condensação, em que imagens de coisas são aproximadas numa identidade de coisa. Posteriormente, uma coisa, normalmente corporal, vem a desvincular-se de outra e adquire representação consciente ao capturar algum do interesse desta. Abse sublinha que quando uma identidade de coisa ou de sensação ocorre numa fase de condensação, segue-se-lhe uma identidade verbal. A metáfora, aqui envolvida, supera a esfera do simbolismo inconsciente que se restringe à substituição de uma imagem concreta por outra: a metáfora emerge como um instrumento de pensamento que permite abstracções não imagéticas. Para isso, sob o domínio do processo secundário, perde o seu pólo de referência na expressão corporal, num movimento semântico que a direcciona para um pólo de comunicação abstracta aloplástica.

A linguagem, no seu desenvolvimento, afasta-se das raízes corporais e do sistema afectivo de comunicação para um sistema mais complexo de compreensão de ideias e de informações abstractas. O que sucede às palavras originais e ao seu significado sexual, mágico e antitético? Segundo Blum, as

palavras primitivas têm significados regressivos e progressivos e raízes nos processos primário e secundário. Representam tanto as necessidades pulsionais urgentes como o objecto materno de satisfação. Na comunicação diacrítica, a linguagem virá a impor o processo secundário no diálogo, orientado para a realidade, elevando a expressão infantil a um nível superior de desenvolvimento que ultrapassa o significado egocêntrico primitivo.

A aquisição da linguagem verbal

A famosa observação de Freud (1920) do jogo simbólico do seu neto de 18 meses é importante para muitos aspectos da simbolização em geral e da linguagem verbal em particular. Na verdade, Freud explora diferentes formas relacionadas no jogo da bobina ou do *Fort-Da*, como é realçado por Blum (1978): jogo com uso de brinquedos, com a imagem no espelho e com sons fonéticos que adquirem o valor de símbolos linguísticos antitéticos, referindo-se à antítese da presença e da ausência, ao objecto primário e ao self, constituindo-se como base de vários processos simbólicos e representacionais: evocação do objecto ausente, internalização do self e da representação do objecto, transformação da experiência passiva do abandono pela mãe em experiência de controlo activo. A linguagem vem enriquecer o jogo e a imaginação e promover uma síntese semântica nova de pensamento e de acção exploratória.

A criança encontra uma linguagem particular com palavras já feitas e regras para o seu uso. A aprendizagem das palavras exige capacidades relativamente amadurecidas, como as noções de espaço, tempo, causalidade, constância do objecto, e uma imagem corporal associada ao desenvolvimento libidinal. Qualquer disfunção na estrutura libidinal e na imagem corporal reflecte-se no desenvolvimento da linguagem e da fala. Os pré-estágios da linguagem, como é realçado por Abse (1971) integram-se no desenvolvimento dos aspectos libidinais e agressivos da infância e associam-se à construção precoce da imagem do corpo, que consolida gradualmente um sentimento pessoal de unidade e

continuidade, de contiguidade com outros e de causalidade. Entre os aspectos precoces que antecedem a aquisição da linguagem há que destacar o desamparo inicial que provoca uma forte vinculação à mãe, o interesse em compreender as expressões faciais, o prazer no funcionamento do aparelho vocal e na interacção com o ambiente, a confiança colocada na recepção visual e auditiva à distância, a capacidade de se colocar no lugar do outro e ver-se a si mesmo à distância.

A linguagem expande-se espectacularmente no segundo ano de vida, para o que muito contribui, segundo Spitz (1965), a aquisição do “Não”: o símbolo da negação marca o terceiro organizador da psique, a linguagem, cerca dos 15 meses, é o primeiro símbolo abstracto usado com propriedade, facilitando a separação, a autonomia e a auto-objectivação e dando um impulso vigoroso à aprendizagem da comunicação verbal semântica. Em 1925, Freud já dera um contributo essencial para a compreensão da linguagem ao examinar o fenómeno da negação. Através da sua própria negação, o conteúdo de uma imagem ou ideia reprimida pode chegar à Consciência. Sem remover o recalçamento, a negação permite evocar por palavras os conteúdos recalçados e torná-los conscientes no domínio da realidade linguística; graças ao símbolo da negação, a actividade de pensamento liberta-se das limitações do recalçamento. A negação é uma operação da linguagem e não acarreta acção: distingue-se da recusa, onde o Eu age como se o facto negado não existisse, levando a uma readaptação delirante à nova representação do mundo (B. Gibello, 1984). A negação liberta o Eu da sujeição ao princípio do prazer, submetendo-o antes ao princípio da realidade pela função de juízo que reconhece ou não a existência de uma representação na realidade e atribui ou não propriedades a uma coisa. Se a passagem do processo primário ao processo secundário se faz reencontrando na realidade externa o objecto primitivamente alucinado, o Eu deve ser capaz de julgar da verosimilhança do objecto reencontrado ou procurado. Freud especifica que, aqui, julgar é a função intelectual que decide a escolha da acção motora que porá fim ao adiamento devido ao pensamento e conduz do pensar ao agir, função que

só se torna efectiva quando o símbolo da negação vem libertar o pensamento das restrições do recalçamento e, logo, da compulsão do princípio do prazer.

Aos 18 meses, altura propícia para começar a representar uma coisa na ausência desta, a criança nomeia objectos, reconhece a sua imagem no espelho e pessoas familiares em fotografias, entende e usa diferentes pronomes. As fantasias podem ser expressas no jogo simbólico e os desejos especificados pela fala. A aquisição da linguagem permite a comunicação mais confiante de informação complexa. A meio do segundo ano de vida, esta aprendizagem é incrementada na sub-fase de reaproximação do processo de separação-individuação, com o fim do período sensório-motor e o conceito de permanência do objecto, com o recurso a recombinações simbólicas e relações causais e o conhecimento da sintaxe baseado na relação entre os símbolos linguísticos numa ordem definida. No final do segundo ano, a criança adquire formas e funções simbólicas avançadas. Especial importância assume a metáfora, reforçando o desenvolvimento da linguagem, compensando as insuficiências da linguagem comum e descobrindo significados internos não imediatamente reconhecíveis. A metáfora despreza os significados literais e pode assim alcançar economicamente a abstracção de atributos similares de objectos e ideias diferentes.

Como nota Blum (1978), o desenvolvimento do simbolismo verbal semântico consolida a separação e autonomia da criança, atenua a onipotência com um maior senso da realidade, reforça a individuação. A estruturação psíquica está flagrantemente associada a estas aprendizagens. A experiência da criança pode ser sintetizada em novos significados, num nível mais elevado de desenvolvimento funcional, mudando a organização psíquica. A aquisição do idioma materno não é mera imitação diferida mas um processo criativo em que as regras sintácticas são espontaneamente apreendidas e novas frases são inventadas. A linguagem verbal tem uma relação predominante com a consciência e, logo, com a atenção, a reflexão, a representação mental e a reorganização da realidade.

Da carne ao verbo, do corpo ao código

É consensual admitir que, no início da vida, há manifestações sonoras ainda não separadas de toda uma actividade muscular e motora que descarregam um estado de tensão e são recebidas, pelo ambiente humano, como sinais vitais de desejo, necessidade, desamparo. Há uma captação por parte do ambiente materno que lhes confere um valor de signo. É a partir dessas manifestações iniciais que nascerá o código linguístico e o virtuosismo do verbo. Encontramos nestes, então, uma inquestionável fonte orgânica e um compromisso com a vivência corporal.

Como sustenta A. Anzieu (1977), os afectos arcaicos, nos primeiros meses de vida, não se diferenciam claramente do indício somático e só pela alternância da satisfação e da frustração é que a criança começará a distinguir o interno e o externo. O grito inscreve-se aqui como a supressão da distância entre si e o objecto, solicitando o objecto, provocando a sua resposta. A voz, prolongamento natural da sucção e da deglutição, é assim consequência da separação mas também um meio de a atenuar, levando longe a expressão do desejo infantil e suprimindo parcialmente a distância entre o corpo e o objecto. A fala tanto reconhece como recusa a separação fundamental. Tal como o apelo sonoro à mãe supõe a sua ausência no imediato, a palavra implica o não contacto imediato e estabelece, enquanto código de complexidade crescente, uma ponte relacional entre o corpo e o objecto. A palavra que nomeia, comprometida com o processo secundário, substitui a alucinação do objecto de desejo dominada pelo processo primário: o nome substitui a coisa, as representações de coisa alcançam a consciência e são aí manejadas através das ligações possíveis com representações de palavra.

O facto de as palavras começarem por ser substitutos da alucinação onipotente vai marcá-las com uma qualidade mágica, evocadora do objecto desejado. Este carácter mágico perder-se-á gradualmente, à medida que uma verdadeira linguagem é integrada pela criança, quando as palavras se consolidam

como signos simbólicos dos objectos, distinguindo o próprio sujeito do objecto e adquirindo um significado pelo afastamento natural no espaço e no tempo. A fala verbal surge, deste modo, como uma metáfora da anterior relação somatopsíquica do sujeito com o objecto.

Ferenczi (1911) descreve este mesmo processo ao assinalar que, no curso do desenvolvimento ontogenético, o aparelho psíquico abandona as simples reacções alucinatório-motoras para se constituir como órgão de pensamento. Toda a representação tem como motivação fundamental o desejo de cessar o sofrimento da frustração, revivendo uma satisfação real já experimentada. O desejo começa por provocar o investimento regressivo da sensação correspondente à satisfação, o que resulta numa revivescência alucinatória onde a representação é considerada em plano igual ao da realidade (a identidade perceptiva de que fala Freud), e só a experiência ensinará a criança a distinguir a satisfação real da representação do desejo, passando a usar a motricidade subordinada ao princípio da realidade.

O ponto culminante deste desenvolvimento é o pensamento verbal abstracto, que permite desempenhos mais económicos: as imagens mnésicas são representadas por fragmentos atenuados das suas características, os signos verbais. Estes conservam alguma tendência para a regressão mas consolidam progressivamente a sua capacidade de representação abstracta cada vez mais livre de elementos alucinatórios. Ferenczi enfatiza que todas as palavras, especialmente as palavras obscenas associadas a uma vivência sexual, apresentam esta tendência regressiva e um carácter tangível ou sensorial, e os signos verbais caminhando para uma abstracção crescente nunca se desembaraçam definitivamente dos elementos sensoriais concretos. Toda a fala, afinal, tem origem numa acção que não aconteceu, pelo que as palavras têm de dar a impressão de se estar a cometer a acção e nunca perdem por completo um certo carácter alucinatório-motor.

O acto de fala, nos termos de R. Gori (1975), deve então oscilar constantemente entre o grito como descarga motora do corpo e o código

linguístico, mantendo uma dupla fidelidade à subjectividade do desejo e à objectividade do código, ao princípio do prazer e ao princípio da realidade, evoluindo tendencialmente para a troca social e cultural. O acto de fala é verdadeiramente símbolo quando se estabelece como elo entre o subjectivo e o objectivo, entre o corpo e o mundo social externo, entre o Eu e o objecto. O acto de fala perde a sua necessária dupla fidelidade quando resvala para o fantasma puro ou para a objectivação insignificante do código desincorporado, devido a defesas e regressões que alteram o equilíbrio entre investimentos subjectivos e objectivos que sustentam o símbolo verbal. Pelo seu suporte corporal, a fala actualiza pulsões libidinais, agressivas e narcísicas, o que explica o seu poder metafórico, os seus efeitos no corpo erógeno e nas relações objectais, o seu carácter de exploração corporal do mundo. Mas pela obediência às regras da estrutura linguística, o acto de fala compromete-se também com um sistema que regula formalmente e des-subjectiviza a linguagem, alienando o sujeito às regras inteligíveis do sistema e impondo uma identificação não fusional entre o Eu, o objecto, o símbolo e a coisa simbolizada; a criança tem de se identificar com o Outro para adquirir a sua superioridade, libertando-se o código da carne e diferenciando-se enquanto estrutura formal, continente de conteúdos articulados e distintos.

A linguagem como máquina de influenciar

No capítulo 3, quando nos ocupámos do delírio da máquina de influenciar vimos como Tausk (1919) faz referência à crença delirante de que alguém fabrica os pensamentos do próprio como uma regressão à situação em que a criança recebe dos outros o uso dos próprios membros, a linguagem e o pensamento, sem poder compreender claramente a sua participação nesses desempenhos, e destacámos a observação de Freud de que essa crença infantil é especialmente relevante na aprendizagem da palavra, porque há o sentimento de que os outros lhe fazem a palavra e, pela linguagem verbal, recebe os pensamentos dos outros.

A partir da construção paranóide descrita por Tausk e do enraizamento do código no corpo, R. Gori (1975) procura conceber o conjunto de sinais pré-estabelecidos que é o código como uma máquina de influenciar. A própria aprendizagem da língua materna apresenta à criança o código como uma máquina de influenciar.

Na origem, o código da linguagem contém e significa a experiência corporal, antes de se objectivar a si mesmo como código, conjunto de signos. O espaço do código duplica o espaço corporal, tanto ao nível da imagem corporal enquanto Gestalt totalizante (continente especular) como ao nível do sentido (experiência corporal dos conteúdos fragmentados). O discurso materno é a máquina de influenciar que a criança encontra no seu desenvolvimento normal. No código linguístico a criança projecta a massa, inicialmente indiferenciada e fragmentada, das suas emoções corporais, que pela linguagem materna adquirem forma e sentido, unificação e significação. A experiência corporal identifica-se assim com o código; o código é a máquina de significar o corpo. O corpo e o código correspondem-se nos seus conteúdos e também como continentes, o que, para Gori, explica o super-investimento da linguagem na psicose, como tentativa de unificar e significar um corpo que se fragmenta. A objectivação progressiva do código é co-extensiva da do corpo. A metáfora aparece como um ponto de inscrição destes dois espaços, como o local de uma experiência corporal significada.

Há que salientar, neste âmbito, o papel da linguagem como instrumento regulador; há um aumento do senso das regras através da assimilação gradual da linguagem como um sistema de sinais convencionais. A linguagem é assim uma máquina de influenciar pensamentos, emoções e desejos do receptor, o que se torna particularmente crítico na regulação exercida sobre a criança e o adolescente.

Metáfora e integração

Depois de várias referências ocasionais, não podemos continuar a adiar a questão da metáfora, cuja importância deve ser tratada de modo mais sistemático. A palavra metáfora deriva do Grego *meta* (para além, através) e *pherein* (transportar, trazer), representando o uso de uma palavra ou frase que denota literalmente um tipo de objecto ou ideia no lugar de outro através da sugestão de uma semelhança ou analogia entre eles. Vimos há pouco que a metáfora desempenha um papel eloquente no desenvolvimento da linguagem, descobrindo significados internos não imediatamente reconhecíveis, indo para além dos significados literais para alcançar economicamente a abstracção de características similares de objectos e ideias diferentes. A metáfora articula o corpo e a palavra, dá significado a uma experiência corporal.

No capítulo 2, examinámos a participação da metáfora no sonho e definimo-la como o modo de compreensão de um domínio da experiência, relativamente mais abstracto, nos termos de um outro domínio de experiência, mais concreto: as correspondências possíveis entre entidades de ambos os domínios ajudam-nos a pensar sobre um dos domínios usando o conhecimento e os termos relativos ao outro. Dissemos que as metáforas têm o poder de ligar imagens concretas, nomeadamente visuais, a conceitos mais abstractos.

A metáfora tem o condão especial de fundir a experiência sensorial e os pensamentos associados, num deslocamento do físico para o psíquico, segundo E. Sharpe (1940). A palavra metafórica encerra assim experiências e vivências passadas, originalmente físicas, do desenvolvimento filogenético, concedendo-lhes uma imagem verbal apropriada no Pré-Consciente. Veremos mais adiante como esta concepção se assemelha àquele conceito, fundamental para os propósitos deste trabalho, de *metáfora viva*. O discurso é, ele próprio, uma metáfora, exprimindo ideias que descarregam tensão física. Quando o Eu, responsável pela fala, alcança o controlo do corpo, pode manejar de modo mais subtil as emoções de raiva e prazer que acompanham as descargas corporais.

A abordagem psicanalítica tradicional da metáfora vê esta como um reflexo da fantasia inconsciente; K. Wright (1976) prefere deter-se mais na estrutura do que no conteúdo da metáfora. Os sintomas, por exemplo, entendidos como metáforas, revelam mais sobre as defesas egóicas e a recusa da integração, enquanto a metáfora revela o Eu nas suas operações criativas e promove a integração. O sintoma é, quanto muito, uma metáfora abortada, infra-verbal, afastando-se do problema dissimulado; é produzido pela actividade defensiva do Eu. Por seu turno, a metáfora tenta solucionar o problema e resulta da função integrativa e criativa do Eu. A anulação de um sintoma é em parte a criação de uma metáfora a partir do sintoma. Enquanto o sintoma articula imagem, afecto e acção, a metáfora integra pensamento verbal, imagem e afecto.

Indo numa direcção semelhante, F. Levin (1991), num livro que procura as intersecções da Psicanálise com as Neurociências, realça em certas expressões verbais a importância de estabelecer pontes, conexões entre experiências passadas e presentes, afecto pessoal e categorias lógicas (cognição), observações sensoriais e reminiscências, e entre pulsões conflitivas. A metáfora, para Levin, é uma descrição verbal que compara modalidades cruzadas de experiência. Na noção de transporte admitida pela etimologia da palavra metáfora, há que incluir o transporte de uma memória da experiência, entre modalidades sensoriais. A metáfora, ao combinar, de modo inesperado e criativo, ideias, modalidades sensoriais e significados, incrementa a actividade sintética. A própria ambiguidade da metáfora permite destacar vários níveis de experiência e significado.

O cérebro humano contém vários níveis simultâneos de funcionamento, com potencial para o emergir de modos ontogeneticamente mais arcaicos de experiência adaptativa quando os níveis mais tardios do Sistema Nervoso Central estão por alguma razão inoperantes. Levin estuda a partir daqui os vários níveis de alcance das interpretações metafóricas de transferência, na situação analítica, mas com interesse para a metáfora em geral. Assim, ao nível mais profundo a metáfora pode tocar esquemas sensório-motores que representam uma

experiência afectiva organizada segundo padrões rítmicos. No nível seguinte, a metáfora evoca memórias mais complexas onde os objectos são nomeados mas estão sobrepostos devido a propriedades acidentais. No terceiro nível, são activados processos primários do simbolismo difíceis de verbalizar mas contendo qualidades temporais e propriedades essenciais, já não acidentais, dos objectos; muitas vezes apresenta-se como uma memória puramente visual a partir da qual se pode associar. No quarto nível, há o simbolismo discursivo, com lógica dedutiva ou hipotética e proposições como *se/então*, *nem/ou*, recordando com uso do processo secundário; neste nível de conceptualização, as proposições verbais são independentes de qualidades sensório-motoras. Uma boa metáfora contacta cada nível da experiência do paciente simultaneamente, cruza diferentes modalidades e níveis hierárquicos de experiência. A partir da síntese criativa de informação promovida pela metáfora, Levin infere que a linguagem metafórica tem um papel decisivo na codificação e transferência de informação no cérebro.

A vida da metáfora

A metáfora reivindica então um papel de extraordinária importância no desenvolvimento da linguagem, na caminhada progressiva para a abstracção, na criação de significados novos, na integração da experiência corporal com a estrutura do código linguístico, na comunicação afectiva, mediando entre a expressão de sentimentos poderosos e a exposição discursiva.

D. W. Abse (1971) retoma o estudo clássico de Philipp Wegener (1885) e articula as leis do desenvolvimento da linguagem deste filólogo alemão com as concepções psicanalíticas. Segundo Wegener, há uma fase elementar da linguagem que envolve o contexto e a declaração nova que, naquele, o emissor quer comunicar. Quando o contexto físico e social não fornece direcção suficiente, a nova asserção permanece ambígua e o emissor tem de acumular mais e mais vocábulos para clarificar a expressão original, vocábulos que enfatizam também gestos e atitudes corporais. Assim, apositivos e cláusulas relativas são

somados como correcções (ou emendas) das representações insuficientes. A estrutura gramatical desenvolve-se por *emenda* (primeiro princípio da linguagem) de expressões ambíguas, formando um contexto verbal para suplementar o contexto implícito e fazendo emergir uma linguagem auto-suficiente. O discurso engloba, pois, o contexto verbal e prático e a novidade apresentada pelo falante. Em conexão com esta novidade está o segundo princípio da linguagem: a *metáfora*. Quando uma palavra específica falha em designar a novidade, usa-se outra palavra que denota já alguma outra coisa: uma palavra que simboliza uma coisa, relação ou processo é usada para este novo propósito com base numa analogia, sendo que o contexto assinala que a nova palavra não se refere à primeira coisa, processo ou relação que não é denotado literalmente. A expressão adquire um significado mais amplo do que o seu uso original e o contexto deve determinar se será tomada num sentido literal ou metafórico.

Quando a metáfora é usada muitas vezes, extingue-se num significado literal diferente do significado específico original. Wegener sugere que é provável que as palavras em geral derivam de apelações específicas por uso metafórico, sendo a nossa linguagem literal um repositório de *metáforas extintas*. Por exemplo, a palavra *coragem* é uma metáfora extinta (*cor*=coração); para a criação do conceito abstracto de coragem, é a experiência emocional visceral (sensações cardíacas no medo e na raiva) que configura a direcção semântica, formando-se uma palavra particular que se torna símbolo verbal de comunicação.

No momento da sua formação, a linguagem deve abarcar um significado novo para levar a conhecer um pensamento nunca antes exprimido. Nesta altura, a palavra contém referências plásticas corporais e afectos, e a metáfora é vívida; após uso cada vez mais generalizado, as imagens despertadas são menos vívidas, a metáfora extingue-se e a palavra assim gerada já não evoca directamente as imagens originais, esvazia-se das suas referências plásticas. K. Wright (1976) configura a partir daqui diversos níveis de relações entre representações de coisa e representações de palavra, desde o afecto-acção que se refere ao objecto como um esquema de acção carregado de afecto, radicado nas imagens sinestésicas e

conduzindo ao comportamento e à acção, até à representação por uma imagem visual já mais distante do esquema de acção e, ao nível mais elevado, a representação pela palavra relativamente liberta do esquema de acção e do comportamento. Se o impulso e a acção superam a simbolização, a estrutura linguística e o pensamento degradam-se e dão lugar a formas mais regressivas. Aquilo a que o autor chama *metáfora integrada* contém o afecto-acção e a imagem visual numa estrutura verbal. A metáfora extinta é a palavra que perdeu a sua ligação próxima com a imagem visual e o afecto-acção e possui alguma liberdade num universo de significados abstractos. A integração do Eu é mais do que a síntese verbal e envolve a incorporação de estruturas afectivas em níveis mais elevados de organização, com contenção do impulso e seu uso para propósitos mais complexos, sendo que a metáfora integrada revela estas relações e pode ser um paradigma de integração no interior do Eu, construindo um significado emergente num nível mais elevado embora não separado dos elementos concretos e plásticos que lhe deram origem.

A estrutura da linguagem cresce a partir da palavra-frase por emenda gradual; o outro elemento essencial da linguagem discursiva, a generalidade, produz a extinção das metáforas. Antes de adquirir metáforas extintas para fundamento do pensamento lógico, a linguagem mais não fazia do que representar necessidades e sentimentos por indicação demonstrativa destes na experiência imediata. O processo de extinção das metáforas é uma ponte entre a linguagem baseada na palavra-frase (fase empráctica) e a fase de exposição discursiva.

A metáfora viva, ao contrário da metáfora extinta, na sua evocação de imagens sensoriais concretas, confronta-nos com as emoções. As metáforas derivam dos fundamentos sensório-motores da experiência imediata, em trocas de energia dentro ou fora do corpo, enraizando-se em padrões de percepção externo, interno e proprioceptivos que sucedem às sensações parcialmente fundidas dos primeiros tempos de vida. O Eu está equipado para discriminar a fonte dos estímulos como predominantemente interna ou externa e entre estímulos que emanam do corpo ou da organização psíquica, de onde derivam conceitos como

mundo externo, personalidade, corpo, alopsíquico, autopsíquico e somatopsíquico. Abse considera esta diferenciação progressiva perturbada na histeria, com regressão da linguagem metafórica para as suas bases sensório-motoras.

Wegener postula um incremento de generalidade à medida que a metáfora se extingue num sentido literal. O uso figurativo repetido, em várias aplicações, conduz a uma generalidade aumentada de sentido através de um denominador comum em todos os usos figurativos. A metáfora alcança assim literalidade e significado geral, o que deve acontecer para que a palavra seja compreendida adequadamente num contexto verbal. Na evolução da linguagem discursiva, a extinção das metáforas envolve uma repressão parcial das imagens mnésicas, do objecto percebido, de elaborações conceptuais próximas, de derivados pulsionais directamente ligados e, em menor extensão, de referências figurativas que transportam ainda elementos das anteriores. Apesar desta repressão, alguns elementos são retidos e sintetizados para uma ordem simbólica superior, verbal, que assegura o pensamento do processo secundário, facilita o reconhecimento de atributos padronizados comuns (generalidade) e a separação de categorias segundo vários critérios.

A dissolução da linguagem falada na esquizofrenia, assunto que já nos ocupou no capítulo anterior, deve agora ser retomada à luz dos princípios da linguagem propostos por Wegener: a metáfora na génese da linguagem discursiva e o princípio da generalização de sentido através das vicissitudes da metáfora. Os distúrbios essenciais da estrutura e função do Eu afectam secundariamente a capacidade simbólica e a linguagem. O simbolismo metafórico surge perturbado no pensamento esquizofrénico, no qual está enfraquecida a capacidade de resolver a ambiguidade. A interacção dinâmica entre o contexto e a nova asserção torna-se caótica, tanto porque os significados figurativos não estão sempre convenientemente subjugados a generalidades literais como porque especificidades literais transformam-se, muitas vezes, em significados figurativos,

sendo por isso difícil para o esquizofrénico distinguir entre os significados metafóricos e os literais.

Kraepelin (1905) fala de distúrbios agramáticos ou *agramatismo*, em que a confusão se deve, apesar da escolha correcta das palavras, ao facto de as ideias serem distorcidas pela estrutura das frases e pela justaposição de frases que não se seguem logicamente umas às outras, o que parece confirmar o primeiro princípio de Wegener que suporta o discurso auto-suficiente: a estrutura gramatical só se desenvolve por emenda da expressão ambígua, numa exposição contextualizada e intencional. As expressões adicionais que formam um contexto verbal mais preciso estão ausentes no discurso esquizofrénico, daí a impressão telegramática e a confusão criada pelas palavras-frase, ou por frases longas com exposição inapropriada. Outro distúrbio da linguagem na esquizofrenia, a *acatafasia*, afecta o segundo princípio da linguagem de Wegener, referente à metáfora. O distúrbio do simbolismo metafórico é o aspecto mais marcante da perturbação do simbolismo verbal: o paciente não fala uma linguagem de acordo com os significados usuais das palavras e frases da sua comunidade, restringindo o significado das palavras numa atitude de concretização e fazendo equivaler o símbolo à coisa simbolizada. Por outro lado, pode haver uso da metáfora sem consciência de que é uma metáfora, o que é particularmente notório em fantasias de desejo carregadas de afecto. A acatafasia inclui ainda os neologismos que designam conceitos não nomeáveis pela nossa linguagem comum.

O desenvolvimento da abstracção

Deixámos nas páginas anteriores muitas pistas para um tópico importante, que é o desenvolvimento da capacidade de abstracção, capaz de conduzir o pólo sensorial e corporal do símbolo, auto-envolvente, a um pólo verbalizado que maneja a realidade subjectiva e objectiva a um outro nível, o do pensamento conceptual, marcando, pelo seu próprio progresso gradual, uma ligação genética

entre as representações de coisa originais e as subsequentes representações de palavra.

Vimos como Ferenczi (1911) reconhece o pensamento verbal abstracto como o ponto culminante do desenvolvimento que transforma o aparelho psíquico, de um centro de reacções alucinatório-motoras, que promove a identidade perceptiva entre a representação e a realidade, num órgão de pensamento que não confunde a representação do objecto de desejo com o objecto real. As imagens mnésicas passam a ser representadas por fragmentos atenuados das suas características, os signos verbais, que, desenvolvendo-se, contrariam a tendência para a regressão despojando-se de vestígios alucinatórios e motores e direccionam-se para a representação abstracta, facilitadora de desempenhos mais subtis e económicos.

A aprendizagem, baseada na identificação introjectiva, das regras do código linguístico formaliza os processos psíquicos e desenvolve a abstracção e a cognição. As palavras perdem as suas marcas subjectivas à medida que se consolidam como signos convencionais, que conferem um carácter abstracto à linguagem e a tornam mais subsidiária do princípio da realidade. R. Gori (1975) refere que *abstrair*, etimologicamente, é retirar, destruir, tornar ausente ou distante para que algo novo se instale; abstrair é separar. A abstracção, tal como o símbolo, pressupõe que a coisa simbolizada possa estar ausente para reaparecer no símbolo. O objecto é destruído em favor do símbolo, e nisso consiste a abstracção, processo que se encontra no jogo do *Fort-Da*, envolvendo a compulsão à repetição, a identificação com o objecto e o reconhecimento de si. Abstrai-se aí algo de si e do objecto, o que deixa lugar livre para uma restituição pelo signo, não se tratando de uma restituição exacta mas de uma criação. A criação verbal implica assim a abstracção das coisas e do próprio sujeito e a sua restituição significante.

De forma semelhante, Segal (1991) sustenta que a representação simbólica verdadeira representa o objecto mas não é inteiramente equacionado a este, seguindo-se a um luto pelo objecto, com elaboração depressiva da separação e da

perda, provando a realidade da perda mas ao mesmo tempo ajudando a superá-la. Com a integração permitida pela posição depressiva, há uma diferenciação crescente dos vários aspectos do objecto associada a uma capacidade de generalização. O pensamento abstracto não deve contudo chegar a despojar-se de qualquer significado emocional, o que seria resultado de uma cisão psicótica. Em linguagem bioniana, os elementos beta transformados em elementos alfa podem ser armazenados em memória, compreensão, simbolização e em novos desenvolvimentos, prestando-se à generalização, à diferenciação e à abstracção.

Encontramos aqui muitos pontos de contacto com as concepções de Wegener sobre os princípios de desenvolvimento da linguagem, a emenda e a metáfora. A metáfora intervém de modo decisivo no desenvolvimento da abstracção, precisamente porque a metáfora, como vimos, é um modo de compreensão de um domínio da experiência relativamente abstracto nos termos de um outro domínio de experiência mais concreto; liga imagens concretas a conceitos mais abstractos, conjuga o corpo e a palavra, num deslocamento do físico para o psíquico que articula a experiência corporal e afectiva com a estrutura do código linguístico, vai para além dos significados literais descobrindo significados internos não imediatamente reconhecíveis, alcançando economicamente a abstracção de características similares de objectos e ideias diferentes. A metáfora supera assim as suas próprias raízes concretas e encaminha-se para a exposição e o simbolismo discursivos.

Na evolução da linguagem discursiva, a extinção das metáforas pelo progresso da generalidade é a base do pensamento abstracto e envolve a repressão parcial das imagens mnésicas, do objecto, de derivados pulsionais e emocionais e de referências figurativas que continuam a transportar elementos das anteriores, sendo que todos estes aspectos são sintetizados numa ordem simbólica superior que é a linguagem verbal. As metáforas vivas originais perdem significado literal num simbolismo verbal figurativo, e as metáforas extintas resultantes tornam-se a ponte para o pensamento lógico-abstracto. Antes de alcançar este pensamento lógico, uma situação só pode ser transmitida pela

indicação demonstrativa na experiência imediata, método usado pelo trabalho do sonho ao regredir às imagens visuais.

Da imagem ao alfabeto

No movimento semântico que, pela metáfora, vai do corpo ao pensamento verbal que conjuga palavras esquecidas das suas origens plásticas, da auto-imagem corporal ao código linguístico, das representações de coisa às representações de palavra, encontramos a base com que o Homem passou da escrita pictográfica à escrita alfabética, metaforizando nessa evolução o corpo próprio e as vivências sensoriais concretas.

Em *Les Mistères de l'Alphabet*, Marc-Alain Ouaknin (1997) lança as bases de uma *arqueografia*, análise e interpretação das palavras não apenas em função das suas raízes etimológicas mas também da forma gráfica originária das letras do alfabeto, num retorno à forma-imagem das letras e numa busca das implicações de sentido dessas formas. Propondo-se descobrir os traços de origem e a sua evolução, esta fascinante viagem arqueográfica não se resume a uma caminhada histórica, antes procura apoio em diversos campos culturais como a arqueologia, a psicologia, a etnologia, as línguas antigas, a arquitectura, a estética, a filosofia, a linguística. Regressando da letra à imagem, na direcção inversa à tomada pela evolução da escrita, esta pesquisa encontra significados novos nas palavras, para além dos significados puramente etimológicos ou adquiridos pela língua usual.

Recupera-se assim uma parte da memória mais ancestral e profunda do Homem, ainda viva e participando inconscientemente na nossa maneira de pensar, de falar e de investir o mundo de significação, dando suporte à afirmação entusiasta de Victor Hugo, segundo a qual “a sociedade humana, o mundo, o homem inteiro está no alfabeto, o alfabeto é uma fonte”. Cada letra esconde uma história e transformações derivadas de uma ou várias formas originais, imagens que representavam categorias essenciais da existência humana: a vida, a casa, a

viagem, a sexualidade, o conflito, o corpo, a água, a alimentação, a vida inconsciente, a caça, a oração.

Para Ouaknin, o sentido da palavra resulta de uma interacção dialéctica entre três horizontes: a etimologia, relação externa a uma outra língua mais antiga; a evolução interna à língua, os seus hábitos fonéticos e o seu modo próprio de estruturar a existência; a memória inscrita na forma gráfica das letras.

Sendo a escrita um sistema organizado de signos e símbolos que permite materializar e fixar o que se pensa e sente, o *alfabeto* pode ser definido como um sistema restrito de signos que exprimem os sons elementares da linguagem e permitem notar o que se quer exprimir. Antes do aparecimento da escrita alfabética abstracta, floresceram em civilizações avançadas as escritas pictográficas, destacando-se o cuneiforme dos Sumérios e os hieróglifos dos Egípcios. A escrita cuneiforme era constituída por desenhos que representavam de modo esquemático os elementos da vida, da natureza, dos animais e do corpo humano, signos que evoluíram para formas abstractas onde muitas vezes é já impossível vislumbrar a forma do desenho original. Os hieróglifos, a forma mais antiga da escrita egípcia, são signos gravados com valor sagrado (do grego *hiéros*, sagrado, e *glyphein*, gravar), sendo que cada signo nota uma palavra, tornando-se posteriormente uma escrita que nota também os sons, ou seja, fonética. A partir dos hieróglifos egípcios surge uma escrita alfabética no deserto do Sinai, por isso chamada *protosinaítica*, e da qual derivarão, sucessivamente, as escritas proto-hebraica ou proto-fenícia, fenícia, grega, etrusca e latina, até aos actuais alfabetos europeus.

Na passagem da imagem (pictograma) ao signo fonético silábico (fonograma), teve papel preponderante a descoberta do monoteísmo e o interdito da imagem, consignado no segundo dos Dez Mandamentos, provocando uma revolução cultural entre os Semitas, os quais, reprimindo a imagem, tiveram de abandonar a dimensão espacial e pictorial do signo e procurar um alfabeto não pictográfico, formado por caracteres abstractos. Nasce assim o protosinaítico, cujo alfabeto está na fronteira da imagem e da letra, entre o pictograma e o signo

alfabético. Freud (1939) refere que a interdição de fazer uma imagem de Deus conduziu ao triunfo do espírito sobre a sensorialidade, abrindo a intelectualidade para um novo mundo de representações e raciocínios que se afasta das percepções imediatas dos órgãos sensoriais. Para Freud, esta foi uma das etapas mais importantes da hominização, e ao interdito da imagem juntará a referência ao pai como fundamental na consolidação da linguagem: a maternidade é revelada pelos sentidos e a paternidade é uma conjectura baseada em deduções e hipóteses, pelo que a passagem do matriarcado ao patriarcado implica uma “vitória da inteligência sobre a sensualidade”.

Ouaknin reafirma o interdito da imagem como o factor decisivo na evolução do alfabeto, marcando a passagem da sua forma pictográfica à forma alfabética abstracta. Os signos da escrita pictográfica são imagens que reproduzem o mais fielmente possível uma realidade do mundo, um objecto material, constituindo-se como uma *escrita de coisas* que se revela pouco económica, pois obriga ao desenho de milhares de signos. Para evitar o que seria a multiplicação infinita de signos, foi preciso enriquecer a relação destes com os objectos do mundo, segundo um processo que podemos agora assimilar à metáfora: o pictograma pode remeter para outras realidades que não a primeiramente visada através de processos mentais mais ou menos ligados à realidade ou convencionais, aproximando o signo de uma abstracção, uma ideia, aumentando as suas possibilidades semânticas, o que transforma o pictograma em ideograma. Para se chegar a uma *escrita de palavras*, foi preciso cortar a relação primordial do signo a um objecto para o comprometer com um fonema, uma realidade já não externa mas intralinguística. A imagem ainda existe no fonograma mas o signo já não remete à imagem. Para sair completamente da imagem, usou-se a *acrofonia*, método pelo qual se pronuncia uma palavra reduzida à primeira consoante ou sílaba, levando à lista de signos que formam o alfabeto: por exemplo, o pictograma que representa a água, desenhando uma cristação linear de ondas, pronuncia-se *mayim* em hebraico, e pelo método acrofónico conserva-se a letra *m*, primeira letra do nome em hebraico do objecto

representado. Todas as letras do nosso alfabeto derivam, por acrofonia, das palavras hebraicas que designavam determinados objectos do corpo e da realidade material, natural e social.

A passagem do pictograma ao ideograma e ao fonograma é, ela mesma, reflexo da passagem ontogenética, economicamente vantajosa e plena de possibilidades criativas, de um aparelho mental primitivo que alucina o objecto desejado para um aparelho mental capaz de um pensamento que representa verbalmente o objecto. N. Nicolaidis (1984) usa a metáfora do *lado hieroglífico da língua materna* para demonstrar o aspecto imajante-hieroglífico das primeiras relações mãe-criança, anterior ao significante alfabético das relações secundárias e polissemânticas. Os hieróglifos figuram o corpo e as representações de coisa colocando-os em forma de imagens proto-simbólica, meios de expressão e comunicação, pelo que a escrita é o protótipo corporal da língua. O núcleo da língua é uma escrita virtual, uma inscrição verbalizável das representações de coisa, estando a fala baseada em traços corporais que são as expressões mímicas, gesticulações, atitude corporal, postura, distância que o corpo da criança adopta em relação ao corpo da mãe; estes traços são a matriz simbólica do sujeito-corpo, imagens figurativas que se tornam imagens-signo e darão forma às expressões linguísticas da fala e da escrita.

Se o significante alfabético tem de ser ambíguo para poder ser símbolo (se o símbolo representasse perfeitamente a coisa deixaria de ser seu substituto), Nicolaidis coloca no pólo da convicção não ambígua tudo o que é imajante. Na convicção delirante do psicótico, por exemplo, não há, como já vimos, símbolos: o psicótico substitui os seus desejos e necessidades por uma neo-realidade que não admite qualquer dúvida quanto à sua veracidade.

Para Nicolaidis, o significante hieroglífico retido no Inconsciente inspira hieroglificamente o significante alfabético integrável pelo sujeito. Freud recorda frequentemente a escrita pictográfica e a escrita não fonética em geral para compreender os modos de representação do sonho e do Inconsciente, considerando o pensamento visual mais próximo dos processos inconscientes e

mais antigo, filogenética e ontogeneticamente, do que o pensamento verbal. Na estrutura do pictograma, significante e significado são inseparáveis. A alfabetização da escrita e da língua favorece a distinção significante/significado, permitindo a este último a sua função simbólica sem perder a origem corporal. A fala autonomiza-se relativamente da imagem quando o sujeito pensa abstractamente, o que depende da aquisição do valor simbólico das palavras. A imagem dificilmente exprime noções e conceitos abstractos, um grau de simbolização só alcançável pelas palavras (de preferência alfabéticas) que contêm uma representação sem laço natural evidente com a coisa representada (o arbitrário do signo linguístico, segundo Saussure). A imagem mantém um laço natural com a coisa, o que não sucede obrigatoriamente com as palavras.

As primeiras relações do sujeito com o mundo baseiam-se predominantemente em imagens, sendo óbvia a parte imajante da alucinação primitiva da satisfação. A imagem, como discrimina S. Tisseron (1989), dá-se sempre numa apreensão imediata, objectiva e atemporal, sem os constrangimentos gramaticais da linguagem, tais como a distinção entre passado, presente e futuro, entre formas pronominais como o “eu” e o “tu”, entre formas negativas e positivas, e a sua produção depende da partilha temporo-espacial onde se origina tanto o desejo da unidade dual perdida como a ameaça do retorno brutal à indiferenciação primitiva. A imagem tanto pode bloquear as possibilidades imaginárias e o pensamento, não lhe proporcionando a distância mínima necessária, como pode assegurar uma função psíquica continente. Enquanto a linguagem evolui a partir da diferenciação entre o “eu” e o “tu”, a imagem baseia-se num espaço psíquico que é distinto do psiquismo materno mas partilhado com ele, podendo avançar para o seu próprio mundo fantasmático.

Na escrita pictográfica há a primazia da representação de coisa, comunicando por especularização simétrica, reconhecimento directo do objecto sem intermediário simbólico (Nicolaidis, 1984), tal como a relação precoce mãe-bebé, onde a imagem do corpo do bebé se reflecte na imagem do corpo da mãe sem elaboração do pensamento linguístico, o qual precisa de uma diferença de

tempo entre a percepção estimulante e a acção. É preciso apreciar a assimetria, a diferença, para sair desta captação simétrica e da fascinação narcísica (à qual o psicótico ficará preso), o que incrementa e é incrementado pela linguagem, onde a irreductibilidade do significante torna possível a substituição e a metáfora.

Vimos como a escrita de pictogramas, onde significante e significado não estão distinguidos, reduz a fala às noções de coisa, à expressão de necessidades elementares e concretas. A escrita alfabética que daí deriva pode combinar fonemas significantes e evoluir para o pensamento metafórico e abstracto, libertando-se do suporte gráfico concreto e imajante. As representações de palavra ancoram-se nas representações de coisa mas afastam-se tendencialmente delas, não correspondendo forçosamente a uma imagem concreta da coisa mas a expressões que representam simbólica e metaforicamente a coisa. No entanto, o suporte gráfico da escrita alfabética religa as palavras às coisas, exprimindo o pensamento metafórico e abstracto pela conjugação cada vez mais arbitrária (embora não absolutamente) de significantes alfabéticos e significados, enriquecendo a capacidade semântica daqueles. Esta religação das representações de palavra e de coisa no alfabeto escrito favorece a totalização do objecto, a posição depressiva e a elaboração do luto. Assim, na estrutura etimológica da palavra, religada alfabeticamente à coisa, encontramos a sua história própria e a história da Humanidade (Nicolaidis, 1984). Podemos acrescentar agora que é preciso ultrapassar a demanda etimológica e regredir para mais longe, para as formas-imagens originais incorporadas no próprio grafismo das letras.

UMA REFLEXÃO ÚLTIMA

*As palavras agrupam-se à volta da imagem
como os homens à volta de uma mesa ou de
uma fogueira.*

E. Jabès

A representação surge-nos, não como a reprodução de percepções ou reinvestimento de traços mnésicos, mas como uma actividade mental que forma contextos associativos criativos, uma elaboração psíquica que é transformadora por natureza. Trata-se de um trabalho que efectua ligações entre as representações, maneja e transforma o afecto, faz circular pequenas quantidades de energia, conduzindo à simbolização e estruturando a organização psíquica. As excitações corporais como que procuram ser representadas no psiquismo, pelo que as representações se assumem como mediações organizativas que trabalham a carga afectiva mantendo as possibilidades de controlo do Eu.

A distinção freudiana entre representações de coisa e representações de palavra é essencial e permite esboçar o modo como aquelas se ligam a estas, num movimento estruturante que conduz do corpo e do sensível (as representações de coisa caracterizam o Inconsciente, derivam da coisa e são predominantemente visuais) à palavra e ao código linguístico (as representações de palavra são acústicas, a sua ligação com as representações de coisa caracterizam o Pré-Consciente-Consciente). É sobre esta base que vemos as experiências corporais e sensoriais directas e, por assim dizer, brutas, transformarem-se e integrarem-se numa ordem simbólica superior, que é exemplificada, na sua eloquência máxima, pela linguagem verbal abstracta.

A imagem mnésica ligada à representação de coisa só pode aceder à Consciência e ser aí trabalhada se se associar a uma imagem verbal: as palavras representam relações entre representações de coisa, o que põe em movimento o

processo de pensamento. Esta ligação marca a passagem do processo primário ao secundário, da identidade de percepção usada pelo aparelho psíquico primitivo (reinvestindo alucinatoriamente a recordação da satisfação e fazendo equivaler a representação de coisa ao objecto alucinado) à identidade de pensamento, mais vantajosa e económica, inibindo a regressão e desviando a excitação da necessidade para um movimento voluntário que altera o mundo externo e proporciona uma percepção real do objecto desejado (deslocando enfim pequenas quantidades de energia na actividade exploratória do pensamento). O uso das palavras tem assim um papel importante na adaptação às exigências da realidade, lidando com doses manejáveis de excitação e não já com a descarga pulsional, e, superando a compulsão do princípio do prazer e a impaciência da satisfação alucinatoria do desejo, promove relações e transformações simbólicas.

Aquele funcionamento psíquico primitivo, dominado pelo processo primário e estabelecendo a identidade perceptiva pela satisfação alucinatoria do desejo, é recuperado na vida mental de todos os dias através da regressão egóica que ocorre no sonho. O sonho representa pensamentos verbais abstractos por imagens predominantemente visuais, denunciando a ligação entre imagens e representações de coisa com representações de palavra. As representações de palavra regridem às correspondentes representações de coisa, depois de uma consideração de representabilidade visual, reencontrando as coisas, imagens sensoriais e fundamentos pulsionais e corporais concretos que estão na origem da linguagem verbal. Os sonhos, devendo representar plasticamente pensamentos abstractos, permitem conhecer as relações entre elementos plásticos concretos, primordiais, e elementos abstractos na origem e desenvolvimento da linguagem.

O delírio também nos mostrou uma forma de subverter e desqualificar as representações de palavra. O Eu do psicótico rompe a sua relação com uma realidade intolerável, retira os investimentos dos objectos, que afluem para o Eu apagando as distinções tópicas do aparelho mental e subvertendo os processos secundários pelos primários, e tenta recuperar os objectos perdidos construindo uma neo-realidade. Ao romper a relação com a realidade, o psicótico faz ruir a

instituição egóica que discrimina o interno e o externo para uma melhor orientação no mundo, o teste de realidade, o que leva a que as fantasias carregadas de desejo sejam *dramatizadas* e consideradas uma realidade indiscutível. Esta perda dos limites entre o interno e o externo, o fantasmático e o real, o sujeito e o objecto, convulsiona o uso pré-consciente das representações de palavra e gera as equações simbólicas. Perdida a relação de significação entre o significante e o significado, o signo linguístico perde a sua função referencial para a linguagem: a comunicação esquizofrénica regride aos níveis precoces do funcionamento psíquico, com a concretização que resulta de não distinguir o pensamento concreto do metafórico.

O desenvolvimento da linguagem e da comunicação verbal pressupõe a separação e a individuação, o estabelecimento das fronteiras do Eu, superando a união fusional com a mãe, pelo que a regressão esquizofrénica tenta repetir essa diluição fusional. Subjugada por emoções devastadoras que impedem o trabalho mental de elaboração e integração, a personalidade psicótica não pode transformar pensamentos ou elementos representativos, não pode formar símbolos; as palavras substituem a acção em vez de a preludiar, como vimos que era sua função. A mediação contentora e organizativa das palavras e dos símbolos não é possível.

Se o símbolo mantém a sua qualidade criativa sustentando-se na tensão entre um investimento subjectivo, auto-envolvente, e um investimento objectivo, dirigido para o meio relacional, a linguagem, enquanto sistema de símbolos, mantém-se também num lugar intermediário entre o corpo, sede de emoções, e uma estrutura codificada e objectivada partilhada numa comunidade. O símbolo e a linguagem são processos contínuos que integram o interno e o externo, o subjectivo e o objectivo, as experiências antigas e novas, consolidados e, por sua vez, consolidando o luto pelo objecto, a separação fundamental do ser humano, a elaboração da perda, participando assim na abstracção do objecto que confirma a sua perda e a restitui simbólica e metaforicamente.

A simbolização contém em si mesma um potencial de regressão às coisas originárias mas, simultaneamente, é seu trabalho o evoluir para a criação de novos significados e para a sublimação, explorando e pensando o mundo. Assim, se é verdade que há símbolos e signos linguísticos que conservam um laço natural com a coisa significada, é também decisivo que o signo linguístico se caracteriza por uma relação arbitrária entre o significante e o significado, o que permite à linguagem afastar-se, tendencialmente, das limitações pulsionais e sensorio-motoras originais e adquirir possibilidades virtualmente infinitas de expansão dos significados e relações a criar. O sujeito da linguagem pode assim libertar-se da relação directa, concreta e sensorial com o mundo e aceder a um universo rico de possibilidades criativas, pela abstracção crescente que supera (embora em si mesma ainda conserve residualmente) a fascinação directa e paralisante da imagem original. O sonho restaura modos de funcionamento mais primitivos, tomando o caminho inverso e regressando do pensamento verbal abstracto às imagens sensoriais concretas e experiências corporais que lhes correspondem, confirmando que o funcionamento psíquico por imagens, predominantemente visuais, está mais próximo do Inconsciente.

No entanto, se a linguagem discursiva, no seu desenvolvimento, tende a afastar-se do registo alucinatorio-motor, não o anula por completo. As palavras conservam qualidades sensoriais, deixando-se investir ainda por pulsões libidinais, agressivas e narcísicas, o que pode tornar o discurso tão vivo, poético, empolgante ou emocionante, quase impelindo para a acção de satisfação de que elas próprias, as palavras, provêm e visam substituir. O nome começa por substituir mágica e alucinatoriamente a coisa e pô-la á disposição do imaginário do sujeito que, pelo nomear da coisa, se distingue dela; a linguagem é integrada na sua especificidade quando as palavras se tornam signos simbólicos dos objectos, construindo um significado pela relação de afastamento no espaço e no tempo e diferenciando o sujeito do objecto. O signo linguístico permanece, então, marcado por uma referência dupla, ao corpo sensível e à discursividade inteligível. A necessidade ou apetência para falar inscreve-se, na sua origem, em

vivências corporais vitais e afectivas, devendo o verbo exprimir essa vivência e restaurá-la no próprio acto de fala, transportando um acontecimento sensível e uma acção (que não aconteceu) a uma ordem simbólica diferente, que progride para a abstracção. A abstracção, que elabora a perda do objecto ou da acção e restitui-os pelo próprio signo linguístico, conserva relações com a matriz sensorial e alucinatorio-motora.

A formação simbólica desloca o investimento ou interesse da ideia de um objecto ou actividade primária para outras, estabelecendo vários tipos de ligação entre aquela e as seguintes, numa série sucessiva em que os elementos mais tardios são cada vez mais remotos e com menos semelhança intrínseca com os elementos primários, o que, no sistema linguístico, produz uma atenuação das referências corporais iniciais e uma abstracção crescente do código resultante. O caminho inverso, regressivo, é tomado pelo sonho e pelo delírio, como observámos.

Os símbolos assim formados que mais nos interessam são as palavras, que se distinguem dos outros símbolos por se prestarem a uma manipulação intencional consciente, serem convencionais e não se confundirem com a coisa simbolizada, razão por que as palavras participam de modo preponderante nas capacidades integrativas do Eu, no processo secundário e na coerência das relações objectais. Uma vez mais, o sonho e o pensamento esquizofrénico são exemplos de condições regressivas que apagam estas características distintivas das palavras e as tratam pelo processo primário, tornando-as intermutáveis e concretas, fazendo-as equivaler aos objectos que apenas significam ou representam no discurso consciente.

Vimos como as combinações fonéticas arbitrárias expandem as possibilidades de significação criativa e alimentam as capacidades de generalização e abstracção que permitem uma máxima transmissão de informação com diminuição da acção. Há um movimento semântico que perde pontos concretos (nomeadamente corporais) de referência e se encaminha para um referente mais abstracto. A metáfora é aqui um processo fulcral, conciliando

habilmente as imagens implícitas e os significados verbais abstractos derivados, permitindo a evolução de um sistema corporal e afectivo de comunicação egocêntrica para um sistema mais complexo de compreensão de ideias.

O pensamento verbal sustentado no poder da metáfora é o culminar de um desenvolvimento que se desembaraça das primitivas acções alucinatórias e promove desempenhos mais subtis e económicos através da representação fonética abstracta, a qual, não se confundindo com a realidade externa, não perde definitivamente os elementos sensoriais concretos, o que seria a perda de algo tão vital como a emoção, só presente numa desvantajosa clivagem psicótica. O poder da metáfora, o verdadeiro poder da linguagem afinal, está em que permite a compreensão de um domínio de experiência mais abstracto nos termos derivados de um domínio de experiência mais concreto, o que a torna adequada para articular o corpo com a estrutura formal do código, significar a experiência corporal, ligar imagens visuais concretas a conceitos mais abstractos. A metáfora descobre e cria significados, abstraindo características similares de objectos e ideias diferentes, realizando uma importante integração do corpo erógeno e afectivo com o pensamento verbal, assumindo-se como paradigma da actividade sintética do Eu. É, assim, natural reconhecer-lhe o lugar cimeiro nos propósitos e virtualidades da linguagem.

Entendendo a nossa linguagem discursiva como um repositório de metáforas extintas, palavras que atenuam por uso generalizado as suas referências plásticas e as suas ligações à imagem visual e ao afecto-acção, vemos como o progresso da capacidade de abstracção traz consigo um nível mais elevado de síntese e organização, o que confere um fôlego criativo ao trabalho de simbolização. Deste modo, a linguagem verbal, tecendo correspondências entre representações de coisa e representações de palavra, resulta numa ordem simbólica superior que dilui em si mesma as suas fontes sensório-corporais concretas e se encaminha para uma discursividade abstracta capaz de dizer e pensar as experiências do mundo.

BIBLIOGRAFIA

- Abse, D. W. (1971). **Speech and Reason: Language Disorder in Mental Disease**. Bristol: John Wright and Sons.
- Amaral Dias, C. (1989). **O dizer e o falar**. *Psicologia Clínica*, Nº 1, 1989.
- Amaral Dias, C. (1996). **Seminário sobre a Obra *A Interpretação dos Sonhos de Freud***. Texto inédito.
- Anzieu, A. (1977). **Da carne ao verbo: mutismo e gaguez**. In Didier Anzieu, *Psicanálise e Linguagem: Do Corpo à Fala*. Lisboa: Moraes Editores (1979)
- Bion, W. (1955). **A linguagem e o esquizofrénico**. In Didier Anzieu et al., *Psicanálise e Linguagem*. Lisboa: Moraes Editores (1979).
- Blum, H. (1978). **Symbolic processes and symbol formation**. *International Journal of Psycho-Analysis*, Nº 59, 1978.
- Cahn, R. (1994). **Affect et représentation**. *Journal de la Psychanalyse de l'Enfant*, Nº15, 1994.
- David, C. (1985). **À propos de la représentance de l'affect**. *Revue Française de Psychanalyse*, Nº 3, 1985.
- Duparc, F. (1989). **Vie et mort des représentations: symboles et mouvement du sens**. *Revue Française de Psychanalyse*, Nº 6, 1989.
- Eidelberg, L. (1971). **Enciclopédia del Psicoanálisis**. Barcelona: Editorial Espaxs (1971).
- Fain, M. (1989). **Symbolisation**. *Revue Française de Psychanalyse*, Nº 6, 1989.
- Ferenczi, S. (1909). **Interpretação científica dos sonhos**. *Psicanálise I*. São Paulo: Martins Fontes (1991).

- Ferenczi, S. (1911). **Palavras obscenas: contribuição para uma psicologia do período de latência.** Psicanálise I. São Paulo: Martins Fontes (1991).
- Fréjaville, A. (1989). **Représenter, signifier, symboliser.** Revue Française de Psychanalyse, Nº 6, 1989.
- Freud, S. (1896). **Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa.** Obras Psicológicas Completas, III. Rio de Janeiro: Editora Imago (1987).
- Freud, S. (1900). **A Interpretação dos Sonhos.** Obras Psicológicas Completas, IV e V. Rio de Janeiro: Editora Imago (1987)
- Freud, S. (1907). **Delírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen.** Obras Psicológicas Completas, IX. Rio de Janeiro: Editora Imago (1987).
- Freud, S. (1910). **O significado antitético das palavras primitivas.** Obras Psicológicas Completas, XI. Rio de Janeiro: Editora Imago (1987).
- Freud, S. (1911). **Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (*Dementia Paranoides*).** Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas, XII. Rio de Janeiro: Editora Imago (1987).
- Freud, S. (1911). **Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental.** Obras Psicológicas Completas, XII. Rio de Janeiro: Editora Imago (1987).
- Freud, S. (1915). **O Inconsciente.** Obras Psicológicas Completas, XIV. Rio de Janeiro: Editora Imago (1987).
- Freud, S. (1916-17). **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise.** Obras Psicológicas Completas, XV e XVI. Rio de Janeiro: Editora Imago (1987).
- Freud, S. (1917). **Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos.** Obras Psicológicas Completas, XIV. Rio de Janeiro: Editora Imago (1987).
- Freud, S. (1922). **Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e na homossexualidade.** Obras Psicológicas Completas, XVIII. Rio de Janeiro: Editora Imago (1987).
- Freud, S. (1924). **A perda da realidade na neurose e na psicose.** Obras Psicológicas Completas, XIX. Rio de Janeiro: Editora Imago (1987).

- Freud, S. (1925). **A Negação**. Obras Psicológicas Completas, XIX. Rio de Janeiro: Editora Imago (1987).
- Freud, S. (1927). **O Fetichismo**. Obras Psicológicas Completas, XXI. Rio de Janeiro: Editora Imago (1987).
- Freud, S. (1939). **Moisés e o Monoteísmo**. Obras Psicológicas Completas, XXIII. Rio de Janeiro: Editora Imago (1987).
- Freud, S. (1940). **Esboço de Psicanálise**. Obras Psicológicas Completas, XXIII. Rio de Janeiro: Editora Imago (1987).
- Gibeault, A. (1981). **Symbolisme inconscient et symbolisme du langage**. Revue Française de Psychanalyse, N° 3, 1981.
- Gibeault, A. (1985). **Travail de la pulsion et représentation: représentation de chose et représentation de mot**. Revue Française de Psychanalyse, N° 3, 1985.
- Gibeault, A. (1989). **Destins de la symbolisation**. Revue Française de Psychanalyse, N° 6, 1989.
- Gibello, B. (1984). **A Criança com Perturbações de Inteligência**. Lisboa: Climepsi Editores (1998).
- Gori, R. (1975). **Entre o grito e a linguagem: o acto de fala**. In Didier Anzieu et al., *Psicanálise e Linguagem: Do Corpo à Fala*. Lisboa: Moraes Editores (1979).
- Gori, R. (1975). **O código ou a máquina de influenciar**. In Didier Anzieu et al., *Psicanálise e Linguagem: Do Corpo à Fala*. Lisboa: Moraes Editores (1979).
- Green, A. (1985). **Réflexions libres sur la représentation de l'affect**. Revue Française de Psychanalyse, N° 3, 1985.
- Grinberg, L.; Sor, D.; Tabak de Bianchedi, E. **Nueva Introducción a las Ideas de Bion**. Madrid: Tecnipublicaciones (1991).
- Houzel, D. (1994). **La conception dynamique de la représentation dans l'oeuvre de Freud**. Journal de la Psychanalyse de l'Enfant, N° 15, 1994.

- Lakoff, G. (1993). **How metaphor structures dreams: the theory of conceptual metaphor applied to dream analysis.** *Dreaming*, Vol. 3, N° 2, 1993.
- Laplanche, J.; Pontalis, J.-B. (1967). **Vocabulário de Psicanálise.** Lisboa: Editorial Presença (1990).
- Laplanche, J. (1992). **Le Primat de l'Autre en Psychanalyse.** Paris: Flammarion (1997).
- Levin, F. (1991). **Mapping the Mind: The Intersection of Psychoanalysis and Neuroscience.** Hillsdale: The Analytic Press (1991).
- Meissner, W.; Van Dam, H. (1978). **Colloquium on symbol formation.** *International Journal of Psycho-Analysis*, N° 57, 1978.
- Montgrain, N.-H. (1989). **Les mots de la folie.** *Revue Française de Psychanalyse*, N° 6, 1989.
- Nacht, S.; Racamier, P. (1958). **A teoria psicanalítica do delírio.** In Sacha Nacht, *Freud e a Psicanálise.* Lisboa: Moraes Editores (1979).
- Nicolaidis, N. (1984). **A Representação: Do Objecto Referente à Representação Simbólica.** São Paulo: Editora Escuta (1989).
- Ouaknin, M.-A. (1997). **Les Mystères de l'Alphabet.** Paris: Éditions Assouline.
- Perron, R. (1992). **Représentations, symbolisations, théorisations.** *Revue Française de Psychanalyse*, N° 1, 1992.
- Racamier, P. (1990). **Les Schizophrènes.** Paris: Éditions Payot.
- Rosolato, G. (1978). **Symbol formation.** *International Journal of Psycho-Analysis*, N° 59, 1978.
- Roulot, D. (1998). **Schizophrénie.** In Pierre Kaufman et al., *L'Apport Freudien: Éléments pour une Encyclopédie de la Psychanalyse.* Paris: Larousse-Bordas (1998).
- Rycroft, C. (1956). **Symbolism and its relationship to the primary and secondary processes.** *International Journal of Psycho-Analysis*, Vol. 37, 1956.

- Saussure, F. (1915). **Curso de Linguística Geral**. Lisboa: Publicações Dom Quixote (1995).
- Scharfetter, C. (1996). **Introdução à Psicopatologia Geral**. Lisboa: Climepsi Editora (1997).
- Searles, H. (1961). **La communication schizophrénique**. In Harold Searles, *L'Effort pour Rendre l'Autre Fou*. Paris: Gallimard (1977).
- Searles, H. (1972). **Réalisme des perceptions dans un transfert délirant**. Nouvelle Revue de Psychanalyse, N° 18, 1978.
- Segal, H. (1957). **Notas a respeito da formação dos símbolos**. In Hanna Segal, *A Obra de Hanna Segal*. Rio de Janeiro: Editora Imago (1983).
- Segal, H. (1978). **On symbolism**. International Journal of Psycho-Analysis, N° 59, 1978.
- Segal, H. (1991). **Sonho, Fantasia e Arte**. Rio de Janeiro: Editora Imago (1993)
- Sharpe, E. (1940). **Psycho-physical problems revealed in language: an examination of metaphor**. International Journal of Psycho-Analysis, Vol. 21, 1940.
- Sharpe, E. (1972). **Mécanismes du rêve et procédés poétiques**. Nouvelle Revue de Psychanalyse, N° 5, 1972.
- Shevrin, H. (1972). **Condensation et métaphore**. Nouvelle Revue de Psychanalyse, N° 5, 1972.
- Sperber, H. (1912). **O influxo de instâncias sexuais sobre o surgir da linguagem e sobre o seu desenvolvimento**. In Armando Verdiglione et al., *Feiticismo e Linguagem*. Lisboa: Edições 70 (1979).
- Spitz, R. (1965). **O Primeiro Ano de Vida**. São Paulo: Martins Fontes (1991).
- States, B. (1995). **Dreaming "accidentally" of Harold Pinter: the interplay of metaphor and metonymy in dreams**. Dreaming, Vol. 5, N° 4, 1995.

- Tausk, V. (1919). **On the origin of the influencing machine in schizophrenia.** The Psychoanalytic Reader, 1948.
- Tisseron, S. **Des mots et des images: rôle des images dans la cure.** Revue Française de Psychanalyse, N° 6, 1989.
- Wegener, P. (1885). **The Life of Speech.** Bristol: John Wright and Sons (1971)
- Wright, K. (1976). **Metaphor and symptom: a study of integration and its failure.** International Review of Psycho-Analysis, N° 3, 1976.